

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Mestrado em
Ensino em Biociências e Saúde

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PEDICULOSE: QUANDO O PIOLHO
INVADE A AULA E O PROFESSOR AFASTA O ALUNO

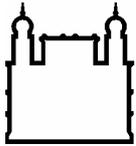
EDINÉA JERÔNIMO DOS SANTOS DE SOUZA ANDRADE

RIO DE JANEIRO
2006

Lombada

DISSERTAÇÃO MEBS – IOC

E.J.S.S. ANDRADE



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Pós-Graduação Stricto sensu em
Ensino em Biociências e Saúde

EDINÉA JERÔNIMO DOS SANTOS DE SOUZA ANDRADE

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PEDICULOSE: QUANDO O PIOLHO INVADE A AULA E O PROFESSOR AFASTA O ALUNO

Dissertação apresentada ao Programa de Ensino em Biociências e Saúde, do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino em Biociências e Saúde

Orientador: Prof. Dr. Júlio Vianna Barbosa

RIO DE JANEIRO

2006

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca de Manguinhos / CICT / FIOCRUZ - RJ

A553 Andrade, Edinéa Jerônimo dos Santos de Souza

Formação continuada em pediculose : quando o piolho invade a aula e o professor afasta o aluno / Edinéa Jerônimo dos Santos de Souza Andrade. – Rio de Janeiro, 2006.

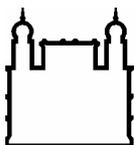
xiii, 129 f. : il. ; 30 cm.

Bibliografia: f. 124-129.

Dissertação (mestrado) – Instituto Oswaldo Cruz, Ensino em Biociências e Saúde, 2006.

1. Infestações por piolhos. 2. Educação em saúde. 3. Promoção da saúde. 4. Educação continuada. I. Título.

CDD: 610.071



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ
Pós-Graduação Stricto sensu em
Ensino em Biociências e Saúde

EDINÉA JERÔNIMO DOS SANTOS DE SOUZA ANDRADE

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PEDICULOSE: QUANDO O PIOLHO INVADE A
AULA E O PROFESSOR AFASTA O ALUNO

ORIENTADOR (ES): Prof. Dr. Júlio Vianna Barbosa

Aprovada em: 17/abril/2006

EXAMINADORES:

Prof. Dra. SIMONE SOUZA MONTERIO – Presidente - IOC/FIOCRUZ -
Prof. Dra. GUARACIRA GOUVÊA DE SOUSA – UNIRIO
Prof. Dr. EDSON FERREIRA LIBERAL – UFRJ

Rio de Janeiro, 17 de abril de 2006

Para compartilhar...

Para compartilhar a reflexão, crítica e autocrítica com todos os homens e todas as mulheres, que como eu, vêm neste poema, um pedido de socorro por mais ética, respeito, fraternidade, dignidade e resgate de valores do bem para todos os povos desse planeta, independente de credo, etnia, condição sócio-econômico-cultural e orientação sexual.

“Nós pedimos com insistência”:

Não digam nunca: isso é natural!

Diante dos acontecimentos de cada dia.

Numa época em que reina a confusão.

Em que corre o sangue,

Em que se ordena à desordem,

Em que arbitrário tem a força da lei,

Em que a humanidade se desumaniza,

Não digam nunca: isso é natural!”

Bertolt Brecht

AGRADECIMENTOS

Ao Criador por ter iluminado meus caminhos e o caminho daqueles que me cercam, dando-nos Luz, Serenidade e Sabedoria para contornar os momentos difíceis.

À Kamila, minha filha, ao meu pai João Jerônimo e meus amigos pessoais Gelson, Telma, Elialdo José, Igor Raphael, e Marcos Roca, Maria Éster, Júlio Vianna, Zeneida Teixeira, Pércide Verônica, Suely Lopes, Oneida Maria, Valdênia, Geraldo, Amélia Regina e Vânia Rogéria, pelo amparo incondicional que, para mim, enquanto existir, estas vidas serão sempre um porto, onde poderei ancorar as minhas angústias e dúvidas.

Às companheiras Maria Stela, Maria Éster, Simone Monteiro e Silvia Regina, que a todo o momento me faziam acreditar ser possível a construção deste trabalho, onde cada uma contribuiu de alguma forma para o momento da defesa desta Dissertação.

Ao meu orientador Júlio Vianna e a companheira Maria Stela que desde que começamos a trabalhar juntos nunca duvidaram da minha capacidade, ainda que, em determinados momentos, meu cotidiano estivesse contido na fragilidade dos poetas. Ainda assim, com carinho e sabedoria, cada um, a sua maneira, foram capazes de enxergar a força as vezes escondida, daquela que pretende ser poeta com a vida.

As companheiras: Pércide Verônica, com quem compartilho a orientação, idas e vindas de Congressos e a saudade dos nossos filhos. Zeneida e Sandra, sempre presentes e prestativas, me auxiliando nas minhas dificuldades, principalmente, as tecnológicas.

A Nilcéia Salles, Cosme Salles, Suely Lopes e Oneida Maria que, politicamente, vêm viabilizando a minha estada e as possibilidades de viabilização dos trabalhos que implemento na Secretaria Municipal de Educação de Itaboraí, uma vez que, a cada ano que passa, desde 2001, o Presidente e a Secretária Geral do Partido dos Trabalhadores do Diretório Municipal de Itaboraí/RJ, vêm intervindo de forma pessoal, solicitando a minha saída da Secretaria de Educação, o que inviabiliza a continuidade dos meus estudos e do trabalho que venho desenvolvendo junto à comunidade escolar.

A essas pessoas: João Jerônimo, Júlio Vianna, Nilcéia Salles, Maria Stela, Suely Lopes, Oneida Maria, Maria Éster, Simone Monteiro, Sílvia Regina, Pércide Verônica, Zeneida, Sandra, Gelson, Marcos Roca Vânia Rogéria, com as quais aprendi o real significado da palavra SOLIDARIEDADE.

A Secretária Municipal de Educação e Cultura Prof^a Nilcéia da Silva Salles e Subsecretárias Prof^a Maria Stela Pimentel, Prof^a Dalva Rangel, Prof^a Aurinéia Motta e Prof^a Hetieny Carmo, sempre colaboraram e estiveram prontas a compartilhar sobre importância do trabalho para a comunidade escolar.

Às colegas de trabalho e à comunidade escolar das 24 escolas, que tiveram a oportunidade de acesso ao conhecimento científico sobre pediculose e, que cada um dentro da sua realidade, valorizou e socializou esse conhecimento.

INDICE

	PÁGINA
RESUMO	xi
ABSTRACT	xiii
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Piolhos que parasitam o Homem.	1
1.1.1. As parasitoses e suas conseqüências.	1
1.1.2. Morbidade, Prevalência, Controle e Prevenção do <i>Pediculus humanus capitis</i> .	3
1.2. A Formação Continuada.	6
1.3. Educação em Saúde e Promoção da Saúde: uma breve abordagem utilizando a Formação Continuada em pediculose como eixo norteador.	9
1.3.1. O conceito atual de Saúde e a Promoção da Saúde: uma breve contribuição.	9
2. OBJETIVOS	13
2.1. Objetivo Geral.	13
2.2. Objetivos Específicos.	13
3. PERGUNTA / HIPÓTESE	14
4. METODOLOGIA	15
4.1. Parcerias Estabelecidas.	15
4.2. Perfil das Educadoras.	16
4.2.1. Caracterização dos Sujeitos	16
4.3. Perfil das Escolas.	16
4.4. A Formação Continuada em Pediculose – O Modelo de Formação.	17
4.5. Escolha do Método e Coleta de Dados.	23
4.6. Visita as Escolas após Formação Continuada em Pediculose.	26

5. RESULTADOS	28
5.1. A Formação Continuada em Pediculose – O Modelo de Formação.	29
5.2. Formação Continuada: levantando dados e concepções a partir de questionário semi -estruturado.	36
5.3. Visita as Escolas após Formação Continuada em Pediculose.	46
5.4. Apresentação dos Conteúdos, Procedimentos Metodológicos e Avaliação das Ações Contidas nos Projetos Desenvolvidos pelas Escolas.	60
5.4.1. Escola 1 – Projeto: PEDICULOSE – SAI PRÁ LÁ!	60
5.4.2. Escola 2 – Projeto: OPERAÇÃO PENTE-FINO.	62
5.4.3. Escola 3 – Projeto: PEDICULOSE.	64
5.4.4. Escola 4 - Projeto: ORIENTAÇÃO PARA A VIDA.	64
5.4.5. Escola 5 – Projeto: XÔ PIOLHO	66
5.4.6. Escola 6 – Projeto: O REINADO DO COÇA-COÇA ESTÁ POR UM FIO.	67
5.4.7. Escola 7 – Projeto: PREVENINDO-SE DA PEDICULOSE.	67
5.4.8. Escola 8 – Projeto: PEDICULOSE.	69
5.4.9. Escola 9 – Projeto: DE QUEM É A RESPONSABILIDADE?.	69
5.4.10. Escola 10 – Projeto: DIA EDUCACIONAL DA SAÚDE CAPILAR	71
6. DISCUSSÃO	72
6.1. O Educador e o Ensino: Quem são as profissionais que participaram do processo de Formação Continuada em Pediculose?	72
6.2. Caracterização das Escolas que Participaram da Formação: são espaços de interação ou de dicotomização entre a sociedade, seus profissionais e a comunidade?	76
6.3. A Formação Continuada em Pediculose: O modelo de Formação	78
6.3.1. Formação Continuada em Pediculose: levantando dados e concepções a partir de um questionário semi-estruturado.	83
6.4. Discussão dos Projetos Desenvolvidos nas Escolas	93
6.4.1. Escola 1. Projeto: PEDICULOSE – SAI PRÁ LÁ!.	93
6.4.2. Escola 2. Projeto: OPERAÇÃO PENTE FINO.	96
6.4.3. Escola 3: Projeto: PEDICULOSE.	100

6.4.4. Escola 4: Projeto: ORIENTAÇÃO PARA A VIDA.	100
6.4.5. Escola 5: Projeto: XÔ PIOLHO.	102
6.4.6. Escola 6: Projeto: O REINADO DO COÇA-COÇA ESTÁ POR UM FIO.	104
6.4.7. Escola 7: Projeto: PREVENINDO-SE DA PEDICULOSE.	107
6.4.8. Escola 8: Projeto: PEDICULOSE.	110
6.4.9. Escola 9: Projeto: DE QUEM É A RESPONSABILIDADE?.	113
6.4.10. Escola 10: Projeto: DIA EDUCACIONAL DA SAÚDE CAPILAR.	116
7. CONCLUSÃO	121
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	124

TABELAS

	PÁGINAS
Tabela 5.1: Escolas que não desenvolveram nenhum tipo atividade (projeto, ações pontuais ou atividades continuadas).	48
Tabela 5.2: Escolas que desenvolveram projetos.	49
Tabela 5.3: Escolas que desenvolveram atividades continuadas e/ou ações pontuais.	50
Tabela 5.4: Escolas que verificaram a diminuição de alunos infestados.	55
Tabela 5.5: Escolas que não foram percebidas a redução de alunos infestados.	56
Tabela 5.6: Escolas que realizaram ações pontuais e/ou atividades continuadas.	57

FLUXOGRAMA

	PÁGINAS
Fluxograma 1.1 – Rompendo barreiras e firmando parcerias – Proposta de um trabalho intersetorial e interdisciplinar.	11
Fluxograma 5.2 – Formação Continuada em Pediculose: Escolas que não desenvolveram atividades e escolas que desenvolveram atividades.	54

ANEXOS

ANEXO I: Cartilha “Tire esse bicho da cabeça.

ANEXO II: Folder informativo sobre a Formação Continuada.

ANEXO III: Caderno de Registros

ANEXO IV: Modelo de avaliação escrita utilizado durante a Formação

ANEXO V: Álbum seriado e cartilha “TIRE ESSE BICHO DA CABEÇA”

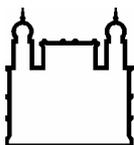
ANEXO VI: Fotos dos encontros da Formação Continuada.

ANEXO VII: Questionário semi-estruturado respondido durante a visita as 35 escolas que participaram da Formação.

ANEXO VIII: Ficha de Avaliação da Formação Continuada.

ANEXO IX: Protótipo desenvolvido pela Educadora de Creche – Fernanda Lobo, Inspetora de Alunos, como um dos instrumentos pedagógicos a ser utilizado com o público- alvo: alunos, pais e professoras

ANEXO X: 3 Projetos desenvolvidos pelas escolas.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

FORMAÇÃO CONTINUADA EM PEDICULOSE: QUANDO O PIOLHO INVADE A AULA E O PROFESSOR AFASTA O ALUNO

RESUMO / ABSTRACT

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

EDINÉA JERÔNIMO DOS SANTOS DE SOUZA ANDRADE

RESUMO

Este trabalho foi desenvolvido com 35 escolas do Município de Itaboraí/RJ em parceria com o Departamento de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ-RJ e Secretaria Municipal de Educação, respaldada em estratégias que visam a articulação entre a Formação Continuada de Professores e Pesquisa Qualitativa em Educação. Para coleta de dados foi utilizada a Pesquisa Documental do tipo técnico e pessoal. Para a análise e interpretação dos dados e conteúdos presentes nas falas das educadoras e nos documentos construídos durante a Formação, buscamos suporte na Análise de Conteúdo e Análise Descritiva. O trabalho tem como eixo temático na área de Biotecnologia e Saúde, o tema piolho/pediculose, numa perspectiva de Educação em Saúde e de Educação para a Saúde, preconizadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN): Temas Transversais – Meio Ambiente e Saúde, objetivando a construção conjunta de estratégias educacionais participativas, por meio das educadoras participantes da Formação Continuada em Pediculose: Quando o Piolho Invade a Aula e o (a) Professor (a) afasta o aluno. Após a Formação Continuada, as educadoras implementaram em suas Unidades Escolares Projetos Pedagógicos, ações pontuais ou ações continuadas sobre piolho/pediculose visando à saúde das crianças, importância do uso diário do pente fino como forma de prevenção a pediculose e alternativa não medicamentosa para o controle dessa ectoparasitose causada pela infestação por piolhos e lêndeas. A Formação Continuada pretendeu no ano de 2004, dar continuidade ao processo de Formação iniciado em 2003 e aos projetos iniciados e/ou discutidos. No todo, a Formação, atendeu 50 professoras/educadoras, representando na sua totalidade 35 escolas, nas modalidades de Creche, Educação Infantil a 4ª série, Educação Infantil a 8ª série, 1ª a 4ª série e 1ª a 8ª série. Como resultado da Formação Continuada, 10 escolas implementaram projetos pedagógicos e 9 apontam para a diminuição de alunos (as) infestados (as) por piolhos, 14 escolas desenvolveram ações pontuais e/ou ações continuadas conforme as suas demandas e necessidades e 13 afirmaram ter diminuído o número de alunos e alunas parasitados (as); 11 escolas

não desenvolveram qualquer tipo de ação educativa. Os resultados alcançados são animadores, pois, sinalizam que o fazer pedagógico voltado para ações educativas alicerçadas na saúde e na sua construção pessoal e coletiva, contribui para a aquisição e o compartilhamento de informações mais corretas, para o processo de construção do conhecimento gerando mudanças de hábitos e atitudes na comunidade escolar, devido à compreensão da necessidade dos cuidados com a parasitose e, oportunizando o processo de construção e internalização do conhecimento construído e pronto a ser socializado. Essas ações educativas são de suma importância, pois, levam a uma diminuição da incidência e prevalência frente a essa morbidade que, no senso comum, oportuniza o exercício do preconceito, da discriminação, do agravamento da pediculose e do aparecimento de doenças físicas, doenças sociais, doenças emocionais, tais como, as miíases e o impetigo, a exclusão do convívio por outros (as) escolares, o constrangimento, apelidos pejorativos, o bullying, a baixa-estima e dificuldades de aprendizagem.

ABSTRACT

This study was developed in 35 schools of the municipal district of Itaboraí/RJ in partnership with the Biology Department of the Oswaldo Cruz Institute/FIOCRUZ-RJ and Municipal Educational Department, based on strategies that aim the link between Teachers' Continued Formation and Qualitative Research in Education. To collect these data a technical and personal documental research was used. To the analysis and interpretation of the data and contents present in the speech of the educators and in the documents built during the Formation, we looked for support in the Contents Analysis and Descriptive Analysis. The study is centered in the area of Bioscience and Health, the theme lice/pediculosis, in a prospective of Health Education and Education for Health, preconized in the National Curricular Parameters (PCN): Transversal Themes – Environment and Health, having the goal to build participative educational strategies altogether, by means of teachers/educators who took part in the **Pediculosis Continued Formation: When The Louse Invades The Class And The Teacher Repels The Student**. After the Continued Formation, educators implemented pedagogical projects in their schools, through sharp actions or continued actions about lice/pediculosis, viewing the children's health and the importance of the daily use of toothcombs as a way of preventing pediculosis and non-medicamental alternative to the control of this ectoparasitosis caused by lice and nits infestation. The Continued Formation wished, in 2004, to continue the Process of Formation begun in 2003 and the projects already started and discussed. On the whole, the **Formation**, attended 50 educators, representing a total of 35 schools, such as nursery school, kindergarten, primary school and elementary school. As a result of the Continued Formation, 10 schools implemented pedagogical projects and 9 pointed out to a decrease of lice infested students, 14 schools developed sharp actions and/or continued actions according to their demands and necessities and 13 assumed to have diminished the number of infested students; 11 schools did not develop any kind of educational action. The results obtained are encouraging, because they demonstrate that the pedagogical managements directed to educational actions based on health and in its personal and collective construction, contribute to the acquisition and the sharing of correct information, to the process of the building knowledge causing changes in habits and attitudes in the schools community, due to the comprehension of the necessity of the care with parasitosis and promote the building process, and the internalization of the acquired knowledge ready to be socialized. These educational actions are very important, because they lead to the decrease of the incidence and prevalence of this morbidity that, in common sense, collaborate to prejudice, discrimination, pediculosis aggravation and the uprising of physical, social and emotional diseases, such as myiasis and impetigo, the social contact exclusion by other scholars, the coercion, the pejorative nicknames, the bullying, the low esteem and the learning difficulties.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Piolhos que parasitam o Homem.

Os piolhos humanos são ectoparasitos (parasitos externos ao corpo) pertencentes ao filo Artrópodes, classe Insecta, ordem Phthiraptera e subordem Anoplura. Possuem o corpo dividido em cabeça, tórax e abdômen, com três pares de pernas presas ao tórax. São ápteros (não possuem asas) e também não pulam de um hospedeiro para outro. A transmissão se dá através do contato direto com pessoas e/ou com o compartilhamento de fômites infestados (bonés, presilhas de cabelos, escovas, pentes, fronhas).

Na subordem Anoplura, apenas duas famílias apresentam espécies que parasitam o homem, todas são hematófagas e apresentam aparelho bucal picador-sugador retrátil. A família Pediculidae apresenta as espécies *Pediculus humanus capitis* De Geer, 1778, conhecido popularmente como “piolho da cabeça” e *Pediculus humanus humanus* Linnaeus, 1758, conhecido popularmente como “piolho do corpo ou muquirana”. Finalmente, a Pthiridae representada apenas pelo *Pthirus pubis* Linnaeus, 1758, o piolho da região pubiana conhecido popularmente por “chato” (Barbosa & Pinto, 2003).

1.1.1. As parasitoses e suas conseqüências.

Cada espécie de piolho diferencia-se das outras em diversos aspectos, dentre os quais o local em que se alojam e fazem a postura de seus ovos são conhecidos popularmente por “lêndeadas”, sobre o corpo humano. A infestação por piolhos e ovos denomina-se pediculose (piolho da cabeça e do corpo) e ftiríase (piolho da região pubiana). A seguir, serão descritas mais detalhadamente as parasitoses e suas conseqüências sobre a saúde humana. Iniciaremos pelo piolho do couro cabeludo, pois este parasito é o mote da nossa pesquisa.

O *Pediculus humanus capitis* aloja-se no couro cabeludo, preferencialmente na região da nuca e atrás das orelhas, devido às condições de temperatura e umidade ideais desses micro-ambientes.

Apesar de todo avanço científico e tecnológico, a infestação por *Pediculus humanus capitis* é uma das parasitoses mais freqüentes na infância. Segundo Barbosa & Pinto (1998) pode também infestar adultos independente da classe social, sexo ou etnia.

Para Linardi (2000, p. 368) o alto índice de pediculose na população estaria ligado aos seguintes fatores:

[...] resistência do Pediculus capitis aos inseticidas usuais, aumento da população e modificação dos hábitos sociais e afetivos, favorecendo o maior contato entre as pessoas (salas de aula cheias; transportes coletivos repletos e beijos faciais para cumprimentos); indiferença das autoridades em relação à infestação, ignorando-a ou considerando-a possivelmente como inofensiva e a falta de inspeção em determinados grupos, como por exemplo, o de idade pré-escolar, que funcionariam como reservatório.

As principais conseqüências dessa parasitose recaem, principalmente, sobre as crianças que se sentem psicologicamente mal quando se percebem infestadas, gerando um sentimento de vergonha. Por parte dos colegas, os parasitados sofrem com a exclusão do grupo e apelidos pejorativos gerando o Bullying na escola.

Para o autor, o baixo rendimento escolar da criança parasitada deve-se a hematofagia contínua, coceira e prurido incessante, o que ocasiona perturbação do sono e conseqüentemente a diminuição do rendimento escolar.

Existem casos em que o parasitismo pelo *Pediculus humanus capitis* é muito grande, levando a um quadro de infestação severa. Nesses casos, podemos associar o quadro a várias questões, tais como as péssimas condições sociais, que vão desde a falta de informação sobre a parasitose (agravos e maneiras simples de prevenção) o que caracteriza a ausência do Poder Público no campo da Educação e da Saúde, passando pelas condições econômicas e culturais até à falta de cuidado do adulto, que tem o dever de cuidar da criança em todos os aspectos, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 2003). Ainda nesse contexto, a questão da alimentação que é importante, pois crianças parasitadas de forma severa, tendo uma dieta alimentar pobre, com nutrientes em ferro, podem apresentar um quadro de

anemia, devido à sua deficiência, quando retirado do organismo em função da alta hematofagia (alimenta-se de sangue).

Quando o inseto inicia seu processo de alimentação, ao picar o hospedeiro, injeta, no local da picada, saliva contendo substâncias anticoagulante e anestésica, o que causa intensa coceira e prurido que é uma resposta imunológica à picada e não porque o parasito está andando sobre a cabeça do hospedeiro como diz a crença popular.

Segundo Barbosa & Pinto (2003), devido a essa intensa coceira, o hospedeiro acaba abrindo feridas no couro cabeludo, que são portas de entrada para infecções secundárias bacterianas, levando a um quadro de impetigo. As feridas abertas também podem levar a outros quadros de morbidades como as miíases (conhecidas popularmente por “bicheiras”). São infestações provocadas pela postura e presença de larvas vivas de moscas (*Conchlyomia hominivorax*) e um outro quadro descrito pelos autores em crianças com pediculose é a linfadenopatia regional, devido às reações imunológicas dos hospedeiros.

1.1.2. Morbidade, Prevalência, Controle e Prevenção do *Pediculus humanus capitis*.

Nesta seção, discutiremos em detalhes o *Pediculus humanus capitis*, o piolho do couro cabeludo, por ser o tema central da pesquisa em ensino realizada no presente trabalho. O *Pediculus humanus capitis* atinge preferencialmente o gênero feminino,

Segundo o autor, a infestação é mais prevalente no período de abril a setembro, com maiores picos nos meses de abril e agosto, coincidindo com o início e reinício das atividades letivas, logo após o período de férias e recesso. Esses achados nos permitem duas constatações que merecem maior atenção será que a criança chega à escola, vinda do lar já parasitada, funcionando como foco de infestação e reinfestação nesse espaço? Ou a criança vem do lar sem a parasitose e infesta-se e reinfesta-se na escola, levando a pediculose para a família? Esses questionamentos geram um incessante ciclo vicioso, no qual muitas mães/responsáveis culpam a escola pela parasitose dos seus filhos, e a escola culpa as mães/responsáveis. Percebemos que a saúde da criança é colocada em segundo plano, tanto pela escola quanto pela família. Com isso a escola não consegue aprofundar uma discussão entre os seus pares sobre as condições sócio-econômicas culturais dessas famílias e da comunidade escolar como um todo, e de que forma ela pode atuar para minimizar o problema e buscar soluções de acordo com a realidade da comunidade. Logo, a escola vem buscando maior interlocução e apoio para um trabalho educativo, preventivo ou curativo em casos mais graves com os postos do Programa de Saúde da Família (PSF).

Para o controle do *Pediculus humanus capitis*, Barbosa & Pinto (2003), indicam três medidas que são: controle químico, caseiro e educacional. No que se refere ao controle químico, existem vários medicamentos disponíveis no mercado, denominados pediculicidas, comercializados livremente sem receita médica e sem qualquer ação do Serviço de Vigilância Sanitária sobre farmácias, drogarias, clínicas e consultórios particulares, hospitais e PSF. Esses produtos são utilizados pela população leiga sem nenhuma orientação dos Profissionais do Programa de Saúde da Família, que obrigatoriamente, devem desenvolver um trabalho educativo-preventivo, buscando a educação em saúde como estratégia para a promoção da saúde junto à comunidade em que atuam, conforme preconiza o Sistema Único de Saúde (SUS).

Entre as drogas pediculicidas mais conhecidas, destaca-se o uso de produto à base de organofosforados e piretróides, tais como a deltametrina; permetrina e bioaletrina. Estes medicamentos não apresentam efeito esperado, devido à resistência apresentada pelos piolhos em consequência, provavelmente, da seleção de variedades resistentes, em função do uso indiscriminado e da automedicação feita pela população.

Como resultado deste desenfreado e lucrativo sistema, cada vez mais a indústria farmacêutica lança medicamentos pediculicidas (Barbosa & Pinto, 2004). Um dos últimos lançamentos é a Ivermectina, administrada por via oral, e que está sendo utilizada pela população de forma desenfreada e sem nenhuma informação dos serviços de saúde sobre os possíveis efeitos colaterais, como também os pediculicidas de uso tópico, veiculados pela mídia, vendendo a ilusão do “use hoje e amanhã a criança não terá mais piolhos”. A informação que traz é impossível de ser lida na tela da tv, para minimizar, coloca-se na mesma a seguinte informação: “Ao persistirem os sintomas o médico deverá ser consultado”.

Posto isso, avaliamos que é uma concorrência desleal, porque a escola trabalha com a perspectiva de mudança de hábitos e atitudes individuais e coletivas, uma vez que reforça com o seu trabalho pedagógico: a observação diária da cabeça pelas mães e/ou responsáveis; o uso diário do pente-fino e a catação das lêndeas; a tomada de consciência por todos e todas sobre importância da interrupção do ciclo de vida do parasito, utilizando os métodos naturais de controle e tratamento da parasitose (revista diária da cabeça, uso do pente fino e catação), e, dar continuidade ao trabalho pedagógico de forma a controlar e prevenir a morbidade no espaço escolar. Diferentemente da indústria farmacêutica que visa uma resposta imediata com o uso de medicamentos.

O trabalho de Barbosa & Pinto (2004) esclarece que a Ivermectina:

É administrada em dose única via oral, deve-se destacar que tal medicamento não tem aprovação como pediculicida pelo Food and Drug Administration (FDA), órgão Norte Americano que aprova os medicamentos e os alimentos para uso e consumo humanos.

Quanto ao controle caseiro, Barbosa & Pinto (2003) alertam que a população tem usado qualquer medida para acabar com os piolhos. De acordo com o trabalho de controle caseiro, encontram-se as receitas caseiras; observa-se o uso de vinagre, solução de água e sal, solução 1:1 de vinagre e água para retirada das lêndeas, ou xampu feito à base de ervas vulgarmente conhecidas como boldo (*Plectranthus barbatus*) melão de São Caetano (*Marrubium charantia* L) e arruda (*Ruta graveolens*). Embora, extremamente promissor, pouco ou nada se sabe sobre o real

efeito dessas plantas no controle do piolho, além de dados puramente empíricos, ou seja, relatos da própria população sobre a eficácia dos mesmos.

Quanto à Medida Educacional, que é o foco da pesquisa em tela, os autores acima citados, afirmam que:

[...] é indiscutível o uso do pente-fino para o controle da pediculose, medida que é milenar, pois retiram os piolhos adultos machos e fêmeas, ninfas, e às vezes, algumas lêndeas. O que pode explicar a existência desse tipo de pente em quase todas as embalagens pediculicidas.

Esses pesquisadores do Departamento de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, vêm desenvolvendo, há alguns anos, um Programa Educacional de controle da pediculose, que além de esclarecer à população em geral sobre os agravos ocasionados pelo piolho/pediculose e o uso indiscriminado de produtos químicos e tóxicos, por meio do Serviço Disque Piolho, também desenvolvem um trabalho educacional, utilizando estratégias como conversas com a comunidade, buscando a troca de informações com o objetivo de sensibilizar pais/mães/responsáveis, professores (as) e alunos (as) sobre os agravos já citados. O fecho do trabalho se dá com a distribuição de pente fino e da cartilha “Tire esse bicho da cabeça”, que sintetiza, por meio de figuras associadas a pequenos textos explicativos, informações científicas mais corretas sobre o parasito, a doença, formas de infestação, prevenção associada ao uso diário do pente fino, catação e a utilização da solução de água com vinagre, na proporção de 1:1 para a retirada das lêndeas.

1.2. A Formação Continuada.

A Formação Continuada é garantida pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394/96 em seu artigo de nº 80. Os Referenciais para Formação de Professores (2002, p. 70) são colocados em seu texto devidamente regulamentado, o que tange a competência do Ministério da Educação sobre a temática em tela:

[...] A formação continuada é necessidade intrínseca para os profissionais da educação escolar e faz parte de

mobiliza todas as possibilidades e saberes dos profissionais envolvidos:

- A valorização do conhecimento docente e dos saberes profissionais presentes no cotidiano escolar;
- O local de trabalho como base do processo;
- A consideração das vivências e da experiência profissional construída pelo professor;
- A articulação com o projeto da escola
- As especificidades da instituição escolar e da escola.

Laura Feuerwerker (2004, p. 7) da Secretaria de Gestão da Educação e do Trabalho em Saúde (SGTES/MS) proponente da política de educação permanente para os profissionais de saúde define, assim, a educação continuada :

Como pressuposto pedagógico o “conhecimento preside/define as práticas; o objetivo principal é a atualização de conhecimentos específicos; o público são profissionais específicos, de acordo com os conhecimentos a serem trabalhados; o modus operandi é descendente. A partir de uma leitura geral dos problemas, identificam-se temas e conteúdos a serem trabalhados com os profissionais, geralmente sob o formato de cursos; as atividades educativas dão-se através de cursos padronizados – carga horária, conteúdo e dinâmicas definidos centralmente. As atividades são construídas de maneira desarticulada em relação à gestão, à organização do sistema e ao controle social. A atividade educativa é pontual, fragmentada e se esgota em si mesma.

1.3. Educação em Saúde e Promoção da Saúde: uma breve abordagem utilizando a Formação Continuada em pediculose como eixo norteador.

Nesta seção, visamos contribuir com a discussão sobre os temas educação em saúde e promoção de saúde, enfocando o tema central da presente dissertação. Pretendemos destacar a importância das escolas como espaços sociais, adequados para a promoção da saúde de crianças, adolescentes, jovens e adultos, uma vez que podem “com eficácia, promover sua saúde, auto-estima, comportamentos, além de habilidades para a vida cotidiana, tais como, capacidades para tomada de decisões, comunicação e compreensão de emoções, pensamento crítico e manejo de estresse” (Referenciais para Formação de Professores, 2002).

Iremos também focalizar a nossa abordagem no piolho e pediculose à luz da educação em saúde e promoção da saúde, visto que, o parasito e as desordens físicas, sociais e emocionais sofridas pelo parasitado, representam um grande problema de Saúde Pública no Brasil e no Mundo, embora não sejam reconhecidos como tal. Muitas vezes, agravando ainda mais esta situação, tanto o inseto quanto a patologia é banalizada pela população leiga como também pelos profissionais de Saúde e Educação (Linardi, 2000), levando à endemia desta morbidade em espaços como creches/escolas, ou em outros locais em que haja aglomerado populacional em contato próximo, criando um ciclo vicioso de infestação e reinfestação.

1.3.1. O conceito atual de Saúde e a Promoção da Saúde: Uma Breve Contribuição.

A Constituição Federal de 1988 é um marco para o setor da saúde, porque o definiu como setor de relevância pública, ficando o Estado, a partir desta definição, obrigado a garantir as condições necessárias à saúde da população. A nova Constituição formulou um novo conceito de saúde, assim expresso em seu artigo 196:

A Saúde é direito de todos e dever do Estado, garantindo mediante políticas sociais e econômicas que visem à redução do risco de doenças e de outros agravos e ao acesso universal e igualitário às ações e serviços para a sua promoção, proteção e recuperação.

Este novo significado de saúde passou a exigir novas práticas de saúde porque, ao ampliar o conceito de saúde, tornou-se necessária uma mudança na organização e nas formas de prestação destes serviços.

Em 1990, surge a Lei 8080, criando o Sistema Único de Saúde – SUS – que em seu artigo 2º, parágrafo 3º afirma:

A saúde tem como fatores determinantes e condicionantes, entre outros, a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, o transporte, o lazer e o acesso a bens e serviços essenciais; os níveis de saúde da população expressam a organização social e econômica do País.

O reconhecimento da determinação social das doenças exige novas maneiras de enfrentar as questões ligadas à saúde. Neste contexto, ganha força, a concepção integral da saúde, que traz em sua matriz, o desenvolvimento de ações preventivas e curativas. É reforçada a necessidade de desenvolvimento de ações voltadas para a erradicação das causas sociais das doenças, tais como a garantia de oferta de saneamento básico, o aumento da oferta de emprego e o acesso à educação.

Neste contexto, começa a se delinear o movimento de promoção de saúde no Brasil. Segundo Santos (2003). Este movimento inicia-se com a Carta de Ottawa (1986), que valoriza ações positivas nas práticas educativas em saúde. Ao mesmo tempo em que alicerça a identidade entre os conceitos de saúde e qualidade de vida, a autora coloca a escola como ponto central para as ações de promoção de saúde, ao afirmar que:

[...] a escola tem representado local adequado para as práticas educativas em saúde, tendo em vista seu papel formador e as suas potencialidades no sentido de desenvolver habilidades, estimular atitudes e canalizar interesses para o desenvolvimento de estilos de vida saudáveis.[...] muitas escolas realizam seu trabalho tendo como pano de fundo amplas articulações com a comunidade interna e externa.

Para Bus a

devem ter papel decisivo na formulação de políticas que favoreçam espaços saudáveis como a proposta de Escolas Promotoras de Saúde.

A respeito da temática Formação Continuada, avaliamos que há muito que discutir e amadurecer sobre o assunto. Para Charlier (2001) a “formação contínua dos professores encontra-se em vias de institucionalização e está ainda à procura do seu lugar”. Para Nóvoa (1997, p. 54) atualmente é a “formação contínua de professores que se encontra na ordem do dia”.

Nosso estudo foi realizado no município de Itaboraí/RJ; é semelhante a outros municípios do Rio de Janeiro, no sentido de, também apresentar alta incidência de pediculose nas escolas. Por essa razão, em função de uma demanda reprimida, identificada pelas escolas e levada à Secretaria Municipal de Educação (SEME), o município procurou profissional de educação ou saúde habilitado na temática, que pudesse atender a essa demanda. Não encontrando, a SEME propôs uma parceria com o Departamento de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ, visando a ações que articulem pesquisas sobre estratégias de Formação Continuada e Pesquisa qualitativa em Educação. As instituições propõem um projeto que objetiva a construção e a implantação conjunta de uma dinâmica educacional referendada por Barbosa & Pinto (2003) pensada durante a Formação Continuada e construída no espaço da escola, após formação, que pudesse promover mudanças de hábitos e atitudes na comunidade escolar e, desta forma, refletir na redução e controle da pediculose e suas conseqüências.

Posto isto, a partir de setembro de 2003, demos início ao projeto de formação continuada em pediculose e, no ano de 2004, continuamos com a ação. É de nosso entendimento que, após a instrumentalização ocorrida durante a formação, as propostas de intervenções nas escolas deveriam brotar das experiências cotidianas das educadoras e seus pares na Unidade Escolar. E, enquanto cidadãos e educadoras, serem capazes de modificar a situação de morbidade em relação aos alunos portadores de pediculose e suas implicações sociais, físicas e emocionais, que já vêm se arrastando há anos no espaço escolar.

Nenhum trabalho de Formação Continuada de educadores sobre a temática piolho/pediculose e seus agravos, conseqüências sociais, físicas e emocionais, buscando mudanças de hábitos e atitudes, foi encontrado registrado nas literaturas

educacional, médica ou em outra correlata, o que vem corroborar a originalidade desta dissertação.

Confirmando a linha que traçamos em relação ao trabalho que vinha sendo desenvolvido durante a formação, buscamos suporte no de Branco et al (1996, p. 16-17) quando afirmam que:

[...] A estratégia de formação pretende gerar uma conscientização sobre as limitações da formação do professor e criar condições para que os profissionais desenvolvam atividades continuadas. Desta forma,

- 2. Oferecer suporte teórico-científico-pedagógico e acompanhamento na ponta às educadoras participantes da Formação Continuada: Quando o Piolho invade a aula e o professor (a) afasta o (a) aluno (a), objetivando a inserção dessa temática no Projeto Político-Pedagógico da Escola.

- 3. Promover Formação Continuada em Pediculose: Prevenção e Promoção da Saúde junto à comunidade escolar para aproximadamente 50 educadoras que atuam desde a Creche à 8ª Série do Ensino Fundamental do Município de Itaboraí/ RJ.

3. PERGUNTA/HIPÓTESE

A partir da Formação Continuada em Prevenção e Tratamento não medicamentoso da Pediculose, numa perspectiva de Promoção e Educação em Saúde, o (a) educador (ra), ao adquirir conhecimento teórico-científico e prático sobre a temática, encontra-se embasado para desenvolver ações educativas – preventivas e tratamento não medicamentoso, junto à comunidade escolar, pautando suas ações – individual ou coletiva, em mudanças de atitudes, hábitos, valores como metas à qualidade de vida, possibilitando a redução de casos dessa morbidade e suas complicações. Com base nessas premissas, nossa pergunta junto à hipótese de trabalho foi: a realização de um trabalho sistematizado a ser desenvolvido nas escolas, numa perspectiva de Prevenção, Promoção e Educação em Saúde pode contribuir para uma mudança de hábitos e atitudes da comunidade escolar, levando a uma redução da incidência e prevalência da PEDICULOSE?

4. METODOLOGIA

Para facilitar o entendimento da metodologia utilizada, a descreveremos, nos seguintes tópicos: Parcerias Estabelecidas; Perfil das Educadoras; Perfil das Escolas; Formação Continuada em pediculose – o modelo de formação; Escolha do Método e Coleta de Dados, e Visita as escolas após a Formação Continuada.

4.1. Parcerias Estabelecidas.

Para o desenvolvimento da Formação Continuada em Pediculose no município de Itaboraí/RJ e posteriores ações nas escolas sobre a temática, fez-se necessária uma parceria entre o Departamento de Biologia do IOC/FIOCRUZ e Secretaria Municipal de Educação (SEME), em que ficaram delimitados papéis das Instituições envolvidas no processo.

Nesta parceria, a Secretaria Municipal de Educação, por meio da Professora, Assessora Pedagógica em ações Educativas em Saúde e Especialista em Educação Científica em Biologia e Saúde, Edinéa Jerônimo dos Santos de Souza Andrade, autora desse projeto, comprometeu-se a:

- Sensibilizar e instrumentalizar pedagogicamente os profissionais da educação da rede de ensino por meio de formação técnico-científico-pedagógica sobre a temática pediculose.
- Criar um núcleo de coordenação e assessoria pedagógica para atuar em ações educativas de educação em saúde sobre a temática pediculose, visando o auxílio às demandas surgidas após a formação, ficando a coordenação a cargo da autora da presente dissertação.
- Oferecer apoio logístico para a reprodução da cartilha “Tire esse bicho da cabeça”, além de outros materiais pertinentes à formação, como textos e artigos.

Em contrapartida, o Departamento de Biologia, na figura do pesquisador Dr. Júlio Vianna Barbosa, assumiu o compromisso de:

- Realizar a instrumentalização teórico-científica dos profissionais da rede de ensino, o que ocorreu no Município e também na Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) / Instituto Oswaldo Cruz (IOC) / Departamento de Biologia.
- Estimular a parceria entre a Secretaria Municipal de Educação, as escolas e o Departamento de Biologia, buscando maior interlocução entre educadores e pesquisador.
- Oferecer, para o município de 2000, cartilhas “Tire esse bicho da cabeça” para livre reprodução e dois álbuns seriados com a mesma denominação (ANEXO I) para utilização nas escolas após a formação.

4.2. Perfil das Educadoras

4.2.1. Caracterização dos Sujeitos:

As características sócio-demográficas e profissionais da amostra de estudos (n= 50) revelam que, nesse grupo, houve a participação somente do gênero feminino, a faixa etária entre 23 a 47 anos de idade e a grande maioria casada e com filhos. O tempo de atuação no magistério municipal entre 1(um) a 26 anos de experiência.

Quanto à formação profissional, 28 apresentam Especialização Lato Sensu na área educacional, 12 com 3º grau completo, oito concluindo o 3º. Grau, e dois com ensino médio completo.

Em relação à função que exercem na escola, constatamos que são: 14 diretores, 18 coordenadores pedagógicos, 16 docentes, um auxiliar de secretaria e uma inspetora de alunos.

4.3. Perfil das Escolas

A Rede Municipal de Educação de Itaboraí atende as modalidades de Creche, Educação Infantil, Educação Especial, primeiro segmento do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série), segundo segmento do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e Educação de Jovens e Adultos – EJA, na modalidade Suplência e Regular Noturno (1ª a 8ª série).

A Rede contava em 2004 com 1.698 Professores, incluindo desde Regentes (Professores que atuam em sala de aula) a Extraclasse: Diretor, Coordenador Pedagógico, Orientador Educacional, Psicólogo Educacional, Secretário Escolar, Auxiliar de Secretaria e Dirigente de Turno.

As 35 escolas participantes da formação estão distribuídas, quantitativamente, quanto à modalidade que atendem: três são Creches, sete atendem da Educação Infantil à 4ª Série, cinco da Educação Infantil à 8ª. Série, 14 de 1ª a 4ª Série e, finalmente, seis de 1ª a 8ª Série.

4.4. A Formação Continuada em Pediculose – O Modelo de Formação

Para participar da formação, as 50 educadoras (oito da turma do ano de 2003 e 42 da turma do ano de 2004) fizeram inscrição prévia na Secretaria Municipal de Educação (SEME), receberam um folder (ANEXO II) com todas as informações relevantes sobre a formação e assumiram o compromisso verbal de não só disseminar as informações, como também montar um projeto simples sobre o tema e implementá-lo junto à sua escola. Os profissionais participantes da formação, não tiveram liberação de ponto, portanto a participação deu-se por adesão (o profissional participou fora do seu horário de trabalho).

Inscreveram-se para a Formação Continuada em Pediculose 57 escolas das 59 Unidades Escolares. A formação teve a participação efetiva de 35 escolas, o que representa 59% da Rede Pública Municipal, com duração de 60 horas divididas em sete encontros de quatro horas e dois encontros de oito horas realizados ao longo de um período de aproximadamente 40 dias. As 16 horas restantes foram destinadas à reunião nas escolas, que deveriam ser negociadas pelas cursistas junto à equipe técnico-pedagógica e demais profissionais, para sensibilização do grupo e repasse dos pontos da formação que julgassem relevantes, e implantação do projeto na escola, exigência da coordenação da formação.

Ao longo dos encontros, investimos na formação científico-técnico-pedagógica e buscamos em vários momentos a interface entre cientista e educadores. No transcorrer das atividades, passamos um caderno que denominamos caderno de registros (ANEXO III) onde as cursistas puderam registrar as suas reflexões, críticas e sugestões (anonimamente ou identificando-se, a critério de cada um). Após cada

encontro, buscamos avaliar cada um de forma mais diversificada possível, o que nos servia de orientação para avançarmos com o trabalho.

No caso da pediculose, buscamos tanto promover mudanças conceituais e comportamentais em relação a essa morbidade como, também, direcionar um trabalho junto às educadoras de melhor qualidade, para que chegassem até à comunidade escolar com menos preconceitos e tabus, e conhecimentos científicos e pedagógicos sólidos sobre o tema. A seguir, apresentamos uma breve descrição dos encontros e de suas etapas.

1º ENCONTRO: Fizemos a abertura fazendo a seguinte provocação: Pediculose e piolho – o que isso tem a ver com a escola? Esta pergunta permeou todos os encontros. A seguir, fizemos a apresentação pessoal de cada participante, pedimos para que falassem o cargo que ocupavam na escola e perguntamos qual expectativa que cada um trazia em relação ao curso.

Logo após, realizamos uma oficina quebra-gelo para integração. A técnica consistia na escolha aleatória de um par. Estes deveriam conversar por, aproximadamente, três minutos sobre o principal motivo que o levou a frequentar o curso. A seguir, formou-se um grupão onde cada um da dupla explicava pelo outro sobre este por quê?

Na seqüência, como técnica de sensibilização, fizemos a leitura compartilhada do texto “Duas reflexões sobre animais”. Nosso objetivo foi promover reflexão/discussão sobre a importância do fazer acontecer no cotidiano profissional do educador, pois segundo Freire (1999) *“na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. Pensando criticamente na prática de hoje é que se pode melhorar a próxima prática.”*

Dando continuidade ao encontro, realizamos a oficina denominada tempestade de idéias, onde cada participante recebia um pedaço de papel em branco e era solicitado a escrever três palavras relacionadas a pediculose. Depois, recolhíamos os papéis, trocávamos entre os participantes que não poderiam pegar os próprios papéis; caso acontecesse, era devolvido a facilitadora e esta entregava-lhes outro.

Cada participante lia as palavras e argumentava o porquê ou o quê o colega quis dizer ao escrever cada palavra. Neste momento, o grupão concordava, discordava

ou acrescentava dados à fala da colega. A facilitadora listava as palavras que cada educadora enfatizava na sua fala. Em seguida, solicitamos, ao grupo que iniciou a formação em 2003, a fazer um breve relato sobre a experiência que estavam vivenciando com a implantação ou não de um projeto nas suas respectivas escolas.

Ao final do primeiro encontro, pedimos aos professores que preenchessem uma ficha de avaliação (ANEXO IV) visando a uma reflexão e à auto-avaliação, por parte da facilitadora e pesquisadora Edinéa Jerônimo dos Santos de Souza Andrade, buscando dessa forma, suprir lacunas, no segundo momento de formação.

O conteúdo das falas das educadoras, que estão contidas nesses documentos, será transcrito e analisado nos resultados da pesquisa.

2º ENCONTRO: Ocorreu em horário integral – nove horas às dezessete horas – na FIOCRUZ, com vistas à complementação científica das cursistas do ano de 2003. Este aconteceu em dois momentos: Visitas orientadas ao Parque da Ciência e a Biblioteca de Manguinhos, num primeiro instante, onde as educadoras puderam ter o seu primeiro contato com a literatura científica (periódicos científicos).

Depois, visitamos o Departamento de Biologia – IOC/FIOCRUZ. Mais especificamente, a nossa visita foi direcionada ao laboratório do Doutor Julio Vianna Barbosa, onde vivenciamos, mais uma vez, a interface entre cientista e educadoras, já que elas tiveram oportunidade de estar no local de trabalho de um cientista, que também, estava atuando como formador em nosso município. O momento foi muito rico, pois as professoras puderam aprofundar as discussões sobre os projetos que estavam implementando em suas respectivas escolas, além de tirarem dúvidas e aprofundarem os conhecimentos sobre pediculose, piolho e medicação e automedicação.

Como encerramento deste encontro, as professoras montaram lâminas de piolho (que foram doadas para que levassem para a escola), observaram no microscópio e obtiveram, de forma prática, informações como: o reconhecimento do dimorfismo sexual do inseto, piolho fêmea “grávida” (com lêndeas = ovos em seu interior), estruturas do corpo do inseto, as diferenças morfológicas entre os piolhos machos e fêmeas.

Neste encontro, buscamos sensibilizá-las propondo-lhes o desafio para continuidade dos trabalhos e chamando a atenção para a necessidade de “um olhar especial” sobre um projeto contínuo e sempre inacabado sobre a pediculose e questões relacionadas à saúde no espaço escolar.

3º ENCONTRO: É iniciado com a oficina denominada abaixo – assinado (Longo & Silva, 1997) que tem como objetivo demonstrar e discutir a rapidez com que a pediculose pode se propagar, e abordar previamente as formas de detê-la. Após, distribuímos a primeira parte do questionário semi-estruturado “Levantando Dados e Concepções”.

A seguir, o Dr. Júlio Vianna Barbosa aborda a temática Pediculose: Prevenção e Promoção da Saúde junto à comunidade escolar e a importância da pesquisa e atualização na prática profissional do Educador, por meio de seminário com projeção de slides e interlocução com as cursistas. Este momento foi compartilhado com 16 enfermeiros (as) do Programa de Saúde da Família (PSF) local que foram convidados pela SEME, por meio da sua Coordenação Geral.

4º ENCONTRO: Iniciamos com uma oficina denominada “Construindo uma torre” que teve a intenção de levar o grupo a fazer uma reflexão sobre a importância do planejamento em qualquer ação que desejamos colocar em prática, e também, do trabalho coletivo e colaborativo para atingirmos metas almejadas nesse planejamento. A oficina consistia em:

✓ Divisão do grupo em grupos menores de cinco componentes que não pertencessem à mesma escola.

✓ Cada grupo recebia 20 folhas de papel ofício, uma régua de 30cm, uma tesoura pequena e 1(um) vidro de cola. A facilitadora explicava aos grupos que eles teriam cinco minutos para planejar a estrutura desta torre por escrito, a seguir 15 minutos para a construção desta que deveria ser produzida com tiras de dois centímetros de altura, perfazendo altura total de no máximo 30 cm., e que esta deveria suportar no seu topo por 1(um) minuto o peso da tesoura. A seguir, abríamos para o grupão a discussão sobre as facilidades e dificuldades encontradas para a execução coletiva das ações planejadas.

Esta oficina teve como proposta mais abrangente, a discussão da importância metodológica/pedagógica de construção de um projeto e as dificuldades para a sua construção coletiva e sua real implementação.

A seguir, foi solicitada aos grupos a montagem de um projeto padrão sobre a temática pediculose, a ser desenvolvida nas escolas, respeitando as especificidades de cada uma. Em consequência da solicitação de quatro cursistas, realizamos ainda formação continuada em serviço para os demais profissionais da escola como uma das etapas de seu próprio projeto. Com essa proposta, atendemos quatro escolas no ano de 2004.

Num segundo momento, trabalhamos com a utilização de material informativo (folhetos, cartilhas e folders) utilizado pelo profissional de Educação, muitas vezes de forma panfletária, objetivando apenas acrescentar informações ou ilustrar o conteúdo abordado em aula com os alunos. Neste encontro, realizamos uma oficina de avaliação destes materiais informativos; discutimos a riqueza do papel pedagógico que este pode vir a assumir no auxílio ao professor, sendo mais um recurso didático. Este trabalho se fez necessário, uma vez que tínhamos como recurso para ser trabalhado nas escolas, após a formação, o álbum seriado e a cartilha “Tire Esse Bicho da Cabeça” (ANEXO V). Era nosso desejo que os professores saíssem desse Encontro com uma visão mais reflexiva e crítica da utilização destes materiais paradidáticos com os alunos.

5º ENCONTRO: Este momento foi destinado a um seminário que teve como objetivos: o relato; a troca de experiência; mostra de materiais produzidos pelas cursistas em suas escolas; apontar resultados, dificuldades e pendências. Neste encontro, percebemos que boa parte das cursistas conseguiu “cavar” espaço em suas escolas, sensibilizando os demais profissionais para a inserção da temática nas escolas.

6º ENCONTRO: Foi realizado na FIOCRUZ, em horário integral de 9 horas às 17 horas, objetivando aprofundar discussões, conhecimentos e metodologia com as educadoras que iniciam a formação em 2004. Para este Encontro, utilizou-se da mesma metodologia descrita no 2º encontro, exceto a montagem de lâminas com

piolhos e observação ao microscópio. Foram visitadas as instalações de outros espaços: o Castelo e o Espaço Biodiversidade. Finalizando o encontro, solicitamos às educadoras que preenchessem uma avaliação (ANEXO VII) que será melhor detalhada nos resultados.

7º ENCONTRO: Este teve como objetivo avaliar os projetos construídos, a partir do 4º Encontro, e que deveriam estar sendo desenvolvidos nas escolas, e os seus resultados. Criamos um espaço de discussão e troca, onde os professores tiveram a oportunidade de formalizar no espaço da formação as experiências realizadas na escola, aperfeiçoá-las, preparar outra e enriquecerem-se com a socialização entre os colegas.

8º ENCONTRO: Iniciamos o Encontro objetivando inicialmente a sensibilização, e utilizamos como recurso a música “Piolho”, de Bia Bedran. A seguir, solicitamos que, em grupo ou individualmente, as cursistas fizessem uma produção artística com a música.

Mais adiante resgatamos o encontro anterior, para que as escolas que faltaram pudessem se colocar. Em seguida, fizemos uma oficina abordando informações sobre piolho, pediculose e suas conseqüências sociais, físicas e emocionais que denominamos “dançando com as cores e trocando figurinhas” que consistiu em: dividir o grupão em quatro grupos e aleatoriamente cada um escolhia uma cor para o seu. Cada grupo recebia uma caneta hidrocor que representava a cor escolhida pelo grupo, e uma pergunta que antes de ser respondida deveria ser discutida pelo grupo por dois minutos, e somente, após o consenso, a resposta deveria ser registrada com a caneta hidrocor. No total, foram quatro perguntas e todas deveriam passar pelos quatro grupos, e serem respondidas com a cor do grupo (azul, verde, vermelho e amarelo). A atividade teve duração média de 20 minutos e as respostas obtidas com essa oficina serão detalhadas nos resultados da pesquisa.

As perguntas foram lidas, após passarem por todos os grupos, com as respectivas respostas para o grupão; abrimos para discussão, e avaliação do conteúdo das respostas e posterior correção, caso fosse necessário. Neste momento, as equipes retificaram e fizeram adendo às respostas. Dando-se início ao fechamento do

Encontro, solicitamos que as escolas fizessem a entrega de cópias dos projetos que estavam desenvolvendo em suas escolas. Neste encontro foi distribuída a segunda parte do questionário semi-estruturado.

9º ENCONTRO: Foi destinada a uma atividade Intersetorial, denominada “Mesa Temática: Ambiente e Saúde” cujo objetivo foi integrar os profissionais de Educação e Saúde num evento, onde foram discutidas as temáticas: Dengue e Pediculose sob a forma de Stand e Comunicação oral. Expondo a temática Pediculose, tivemos a participação de cinco escolas sendo três na forma de Stand e Comunicação Oral e duas sob a forma de Stand. Esta parceria entre as Secretarias Municipais de Educação e Saúde vem acontecendo sistematicamente desde 2002, onde temos trabalhado de forma continuada, a temática Dengue, Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS, e mais recentemente, a Pediculose, a Hanseníase e a Tuberculose.

Seguem em (ANEXO VI) algumas fotos dos encontros supracitados.

4.5. Escolha do Método e Coleta de Dados.

Para responder aos objetivos propostos nessa formação continuada e os seus desdobramentos junto à comunidade escolar, traçamos como linha teórico-metodológica a Pesquisa Qualitativa em Educação, que segundo Lüdke & André (1986 p. 5-6):

Cada vez mais se entende o fenômeno educacional como situado dentro de um contexto social, por sua vez inserido em uma realidade histórica que sofre toda uma série de determinações. Um dos desafios atualmente lançados à pesquisa educacional é exatamente o de tentar captar essa realidade dinâmica e complexa do seu objetivo de estudo, em sua realização histórica.

Para a coleta dos dados, enquanto abordagem qualitativa, buscamos a Análise Documental como instrumento de coleta, pois segundo as autoras acima, no que se refere a este tipo de Pesquisa Qualitativa, definem:

Esta tem o ambiente natural e as pessoas como 'fonte natural' da pesquisa. É descritiva porque está interessada em descobrir e observar fenômenos, procurando descrevê-los, classificá-los e interpretá-los. Nesse tipo de pesquisa, a análise dos dados tende a seguir um processo indutivo, pois requer do pesquisador criatividade, capacidade de abstração e subjetividade, além dele interagir com o ambiente natural em que a pesquisa está sendo construída. O material coletado é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos. Inclui transcrições de entrevistas, depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos. Nesse tipo de pesquisa a preocupação com o processo é muito maior do que com o produto, pois o interesse do pesquisador ao estudar um determinado problema é verificar como ele se manifesta nas atividades, nos procedimentos e nas interações cotidianas. O "significado" que as pessoas dão às coisas e à sua vida é foco de atenção especial do pesquisador. O cuidado que este deve ter ao revelar os pontos de vista dos participantes é a acuidade de suas percepções e deve, por isso, encontrar meios de checá-las.

Segundo o autor Phillips (1974, apud Lüdcke & André, 1986, p. 38) são considerados documentos:

[...] quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informações sobre o comportamento humano. Estes incluem desde lei, regulamentos,

normas, pareceres, diários pessoais, autobiografias, discursos, roteiros de programas de rádio e televisão até livros, estatísticas e arquivos escolares [...].

No presente estudo, para coleta de dados, foi utilizada a seguinte categorização dos documentos:

- ✓ **TÉCNICO:** onde destacamos os projetos produzidos por dez escolas e os questionários semi-estruturados (ANEXO VII) respondidos pelas participantes após a formação e durante a visita as 35 Unidades Escolares que participaram da ação.
- ✓ **PESSOAL:** caderno de registros e avaliação individual dos encontros, segundo caracterização proposta por Guba & Lincoln (1981, apud Lüdcke & André, 1986, p. 39-40).

Segundo Caulley (1981 apud, Lüdcke & André, 1986, p. 38), a Análise Documental:

[...] busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse do pesquisador e cita como exemplo, uma circular distribuída aos professores de uma escola convidando-os para uma reunião pedagógica poderia ser examinada no sentido de buscar evidências para um estudo das relações de autoridade dentro da escola [...].

As principais vantagens apontadas por Guba & Lincoln (1981 apud Lüdcke & André, 1986, p. 39-40), para uso de documentos na pesquisa e na avaliação educacional, são descritas, a seguir:

[...] destacam o fato de os documentos constituírem uma fonte estável e rica de informações, podem ser consultadas várias vezes e inclusive servir de base a diferentes estudos, o que dá mais estabilidade aos resultados obtidos e representam fonte natural de informações contextualizadas. Ela pode complementar as informações obtidas por outras técnicas de coleta de

dados e sendo apropriado o seu uso, quando se pretende ratificar ou validar informações obtidas por outras técnicas de coleta, como, por exemplo, entrevistas, questionários ou a observação.

A análise dos dados, por sua própria natureza e subjetividade, foi fundamentada na abordagem qualitativa, sendo sistematizada conforme Análise Descritiva e na Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977 p. 106):

Descobrir os núcleos de sentido que compõe a comunicação e cuja freqüência ou presença de aparição pode significar algo para o objetivo analítico escolhido. [...]O tema é geralmente utilizado como análise de registro para estudar motivações de opiniões, de atitudes, de valores, de crenças, de tendências. As respostas às questões abertas, as entrevistas, os protocolos de testes, as reuniões de grupos, podem ser, e são freqüentemente analisados tendo o tema por base.[...] O documento serve de unidade de registro, desde que possa ser caracterizado globalmente e no caso de análise rápida. Também pode ser tomado como unidade de registro a resposta (a uma questão aberta ou a entrevista), com a condição de que a idéia dominante ou principal seja suficiente para o objetivo procurado.

4.6. Visita as Escolas após Formação Continuada em Pediculose

Uma vez delimitado o espaço da pesquisa (a formação continuada e visita as escolas que participaram da ação), iniciou-se o trabalho de campo nos meses de julho/agosto de 2004 e março/abril de 2005. Montamos um cronograma de visitas obedecendo ao critério de proximidade geográfica das mesmas, uma vez que tínhamos que nos fazer presentes em 35 unidades escolares (independente de terem apresentados projetos ou não), num espaço de tempo relativamente curto. Em cada escola que chegávamos, nos dirigíamos à sua direção, nos apresentávamos, dizíamos o objetivo da visita e solicitávamos a presença do(s) profissional (is) que

havia(m) participado da Formação. A seguir, fazíamos uma breve introdução sobre a pesquisa e seus objetivos, e solicitávamos ao(s) participante(s) da formação que preenchessem um questionário semi-estruturado. Esclarecíamos que, por meio do seu preenchimento da forma mais clara e sincera possível, teríamos como documentar se a escola havia ou não desenvolvido um projeto que contemplasse a temática pediculose, como uma proposta da Formação Continuada e se a implantação do referido junto aos alunos e/ou comunidade escolar, teria contribuído para a diminuição de alunos infestados, como também, mudanças de hábitos e atitudes em relação a essa doença.

O tempo médio de preenchimento do questionário era de aproximadamente 20 minutos. Após o preenchimento, mantínhamos uma conversa informal, tentando resgatar detalhes da ação e pedíamos para visitar as salas, para uma conversa informal com os alunos. Aproveitávamos para observar, por meio de perguntas diretas, se eles detinham conhecimento sobre piolho, pediculose, formas de transmissão, prevenção e se lidavam de forma não preconceituosa a respeito do assunto.

Todas as etapas do levantamento dos dados foram previamente discutidas com os atores do processo e demos a garantia do sigilo das informações que estávamos recebendo. Esses dados, embora buscados informalmente, serviram para avaliarmos de forma mais crítica às respostas dadas ao questionário.

Se, na escola, mais de um profissional havia participado; houve a solicitação por parte deles a fim de que o questionário fosse respondido coletivamente. E, se, naquele momento, não tivéssemos a presença de todos, remarcávamos a visita para outro dia e horário previamente acordados.

5. RESULTADOS.

Para facilitar o entendimento dos resultados, levamos em consideração a seguinte metodologia: apresentaremos uma visão geral dos resultados obtidos frente aos objetivos propostos, e a seguir estes serão detalhados em forma de tópicos.

No objetivo 1 propusemos o desenvolvimento sistemático, no âmbito da comunidade escolar de discussões e práticas pedagógicas pautadas no conhecimento teórico – científico sobre sentimentos ligados à morbidade, ao desconforto, à exclusão e mitos que envolvam

representadas por essas profissionais. Foi verificada, por meio de discussões, reflexões e conhecimentos específicos, a implementação de dinâmicas educacionais que promoveram mudanças de atitudes, hábitos, valores, possibilitando a redução de discentes positivos para *Pediculus humanus capitis* na comunidade escolar.

Os resultados supracitados serão exemplificados a seguir.

5.1. A Formação Continuada em Pediculose – O Modelo de Formação

Durante os encontros da formação foram registradas no caderno de registro as falas das educadoras, ao mesmo tempo que, durante a oficina tempestade de idéias destacamos como resultados, os termos mais recorrentes utilizados pelas educadoras: higiene, remédio, coceira, vergonha, afastamento, humilhação, saúde e sujeira. O momento foi muito rico, pois, aproveitamos as palavras para se discutir as concepções errôneas sobre pediculose, argumentar cientificamente e tirar dúvidas, posto que, refletem uma avaliação das abordagens usadas durante a formação.

Verificamos, na fala” das educadoras, a dificuldade em conseguir um espaço na reunião pedagógica para a colocação de uma proposta de trabalho sobre o tema, segundo as educadoras, os profissionais não negavam a importância de se trabalhar a pediculose na escola de modo diferenciado. Porém, existiam outros temas, projetos ou problemáticas que eram mais urgentes de serem trabalhados e solucionados. Percebemos a dificuldade de argumentação das cursistas e suas falas apontavam para uma certa centralização na tomada de decisão pela direção das escolas sobre o que seria “prioritário”. Neste momento, abrimos discussão no que se refere à troca de experiência e reflexão e nos reportamos a Demo (2005) quando faz a seguinte intervenção no que se refere ao entendimento de conquista de autonomia, democracia e cidadania, ainda a ser redimensionado e conquistado no espaço escolar por todos e todas:

[...] todo cidadão que souber manejar a sua emancipação não permanecerá na condição de objeto das pressões alheias [...] mais degradante ainda é o professor que nunca foi além da posição de discípulo, porque não sabe elaborar ciência com as próprias mãos. Como caricatura parasitária que é, reproduz isso no aluno.

1º ENCONTRO: Destacamos a fala de uma educadora que serviu-nos para avaliar a relevância da formação: *“Esse momento de reflexão sobre a prática pedagógica é essencial para o profissional que deseja manter-se em desenvolvimento. A temática é relevante, pois está presente no cotidiano escolar e, de fato, faltam-nos conhecimentos científicos sobre pediculose. A iniciativa é valiosíssima! Quem não está aqui perde muito”*. Fechando esse encontro solicitamos o preenchimento de uma avaliação que apresentamos abaixo:

1. O que você achou das atividades/discussões desenvolvidas?

Os 50 profissionais que participaram acharam excelente.

2. Você gostou da dinâmica dos trabalhos?

49 profissionais afirmaram que gostaram; apenas 1(um) disse que o encontro foi razoável.

3. Do que você mais gostou desse trabalho?

“A troca de experiências”. Esta resposta foi unânime, entre outras podemos citar: “A curiosidade científica”. “As dinâmicas e os relatos”.

4. Você aprendeu “alguma coisa” que não sabia sobre a temática piolho/pediculose? Se responder SIM, cite uma:

“A discussão sobre o preconceito e o tratamento caseiro com ervas (as receitinhas da vovó)”. “A importância do trabalho de prevenção e do pente-fino”. “A ineficiência dos remédios químicos e o fato de o piolho causar doença e não ser uma coisa comum”. “Que o piolho tem edeago e que copula na nossa cabeça sem pedir licença.” “O piolho: suas características e seus hábitos”. “A discussão sobre o preconceito e o tratamento caseiro com ervas”. “Prevenção, parte científica, a criatividade de uma escola que está abordando o tema com os alunos através de jogos simples do cotidiano das crianças”.

5. Você acha importante desen.33117(e)5.67474(d)-4.33117(i)1.87122(c)-0.33117(e)5.331

“O trabalho educacional sistemático contribuiu e muito para a diminuição de casos de alunos com piolho, porque através de atividades desenvolvidas na sala de aula e com a comunidade escolar, os alunos aprendem conceitos, a se prevenir e ter cuidado com o próprio corpo.”“É na escola que ‘mora’ o piolho. O número grande de crianças na faixa etária de 5 a 12 anos agrava a epidemia e é lá que temos que estar conscientizando de como tratar a pediculose”.“Orientando, dizendo e praticando as formas de prevenção”.

2º ENCONTRO: Ocorreu em horário integral (9 horas às 17 horas) no Departamento de Biologia do Instituto Oswaldo Cruz - IOC/FIOCRUZ, objetivando a complementação científica das educadoras. Destacamos, a seguir, duas falas que registram o encontro: *“O dia de hoje foi muito bom, pois trouxe reforço aos conhecimentos já apreendidos e nos incentiva a dar continuidade ao trabalho.”*“Neste momento estamos clareando o piolho para ser colocado na lâmina e observado ao microscópio. Essa atividade prática está sendo muito rica para a nossa formação científica.” Para todas foi um momento inusitado, pois era a primeira vez que estavam tendo contato com lâminas, lamínula microscópio e laboratório de pesquisa.

3º ENCONTRO: Teve como objetivo demonstrar e discutir a rapidez com que a pediculose pode se propagar através de uma oficina denominada “abaixo-assinado”. Este encontro foi compartilhado com 16 enfermeiros (as) do Programa de Saúde da Família (PSF).

Do caderno de registro extraímos algumas falas que julgamos importantes para avaliar o Encontro em questão: *“É impressionante o quanto o preconceito pode fazer com que percamos ótimas e irrecuperáveis oportunidades em nossas vidas. Devo confessar que após a minha ‘convocação’ para esta capacitação fiquei bastante contrariada devido ao compromisso com a população em minha Unidade de Saúde. Após quase seis horas de convívio e aprendizado, acho que nunca me perdoaria se não tivesse comparecido, pois o aprendizado geral está sendo intenso e interessantíssimo.”*“O curso está sendo muito interessante e com certeza de grande valia para a educação que convive com piolho no dia-a-dia, pois ao contrário do que

as pessoas pensam, o piolho é de fato um problema social. É importante o investimento feito e que isso seja multiplicado nas comunidades”.

Avaliamos que esse encontro foi de muita valia e principalmente de troca entre os profissionais de Educação e Saúde, que embora estejam fisicamente muito próximos (os postos do Programa de Saúde da Família/PSF estrategicamente são bem próximos às unidades escolares) encontram barreiras de interlocução efetiva. Fato que vem sendo contornado com estratégias de aproximação, focalizando temas de interesse coletivos como: Dengue, Doenças Sexualmente Transmissíveis e Aids. Pretendemos fazer igual em relação a pediculose.

4º ENCONTRO: Iniciamos com uma oficina denominada “construindo uma torre”, que foi conduzida por duas cursistas de 2003, Diretora e Coordenadora Pedagógica, respectivamente. Essa oficina teve como objetivo levar o grupo a fazer uma reflexão e discussão sobre a importância do planejamento e do trabalho coletivo e colaborativo. A seguir, foi realizada uma oficina de avaliação de materiais informativos, conduzida pela Coordenadora do Núcleo de Educação em Saúde/IEC-Secretaria Municipal de Saúde de Itaboraí. Destacamos uma fala que nos dá suporte para avaliação do Encontro: *“Gostei muito da dinâmica proposta para abordar a questão do planejamento de um projeto, onde nos fez perceber que um obstáculo encontrado no caminho poderá ser visto e analisado de forma negativa ou positiva, fazendo-se sempre necessário a utilização da avaliação.”*

5º ENCONTRO: Este momento foi destinado a um seminário, que teve como objetivo o relato, a troca de experiência, mostra de materiais produzidos pelas educadoras em suas escolas. Destacamos do caderno de registro, duas falas que avaliam o encontro e a relevância da formação: *“A capacitação vem trazer esclarecimentos a respeito da pediculose e para acabar com o ‘mito’ que ter piolho é normal e mostrar que pediculose é uma doença.”* *“A necessidade do curso era grande, eu estou feliz em participar e tirar minhas dúvidas e estar levando os conhecimentos para a minha comunidade escolar.”* *“Observei que o problema pediculose é mais sério do que se imaginava. Havia pouco esclarecimento sobre o assunto, o curso está sendo esclarecedor e consegui quebrar o tabu de que piolho é*

sujeira. A partir dos encontros, hoje tenho uma nova concepção e esclarecimento do assunto, que até então achava que estava ligado à higiene".

6º ENCONTRO: Foi realizado na Fundação Oswaldo Cruz, em horário integral (de 9 horas às 17 horas) objetivando aprofundar as discussões dos projetos e troca de conhecimentos sobre piolho, pediculose e tratamento não medicamentoso. Buscamos com esse Encontro reforçar a interlocução entre os educadores e pesquisador. Citamos algumas falas, abaixo, que constam no Caderno de Registro, servindo como avaliação deste encontro: *"Cada vez mais me sinto mais motivada a contribuir para o esclarecimento do assunto não só na escola, mas em lugares que tenho oportunidade de estar". "Este trabalho é de grande valia, temos que continuar desenvolvendo e aplicando o projeto na escola e sendo multiplicadora dentro e fora da mesma". "Foi muito interessante conhecer a Instituição. Através dessa interlocução será mais fácil realizar pesquisas relativas à educação em saúde, pois pude perceber o interesse e a vontade da equipe de pesquisa em investigar o problema junto às escolas envolvidas e ajudar na elaboração dos projetos".*

Fechando esse encontro, pedimos as cursistas que preenchessem uma ficha de avaliação, da qual extraímos algumas falas (ANEXO VIII):

Entre assim... *"Cheia de expectativas e pronta para receber e trocar mais conhecimentos". "Curiosa". "Pensativa no que iria encontrar". "Curiosa e com espírito investigador".*

Sai assim... *"Com mais conhecimentos, mais expectativas de continuar o trabalho na escola e com mais certeza do meu papel de educadora". "Satisfeita e cheia de novas idéias". "Com mais informações que me ajudaram ainda mais a mudar minha forma de ver e trabalhar com o piolho e a pediculose". "Inquieta com as possibilidades que temos, pois esse momento de contato direto com o trabalho do cientista despertou o meu olhar pesquisador".*

Por quê?... *"Estou mais consciente ainda do meu importante papel de educadora". "Fomos tratadas com muito respeito, principalmente no que se refere às nossas limitações científicas sobre o assunto. Foi mais um momento que aprendemos muito mais do que já sabíamos". "Acredito que a educação se faz através do estudo e da pesquisa".*

7º ENCONTRO: Objetivamos nesse encontro avaliar coletivamente os projetos construídos e implementados pelas escolas. Como resultado desse encontro, destacamos: *“O encontro de hoje foi muito produtivo. Apresentei os trabalhos desenvolvidos pela escola. A exposição dos trabalhos foi um momento muito importante para a escola, porque todos os profissionais estão envolvidos com o processo de formação do cidadão. A troca de experiência colaborou muito para a formação e reformulação de conceitos”.* *“Muito boa a troca de experiência e idéias, pois favorece aos que ainda não conseguiram desenvolver o trabalho na escola. É um estímulo.”*

Percebemos, ainda, a dificuldade de algumas poucas colegas em negociar e ‘ganhar’ o espaço da escola para a implantação do projeto, o que será corroborado pelos questionários que detalhamos mais adiante, na categorização.

8º ENCONTRO: Utilizamos a música “Piolho”(Bia Bedran), objetivando sensibilizar o grupo. Depois, realizamos uma oficina denominada dançando com as cores e trocando figurinhas, e que detalhamos na tabela abaixo com todas as perguntas e respostas geradas para discussão.

PERGUNTAS	RESPOSTAS EQUIPE VERDE	RESPOSTAS EQUIPE VERMELHA	RESPOSTAS EQUIPE AZUL	RESPOSTAS EQUIPE AMARELA
O que é pediculose? E piolho?	Pediculose é a doença causada pelo piolho (cabeça, corpo e região pubiana). E piolho é o causador da pediculose.	Pediculose é o nome científico do piolho. Piolho é uma praga desde a época do Egito.	Pediculose é a infestação por piolhos. E piolho é um inseto que causa perfuração no couro cabeludo e/ou corpo para a sua alimentação.	Pediculose é a infestação causada por piolhos. E piolho é um inseto que se aloja no couro cabeludo ou no corpo, causando a pediculose.
Como o piolho “passa” de uma pessoa para outra?	Ele passa de uma pessoa para outra, não é pulando nem voando, e sim, pelo contato com pessoas infestadas, através de bonés, pentes, fronhas, etc.	Através do contato, ou seja, convivendo no mesmo ambiente com a pessoa infestada.	Através do contato direto com o portador da pediculose compartilhando utensílios infestados, como pentes, bonés, escovas.	Quando a pessoa infestada fica próxima a outra, ou quando alguém utiliza objetos contaminados (fronhas, bonés, pentes).
A pediculose está associada a questão da higiene pessoal? Justifique a sua resposta.	Não. O importante é o uso diário do pente-fino	Não. Pois independe da pessoa ter boa higiene ou não, todos podem pegar piolhos.	Também. Pois algumas crianças tendo cuidados, como, lavar a cabeça todos os dias, adquirem o piolho.	Também, pois achamos que a falta de higiene aumenta a proliferação dos mesmos.
De que forma a pediculose interfere no emocional da criança?	Quando ela fica envergonhada, sendo apontada na sala de aula como piolhenta.	Ficam envergonhadas, sofrem discriminações, zombarias, às vezes até ausentam-se da escola por esse motivo.	Ficam envergonhadas e a maioria se afasta do grupo para não ser discriminada.	Desde o momento em que se descobre a infestação na criança, ela sofre discriminação pelos amigos e adultos.

Destacamos a fala de uma educadora para avaliar a importância desse encontro: *“A pediculose é um problema que existe há muitos anos na escola. É muito interessante saber o que é como tratar e prevenir. Assim educamos as crianças e os pais sobre a pediculose. Eu achei muito importante a iniciativa da SEME, e espero que os nossos resultados sejam satisfatórios”*. Obtivemos, também, como resultado deste momento desenhos, esquetes, paródias, enfim, várias manifestações artísticas, baseadas na música da Bia Bedran.

Percebemos que este encontro foi mais um momento muito rico de troca e construção coletiva de conceitos, além de ter sido mais um espaço democrático de tirada de dúvidas. Não verificamos qualquer tipo de comportamento ou fala de constrangimento ou vergonha por parte dos grupos, quando identificavam erros conceituais em suas respostas, o que nos leva a crer que o grupo estava bastante à vontade e entrosado.

9º ENCONTRO: Destinado a uma atividade Intersetorial, cujo principal objetivo foi integrar os profissionais de Educação e Saúde. Assinalamos a fala de uma educadora para ilustrar a importância do evento: *O encontro está sendo maravilhoso e estimulante para trabalharmos com a educação em saúde. É mais uma oportunidade para ocorrer uma parceria entre Educação e Saúde para um trabalho educativo com a população”*.

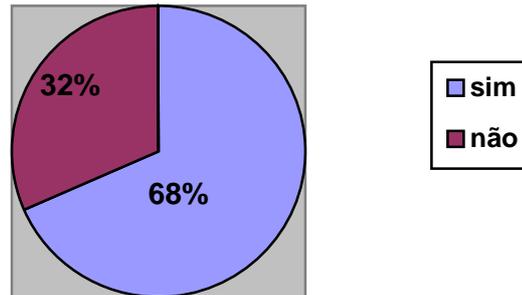
5.2. Formação Continuada: Levantando Dados e Concepções a Partir de Questionário Semi-Estruturado.

Objetivando levantar junto às educadoras que estavam participando da formação, os dados referentes ao trabalho pedagógico, as concepções sobre o assunto que o setor do Poder Público ou da Sociedade deveria ficar responsável pelo controle da pediculose, no primeiro momento da formação, foram distribuídos 50 questionários semi-estruturados com as perguntas que seguem abaixo, havendo o retorno de 41 questionários.

DURANTE A FORMAÇÃO:

1) Você costumava abordar o tema pediculose em sua prática docente?

Sim (28) Não (13)



2) Você já havia trabalhado o tema pediculose com seus alunos ?

Sim (25) Não (16)

Em caso negativo, por quê?

“Falta de conhecimento sobre o assunto” (dez educadoras)

“Minha turma não apresentou esse problema”.

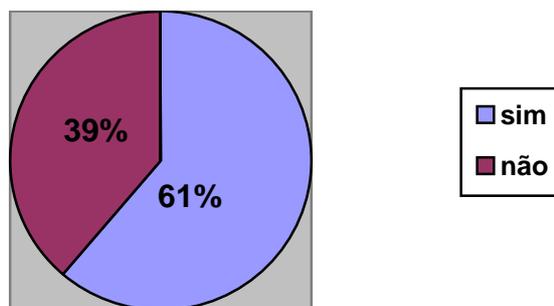
“Pedia as mães para olharem as cabeças”.

“Não houve oportunidade de esclarecimentos sobre o tema, para utilizar num trabalho maior. No máximo o que eu faço é mandar um bilhete e pedir as mães para cuidarem da limpeza da cabeça dos filhos”.

“É um assunto que com certeza me causaria problemas ao abordá-lo, até mesmo por falta de conhecimento”.

“Falta de oportunidade”.

“Por que eu não trabalho diretamente com as turmas”.



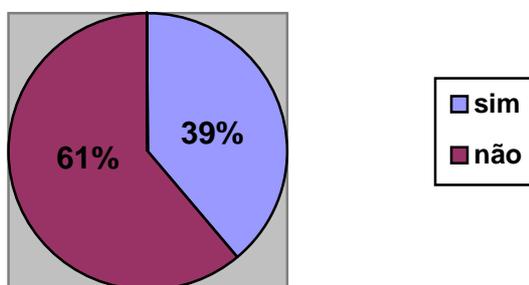
3) A sua escola já havia participado de alguma campanha de prevenção à pediculose?

Sim (16) Não (25)

Tipos de campanha: (15) da própria escola

(01) da Secretaria de Saúde

(0) da Secretaria de Educação



4) Em sua opinião, qual (ais) das instituições abaixo seria (m) responsável (is) pelo controle da pediculose. (Pode marcar mais de 1 opção)

(9/22%) Igrejas locais

(14 / 34%) Governo Estadual

(35/85%) Secretaria de Saúde

(18 /43%) Governo Municipal

(30/73%) Secretaria de Educação

(6/15%) ONG's

(14/34%) Associação de Moradores

(9 /22%) Família e escola

(10/24%) Governo Federal

(2/4, 8%) Família.

(1/1, 25%) Todos da sociedade

(1/1, 25) A responsabilidade é de todos.

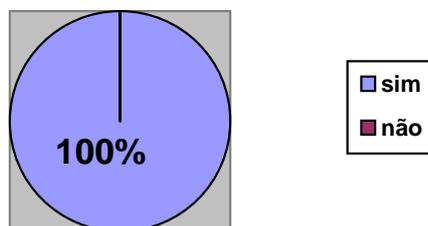
APÓS A FORMAÇÃO QUE RECEBEU

Buscamos, junto às educadoras, informações como: elas se sentiam mais seguras para trabalhar o tema; estavam trabalhando a temática; qual era o público-alvo, e quais os materiais que estavam usando para trabalhar piolho/pediculose com esse público. Foram distribuídos outros 50 questionários semi-estruturados, havendo o retorno de 23.

1) Você se sente mais preparado para trabalhar o tema pediculose?

Sim (23)

Não (0)



POR QUÊ?

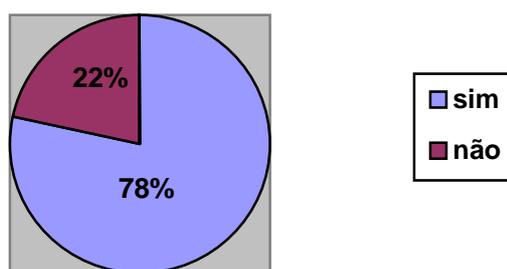
- “Após o curso tirei dúvidas e aprendi realmente como trabalhar o assunto, sem causar constrangimentos”.
- “Foi de grande importância para o meu conhecimento profissional”.
- “Obtive informações que não conhecia”.
- “O acúmulo de informações gerou conhecimentos preciosos e fez com que eu me sentisse mais segura para discutir o assunto”.
- “Por que estou munida de um pacote de informações”.

- “Tenho agora mais cuidados com os medicamentos e informações a serem dados a alunos e pais”.
- “Tenho mais segurança de trabalhar o assunto e posso pensar melhor como planejá-lo para sensibilizar pais e alunos”.
- “Pelos conhecimentos adquiridos no curso”.
- “É um tema polêmico, sendo necessário muito estudo e argumentos”.
- “A informação científica derrubou mitos e serviu para formar conceitos corretos sobre o tema”.
- “Adquiriti conhecimentos científicos, antes eu trabalhava o assunto baseada no senso comum”.
- “Hoje eu tenho mais conhecimentos sobre o assunto”.
- “Antes eu tinha apenas o conhecimento que via e lia nos livros didáticos”.
- “Com a formação, obtive informações”.
- “Eu me sinto mais preparada e mais firme no assunto”.
- “Estou mais integrada no assunto, tenho mais firmeza, e, principalmente, estou mais confiante.”
- “Agora não sou mais leiga no assunto Pediculose”.

2) Você tem trabalhado o tema pediculose?

Sim (18)

Não (5)



Por que NÃO?

“O trabalho não está sendo tão efetivo como gostaria. Apenas venho passando as informações mais urgentes”.

“A escola ainda não conseguiu se organizar em relação ao tempo para abraçar um assunto de tanta relevância”. (duas educadoras)

“No momento para trabalhar na escola está só no projeto”. (duas educadoras)

Por que SIM?

“Descobri o quanto é importante falar sobre pediculose”. (duas educadoras)

“Devido à necessidade”. (duas educadoras)

“Há uma grande necessidade de acabar com o piolho dentro da escola, muitas vezes exigida pelos pais”. (uma educadora)

“É de interesse social e principalmente pela questão da saúde”.

“Precisamos acabar com este inimigo, pelo menos, melhorar este problema nas escolas”.

“Por que o índice de pediculose é grande”.

“Sempre surge esta questão em sala, daí a necessidade de trabalhá-la com mais fundamentação”.

“Por que realmente me envolvi no projeto e acho fundamental repassar as coisas que aprendo”.

“O tema é de grande importância”.

“Dentro da escola devemos procurar esclarecer dúvidas e levar informações principalmente sobre saúde”.

“Como educadora, me preocupo em formar pessoas participantes e atuantes na sociedade. Preocupo – me com a formação plena do aluno”.

“A Pediculose está presente no cotidiano escolar. Elaboramos um projeto que já está sendo executado desde 2003”.

“Por estar sempre presente no nosso cotidiano escolar e a falta de conhecimento sobre o piolho e a Pediculose”.

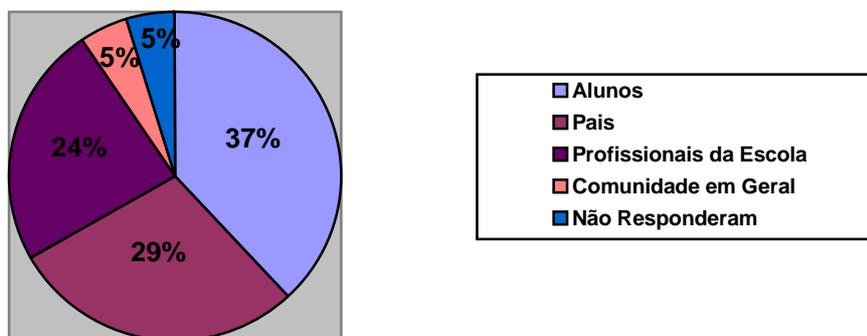
“Porque está sendo muito importante para a escola”.

1 (uma) cursista não respondeu.

3) Qual tem sido o seu público-alvo (pode marcar mais de uma opção).

(16) alunos (12) pais (10) profissionais da escola

(2) comunidade em geral (2) Não responderam



4) Em que caso afirmativo com os alunos, qual foi o material utilizado?

(11) Ciclo de vida do piolho

(9) Cartilha da FIOCRUZ

Outros: Prevenção, desenhos (duas vezes), palestras, música, histórias, publicação do Globinho, conversas informais, utilização do livro de ciências dos alunos, álbum seriado da FIOCRUZ (duas vezes), paródias, material didático disponível na escola.

(3) Não responderam

5) Que material você tem utilizado para trabalhar o tema pediculose?(Pode marcar mais de uma opção).

(8) Álbum Seriado da FIOCRUZ

(15) Cartilha da FIOCRUZ

(3) Material produzido pelos alunos

(5) Outros: Verificação da cabeça dos alunos

Música “O Piolho” – Bia Bedran

Conversa informal e utilização do livro didático dos alunos

Músicas e paródias

Publicação do Globinho

(1) Não respondeu

6) Você acha que a Formação em prevenção a pediculose tem contribuído para melhorar a sua formação profissional?

Sim (23)

Não (zero)

POR QUÊ?

“Para mim foi uma gama de conhecimentos que não tinha. Pretendo aprofundar mais os meus conhecimentos e experiências. Agora sei a gravidade do problema”.

“Contribuiu para a reformulação dos meus conhecimentos e em consequência, a minha aprendizagem”.

“O saber e o saber ensinar devem ser bem abordados e aqui eu aprendi muito”.

“São informações que você pode transformar em conhecimento, uma vez que você coloca em prática e avalia suas ações”.

“Enquanto coordenadora pedagógica tenho que estar contribuindo com informações preciosas para minhas colegas. E enquanto professora, sempre é válido estar aprimorando conhecimentos, pois, muitas vezes, os alunos são mais informados que nós”.

“Todo tipo de conhecimento é importante para a nossa vida e para a nossa formação profissional”.

“Através dessa Formação Continuada, cresço profissionalmente e repasso as informações, multiplicando-as em minha casa, minha escola, minha comunidade”.

“A Formação Continuada é parte integrante do desenvolvimento profissional, em especial, quando se trata de um tema tão presente no cotidiano da escola”.

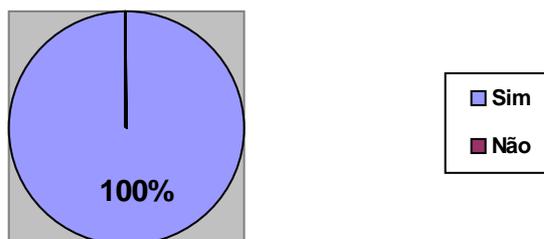
“Todas as Formações têm contribuído não só para mim, como, também, para todos os profissionais da escola.”

“Porque essa Formação tem me estruturado de forma a trabalhar melhor com o assunto”.

sete cursistas não justificaram.

7) Você acredita que um trabalho sistemático em prevenção à pediculose contribua para diminuição de casos na escola?

Sim (23) Por quê? Não (zero)



“A partir do momento que foi trabalhado com os alunos e pais diminui o piolho na escola”.

“Os pais tomam mais cuidado em observar a cabeça dos seus filhos”.

“Os responsáveis ficam sabendo a causa dos bichinhos”.

“Sim, desde que o trabalho seja articulado e divulgado em todos os momentos, pois a pediculose é uma doença controlável”.

“O trabalho preventivo / educativo será sempre responsável por melhores resultados”.

“Através de um trabalho educativo podemos amenizar com o problema na escola”.

“Por que também é um trabalho de conscientização”.

“Todo trabalho contínuo e preventivo dá resultado”.

“Mas não basta trabalhar um ou dois meses e sim o ano inteiro”.

“Quando a informação se transforma em conhecimento provoca uma mudança de atitudes e hábitos”.

“Devido ao esclarecimento que todos os envolvidos teriam sobre o assunto”.

“Desde que seja de forma educativa e construtiva”.

“A partir da conscientização de todos no processo educacional”.

“Com certeza, através das informações haverá uma conscientização da comunidade”.

“Certamente veremos os frutos desse árduo trabalho no âmbito escolar e no seio da nossa comunidade”.

“Os responsáveis depois de receber as informações corretas, com certeza, terão mais cuidado”.

“A informação de qualidade, além de nos enriquecer profissionalmente, mostra novas maneiras para se lidar com o problema”.

A seguir, apresentamos algumas falas das educadoras que foram registradas no caderno de registro, e que podem servir como norte de avaliação do processo de Formação Continuada tendo como temática a pediculose:

“Curso muito bom, claro e envolvente. Com certeza motivou a maioria (se não todos) a reacender as campanhas de combate a Pediculose nas escolas”. “Achei importante as informações sobre a pediculose e uma pouco apavorada com a resistência do piolho”. “O curso foi de grande importância, pois esclareceu como trabalhar o assunto (Piolho) nas escolas. E também como inserir os pais neste combate ao piolho”. “A partir do trabalho realizado com pais e alunos, constatamos a diminuição do piolho na escola”.

5.3. Visita as Escolas após Formação Continuada em Pediculose

Das 35 escolas que participaram do processo de formação em prevenção a pediculose, 24 trabalharam efetivamente o tema, sendo que 10 apresentaram projeto, 14 não apresentaram, mas trabalharam a temática de forma pontual, ou por meio de ações continuadas, quando julgaram necessários dentro de suas realidades, e 11 não fizeram qualquer tipo de abordagem. Os resultados foram organizados em duas categorias: escolas que não desenvolveram atividades **(categoria A)** e escolas que desenvolveram atividades — projeto ou ações pontuais/continuadas — **(categoria B)**. Esses dados foram obtidos nas respostas a um questionário semi-estruturado respondido pelas educadoras que participaram da formação durante visita as 35 escolas. Buscamos, também, verificar se houve ou não redução de alunos infestados.

CATEGORIA A: Enquadram-se 11 escolas que não desenvolveram nenhum tipo de atividade (projeto, ações pontuais ou atividades continuadas) que contemplassem a pediculose, portanto não observaram se houve ou não redução da pediculose (tabela 1). Percebemos, pela fala e pelo registro, a resistência das educadoras em levar para o espaço escolar qualquer tipo de ação que pudesse minimizar a questão da infestação por piolhos entre os educandos. Como tivemos justificativas muito diversificadas, colocamos a fala de duas educadoras elucidando esta categoria. A fala da primeira educadora sinaliza, além da resistência, o preconceito em relação à

abordagem do tema no espaço escolar. A “fala” da segunda deixa subtendido que deveria haver um espaço específico na escola para o trabalho efetivo do tema, pois a escola passava por reformas no prédio. Tal justificativa não se aplicou às demais ações curriculares do dia-a-dia da escola.

Fala 1: *“Em reunião pedagógica com a equipe de professores não houve adesão ao projeto devido aos seguintes motivos: A maioria dos responsáveis não autorizaria a catação (retirada manual das lêmdeas), ou em sala, também, dificultaria a realização do mesmo.”*

Fala 2: *“O ano passado quando se pretendia fazer o trabalho, a escola passou por uma reforma que durou até dezembro, tornando impossível a realização do mesmo.”*

CATEGORIA B: Nesta categoria enquadram-se as escolas que desenvolveram atividades, ou seja, projeto ou ações pontuais ou continuadas. Também investigamos o tempo que foi atribuído para estas atividades. Das 35 escolas, 24 responderam afirmativamente que desenvolveram atividades, sendo que dez escolas desenvolveram projetos (tabela 2) e 14 escolas desenvolveram ações pontuais e ou atividades continuadas (palestra com os pais, Formação Continuada em Serviço com os professores, ações educativas com os alunos e comunidade escolar quando julgaram necessários dentro de suas realidades (tabela 3).

Tabela 5.1: Escolas que não desenvolveram nenhum tipo de atividade (projeto, ações pontuais ou atividades continuadas).

ESCOLAS	MODALIDADE DE ENSINO
25	Educação Infantil a 8ª série
26	Educação Infantil a 4ª série
27	1ª a 4ª série
28	Educação Infantil a 8ª série
29	1ª a 8ª série
30	Educação Infantil a 4ª série
31	1ª a 4ª série
32	1ª a 4ª série
33	1ª a 4ª série
34	1ª a 4ª série
35	Creche

Tabela 5.2: Escolas que desenvolveram projetos.

<u>ESCOLA</u>	<u>DURAÇÃO</u>	<u>NOME DO PROJETO</u>	<u>MODALIDADE DE ENSINO</u>
1	15 meses	Pediculose: Sai pra lá!	1ª a 4ª série
2	8 meses	Operação Pente-Fino	1ª a 4ª série
3	6 meses	Projeto Pediculose	1ª a 8ª série
4	14 meses	Orientação para vida	Educação Infantil a 4ª série
5	14 meses	Xô! Piolho	1ª a 4ª série
6	12 meses	O reinado do coça-coça está por um Fio!	Educação Infantil a 4ª série
7	6 meses	Prevenindo-se da Pediculose	Educação Infantil a 8ª série
8	8 meses	Projeto Pediculose: De quem é a responsabilidade?	Creche
9	14 meses	Projeto Pediculose	1ª a 8ª série do Ensino Regular e Educação de Jovens e Adultos
10	12 meses	Dia educacional da Saúde Capilar	1ª a 8ª série

Tabela 5.3: Escolas que desenvolveram atividades continuadas e/ou ações pontuais.

<u>ESCOLA</u>	<u>DURAÇÃO</u>	<u>AÇÃO (ÕES) REALIZADA (S)</u>	<u>MODALIDADE DE ENSINO</u>
11	1 mês	Reunião de formação com professores e funcionários; em seguida, reunião de sensibilização e conscientização com os pais.	Educação Infantil a 8ª série
12	12 meses	Reunião de conscientização com os pais e atividades integradas entre professores e alunos (confeção de textos, cartazes e panfletos).	1ª a 4ª série
13	12 meses	Reunião de pais e atividades com os alunos.	1ª a 4ª série
14	11 meses	Reunião de pais e atividades com os alunos.	1ª a 4ª série
15	3 meses	Reunião com os pais, criação de histórias com fantoches, distribuição de xampu caseiro e higiene diária com pente-fino.	Creche
16	2 meses	Reunião de pais e atividades com os alunos.	1ª a 4ª série
17	2 meses	Reunião de pais e atividades com os alunos.	

18	Não respondeu	O tema foi passado em reunião pedagógica com o objetivo de ser trabalhado nas aulas de ciências, quando fosse trabalhado o conteúdo higiene e saúde.	1ª a 4ª série
19	11 meses	Reuniões periódicas com os pais.	Educação Infantil a 4ª série
20	14 meses	Reunião de pais e cuidar dos casos mais graves em parceria com o posto de saúde.	1ª a 4ª série
21	8 meses	Reunião de pais e atividades com os alunos.	Educação Infantil a 4ª série
22	6 meses	Reunião de pais e atividades com os alunos.	1ª a 8ª série
23	11 meses	Reunião de pais.	Educação Infantil a 4ª série
24	6 meses	Reunião de pais e repasse da formação para os demais profissionais da escola.	1ª a 8ª série

Para facilitar melhor entendimento dos resultados com relação à categoria B, esta foi dividida em subcategorias, grupos e subgrupos, conforme ilustrado no Fluxograma 2, e levando-se em consideração as descrições, a seguir.

BI - INCLUI AS DEZ ESCOLAS QUE APRESENTARAM PROJETOS

Divididas em dois grupos

Bla: Inclui as seis escolas que apresentaram projetos **SEM DIFICULDADES PARA EXECUÇÃO**. Justificou o bom desempenho do trabalho devido à abertura dada pela equipe técnico-pedagógica da escola, como também o entrosamento da mesma e a importância que o assunto mereceu no espaço escolar, o que é corroborado pela fala da educadora:

“Não houve dificuldades porque era um problema que se arrastava por anos e anos dentro da escola e quando vem a proposta de trabalharmos, todos da escola se integraram ao projeto. Foram criadas várias atividades como palestras, exercícios e jogos para que fossem passadas as informações para os alunos, tornando a pediculose um dos conteúdos curriculares da escola.”

Este grupo foi dividido em dois subgrupos:

Bla': 5(cinco) escolas que APRESENTARAM REDUÇÃO DA PEDICULOSE) e **Bla'' uma(1)** escola que NÃO APRESENTOU REDUÇÃO DA PEDICULOSE

Blb: quatro (4) escolas que apresentaram projetos COM DIFICULDADES PARA EXECUÇÃO. A fala mais recorrente dessa categoria foi a falta de envolvimento de outros profissionais que poderiam ter contribuído para o desenvolvimento e execução das atividades propostas.

Pode ser subdividido em **Blb': (3) três** escolas que APRESENTARAM REDUÇÃO DA PEDICULOSE) e **Blb'': (1) uma** escola que NÃO APRESENTOU REDUÇÃO DA PEDICULOSE);

BII Composto das **14** ESCOLAS QUE APRESENTARAM AÇÕES PONTUAIS E/OU ATIVIDADES CONTINUADAS, pode ser subdividido em dois grupos:

B11a: Composto das **oito (8)** escolas que apresentaram ações pontuais e/ou atividades continuadas E SEM DIFICULDADES PARA EXECUÇÃO. A fala ilustra a subcategorização *“Começamos a falar sobre o assunto chamando a representante da SEME, que coordena a Formação em Pediculose para formação em serviço com os professores e funcionários. Depois fizemos reunião de esclarecimento e conscientização com os pais e responsáveis. Percebemos que a aceitação foi boa e que houve interesse em conhecer mais sobre o assunto. A próxima etapa é escrever o projeto e dar continuidade ao trabalho fazendo um trabalho específico com os alunos, inclusive já compramos até agora 1.200 pentes finos”*.

Subdivide-se em:

B11a’: **sete (7)** escolas que APRESENTARAM REDUÇÃO DA PEDICULOSE) e **B11a’’: (1) uma** escola que NÃO APRESENTOU REDUÇÃO DA PEDICULOSE);

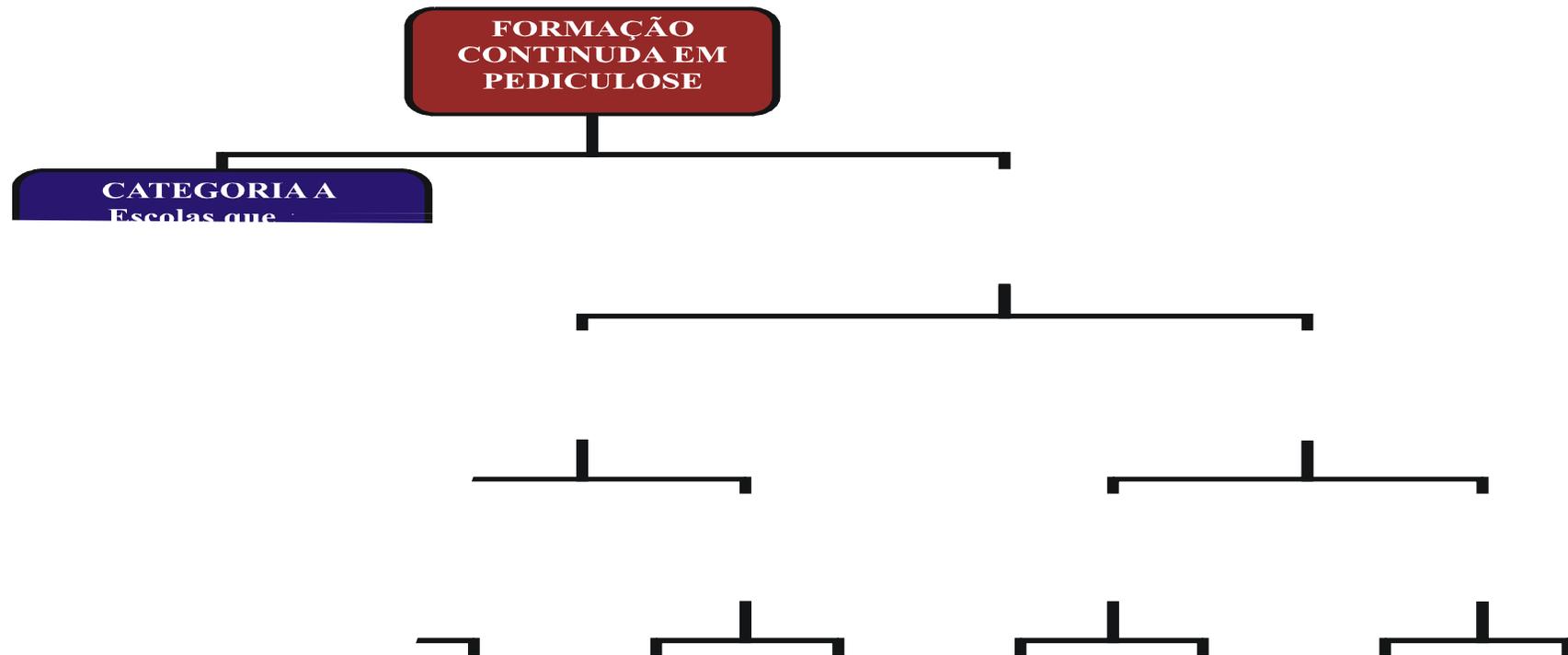
B11b: Composto das **seis (6)** escolas que apresentaram ações pontuais e/ou atividades continuadas COM DIFICULDADES PARA EXECUÇÃO. A fala abaixo ilustra a subcategorização:

“a falta de envolvimento de outros profissionais que poderiam ter contribuído para o desenvolvimento e execução das atividades propostas como exemplo citamos à falta de uma equipe pedagógica que poderia facilitar o desenvolvimento e acompanhamento da temática no âmbito escolar e à família que, em sua grande maioria, após um trabalho de conscientização, não dá continuidade ao trabalho educativo/preventivo desenvolvido pela escola.”

Pode ser subdivido em:

B11b’: **cinco (5)** escolas que APRESENTARAM REDUÇÃO DA PEDICULOSE) e **B11b’’: uma (1)** escola que NÃO APRESENTOU REDUÇÃO DA PEDICULOSE.

Fluxograma 5.2: Formação Continuada em Pediculose: Escolas que não desenvolveram atividades e escolas que desenvolveram atividades.



Com este estudo efetuado em 35 escolas, buscamos nas “falas das educadoras” que participaram da pesquisa, desvelar o tema central deste trabalho que é identificar, após a formação continuada, se as ações pedagógicas contribuíram para diminuição de alunos infestados e mudança de hábitos e atitudes em relação a essa morbidade.

Na tabela quatro, encontramos os relatos de educadoras das oito escolas que verificaram a diminuição de alunos infestados por *Pediculus humanus capitis*, após implementação de projetos, e em que dados de caráter qualitativo o profissional baseou-se para dar a informação.

Tabela 5.4: Escolas que verificaram a diminuição de alunos infestados.

ESCOLAS / PROJETOS	FALA DOS EDUCADORES PARA AFIRMAR A DIMINUIÇÃO DA PEDICULOSE.
1 – Pediculose: Sai pra lá!	“Na coleta de dados feita com os alunos, fazendo o levantamento do número de casos de alunos infestados e a redução deles: tínhamos 12 casos que caiu para 6 e depois apareceram mais 3, ficando 9 alunos. Depois de ‘tratados’, 5 ainda continuam com piolho.”
2 – Operação Pente-Fino.	“Baseado em relato dos pais (meus filhos estão usando pente-fino todos os dias) e na observação diária do professor”.
3- Projeto Pediculose.	“Pelo relato dos professores que passaram a reclamar menos”.

4- Orientação Para a Vida.	“Antes, a escola recebia muitas reclamações diariamente, agora elas diminuíram tanto por parte dos pais quanto das professoras. Não há ocorrência de apelidos pejorativos quando aparece um colega infestado”.
5- Xô Piolho!	“Através das observações feitas pelos funcionários e professoras, os pais não têm feito nenhuma reclamação na escola, o que antes era diariamente”.
6- O Reinado do Coça-coça está por um Fio!	“Observação direta e relato dos pais/responsáveis”.
7- Prevenindo-se da pediculose.	“Pedi as professoras para observar a cabeça dos alunos após entrega do pente-fino”.
10- Dia Educacional da Saúde Capilar.	“Pelo comportamento do aluno no que diz respeito à sua apresentação física (cabelos lavados e penteados, uniforme bem limpos e um aluno mais participativo quanto ao tema pediculose”.

Na tabela 5, enquadram-se duas escolas (8 e 9) que desenvolveram projetos e uma que desenvolveu ação pontual (11), e nas quais não foi percebida a redução de alunos infestados e assim relatam:

Tabela 5.5: Escolas em que não foram percebidas as reduções de alunos infestados.

ESCOLAS /AÇÃO PONTUAL E OU ATIVIDADES CONTINUADAS.	RELATOS
8- Projeto Pediculose: De quem é a Responsabilidade?	“Porque os alunos infestados ainda continuam infestados”.
9- Projeto Pediculose.	“Por que não foi trabalhado em forma de coleta de dados e sim repasse de informações”.
11- Reunião com os professores e funcionários, seguida de reunião de pais/responsáveis.	Não justificou.

Na tabela 5.6, enquadram-se **13 das 14** escolas que realizaram ações pontuais e/ou atividades continuadas.

Tabela 5.6: Escolas que realizaram ações pontuais e/ou atividades continuadas.

ESCOLAS/ AÇÕES PONTUAIS E/OU ATIVIDADES CONTINUADAS	RELATOS
12- Reunião de pais; confecção de cartazes; textos informativos e panfletos confeccionados, em conjunto, pelos professores e alunos.	“Pelo empenho que noto nos responsáveis e nos próprios alunos em manter os cabelos sempre lavados, penteados e presos na maioria das meninas e os meninos em sua maioria aderiram ao corte de cabelo com o uso de máquina, lembrando que muito desses alunos já foram infestados por piolhos”.

<p>13- Reunião de pais e atividades curriculares com os alunos.</p>	<p>“Devido a relato dos pais e professores que comentaram em reuniões que a higiene, principalmente da cabeça (piolho) nesse ano melhorou muito. Os pais até o momento não têm vindo à escola reclamar como antes.</p>
<p>14- Reunião de pais e atividades com os alunos.</p>	<p>“Na observação dos professores. Eles não têm mais reclamado, pois não têm mais percebido crianças com piolho na sala”.</p>
<p>15- Reunião com os pais, histórias com fantoches, distribuição de xampu caseiro e higiene diária com pente-fino.</p>	<p>“Após três meses de atividades com histórias de fantoches e higiene diária com pente-fino os piolhos desapareceram”.</p>
<p>16- Reunião de pais e atividades com os alunos.</p>	<p>“Os pais procuraram mais a escola em busca de informações. Uma aluna da 4ª série estava sempre com piolho na blusa e após o trabalho com os pais e alunos, percebemos que a aluna não apresentava mais piolhos na blusa”.</p>
<p>17- Reunião de pais e ações educativas com os alunos.</p>	<p>“Por que os pais não estão vindo reclamar com tanta frequência como antes”.</p>
<p>18- Reuniões pedagógicas com o objetivo de ser trabalhado no conteúdo de Ciências.</p>	<p>“Através do acompanhamento dos casos observados”.</p>

19- Reuniões periódicas com os pais.	“Em observação realizada pelos professores em sala de aula e em reunião com os pais, onde eles afirmam perceber a melhoria”.
20- Reunião de pais e cuidado dos casos mais graves junto ao Programa de Saúde da Família (PSF).	“Em alguns casos onde houve real interesse da família”.
21- Reunião de pais e atividades curriculares com os alunos.	“Os professores não estão mais reclamando e todos estão alertos à pediculose.”
22- Reunião de pais e atividades com os alunos.	“Diminuiu o número de mães que procuraram a escola para reclamar que os filhos estavam com piolho”.
23- Reunião de pais.	“Através da observação após a revista na cabeça dos alunos e diminuição da agitação de coçar a cabeça”.
24- Reunião de pais e repasse da formação para os demais profissionais da escola.	“Fizemos primeiramente um trabalho voltado para os pais, o que surtiu efeito porque eles começaram a cuidar melhor dos filhos. Mas com o tempo desanimaram, pois para eles passar o pente-fino e olhar a cabeça dos filhos todos os dias dá muito trabalho. Para eles seria melhor um remédio que acabasse de vez com os piolhos, pois daria menos trabalho.”

5.4. Apresentação dos Conteúdos, Procedimentos Metodológicos e Avaliação das Ações Contidas nos Projetos Desenvolvidos nas Escolas.

O estudo, a seguir, será focado nas dez (10) escolas que elaboraram e desenvolveram projetos, o que foi uma exigência da coordenação da formação continuada. Ressaltamos que todo o conteúdo dos projetos foi de livre iniciativa e criatividade das educadoras. A formação continuada serviu como aporte de instrumentalização científico-teórico-pedagógica para essas profissionais. Os projetos tiveram um tempo de duração entre seis e quinze meses e, para melhor compreensão, essas escolas foram identificadas com números de um (1) a dez (10).

5.4.1. Escola 1. Projeto: PEDICULOSE – SAI PRA LÁ!

A educadora responsável pela implantação do projeto, após a formação continuada, que também exerce a função de Coordenadora Pedagógica, coloca que o projeto teve início em 2003, continuo nos anos de 2004 e 2005, o que caracteriza um processo de continuidade e justifica a sua implementação durante 15 meses.

O Projeto traz, na sua apresentação, a descrição bem resumida dos três tipos de piolhos (cabeça, pelos pubianos e corpo), mas se detém ao piolho da cabeça os sintomas iniciais da infestação não deixando de citar as infecções secundárias decorrentes da pediculose. Faz uma breve citação sobre o cosmopolitismo do inseto citado por Barbosa (2005), considerando-se a taxa de prevalência, numa amostragem de mil crianças em idade escolar, tendo como referência os seguintes países: França, Israel, Austrália, Reino Unido, Estados Unidos e Brasil, procurando desfazer o mito de que o inseto parasita pessoas sem higiene. Destaca-se no corpo do texto a seguinte frase “[...] podendo infestar *qualquer pessoa independente de raça, cor, credo ou nível social*”, o que foi afirmado por Barbosa & Pinto (2003).

Uma descrição no ciclo reprodutivo do inseto, detendo-se na quantidade de ovos (lêndeas) que a fêmea pode colocar, durante o seu tempo de vida, é inserida como proposta de um trabalho interdisciplinar. Utilizando, também, este mote como estratégia de informação da parasitose atingindo crianças, principalmente em idade escolar para esse contexto interdisciplinar, é observado no artigo de Barbosa & Pinto (2003).

As ações utilizadas como metodologia para a implementação do projeto foi:

- ✓ Palestras para o corpo docente, discente, pais/responsáveis com distribuição das cartilhas “Tire esse bicho da cabeça” Na reunião com pais/responsáveis foi feito o pedido de autorização por escrito para verificação da cabeça dos alunos. De posse da autorização dos pais, o passo seguinte foi montar um instrumento de amostragem do número de crianças infestadas, englobando turma, idade e sexo. Após coleta dos dados, foi realizada uma nova reunião com os pais e professores separadamente para definição de estratégias para minimizar os casos de pediculose;
- ✓ Atividades interdisciplinares ou não, por séries (1ª a 4ª), tais como, oficinas, jogos, confecção de poesias, paródias e músicas.

Como avaliação dos resultados das ações, a educadora coloca sua observação quanto à diminuição de alunos infestados, a partir do instrumento de amostragem que revelou os seguintes dados: “12 alunos infestados, sendo 8 do gênero feminino e 4 do masculino. Após as ações, foram “curadas” 2 meninas de 6 anos, 3 meninos de 6 anos e 1 menino de 7 anos até setembro de 2004. Até Dezembro do mesmo ano foram “curadas” 3 meninas, sendo 2 com 8 anos e 1 com 13 anos. No início do ano de 2005, já foram detectado 3 meninas de 7 anos infestadas. A escola está dando continuidade ao projeto”.

5.4.2. Escola 2 – Projeto: OPERAÇÃO PENTE-FINO.

A escola iniciou a construção do projeto em novembro 2003, e está na “liderança” do projeto, junto aos seus pares, uma professora que atua numa turma de 2ª série do Ensino Fundamental, concluindo a Graduação em Letras. O projeto foi efetivamente implementado no ano de 2004, durante oito meses, e está contemplado no projeto político-pedagógico da escola.

A metodologia utilizada para o trabalho da temática pediculose no espaço escolar, iniciou-se num espaço denominado de Integração, onde participam os Profissionais da escola junto com mães, pais e responsáveis. Foram convidadas para este momento as representantes da SEME responsáveis pelo projeto no Município. Nesta reunião, foi solicitada, por escrito, aos pais e responsáveis, a autorização para que seus filhos participassem do Dia da Catação.

A educadora elaborou o projeto visando à conscientização e ao repasse de informações científicas para toda a comunidade escolar, uma vez que o tema sempre foi trabalhado na escola, antes da formação, baseando-se nos livros didáticos e no conhecimento do senso comum.

Para a sensibilização e reflexão dos participantes, foi realizada uma oficina denominada DE QUEM É A RESPONSABILIDADE? Que consiste em colocar crachás nos participantes, indicando diferentes instâncias da família, da escola e da sociedade. O coordenador, de posse do crachá de mãe e com uma boneca na mão que representa uma criança da comunidade escolar, pergunta: de quem é a responsabilidade de conversar com essa criança de como se ‘pega’ e se ‘previne’ do piolho? A mãe se coloca quanto à pergunta, passa a boneca para o pai e diz o porquê de ter passado a responsabilidade para ele. O pai, ao receber a boneca, fala de sua responsabilidade e da necessidade de compartilhá-la com os representantes do grupo, uma vez percebendo que não consegue contar somente com a da mãe.

Assim, sucessivamente, vai-se passando a boneca para todos os representantes que são: pai, mãe, tios, avós, irmãos, diretor, professor, psicólogo, orientador

pedagógico, merendeira, inspetor de alunos, televisão, vizinhos, amigos, associação de moradores, Agentes Comunitários de Saúde, enfermeira e médico. Depois, abre-se uma discussão reflexiva sobre a necessidade de compartilharem conhecimentos, dúvidas e angústias à responsabilidade da família, da escola, da saúde e dos demais segmentos sobre as questões que envolvem a proteção à saúde de forma integral à criança e ao adolescente.

Como resultado desta oficina, foi verificado que: a responsabilidade é de todos; e cada um deverá fazer a sua parte para não ficarmos de “lanterna na mão” procurando o culpado que, de posse do problema, passou a responsabilidade dele para a do outro, sem fazer a parte da qual lhe cabia enquanto cidadão. Foi, também, utilizados o Álbum Seriado “Tire esse bicho da cabeça” e transparências mostrando as conseqüências da pediculose para as crianças e, distribuição de cartilhas “Tire esse bicho da cabeça” para reforço das informações e, para que eles tivessem em mãos materiais escritos que pudessem reproduzir as informações na comunidade.

Nesta reunião, foi solicitada aos responsáveis uma autorização por escrito para que os seus filhos participassem da atividade denominada “O dia da catação”, ocorrendo após dois meses e foi acompanhada pelo Pesquisador Júlio Vianna Barbosa e educadoras responsáveis por projeto de Formação Continuada em pediculose no Município.

Como reforço, aos conhecimentos adquiridos na elaboração do projeto e na reunião de integração, foi solicitada às educadoras responsáveis pelo projeto no Município uma formação continuada em serviço. O tema foi trabalhado de forma dinâmica e democrática de maneira que todos, independentes da escolaridade ou função, pudessem esclarecer suas dúvidas, pois a professora, participante da formação, multiplicou a temática na escola e nas reuniões pedagógicas; aproveitava o espaço disponibilizado pela direção, para montagem de estratégias de trabalho efetivo com os alunos em sala. Como avaliação das ações desenvolvidas, a professora afirma que houve diminuição do número de casos de

alunos infestados, mudança de hábitos e atitudes em relação à morbidade, tanto por parte dos profissionais da escola como, também, pelos alunos.

5.4.3. Escola 3 – Projeto: PEDICULOSE

A escola trabalhou a temática durante seis meses no ano de 2004. O projeto traz tópicos para execução de atividades com os alunos, tais como: confecção de panfletos, cartazes, elaboração de um vídeo (essa atividade não foi executada e não houve justificativa por parte da escola) semana de combate a pediculose, dia do pente-fino e palestras. Toda a comunidade escolar foi convidada para a mostra dos trabalhos realizados por alunos orientados pelos professores que foram capacitados pela diretora.

A Diretora relata que não teve dificuldades em realizar o trabalho na escola, porque todos os professores (1ª a 8ª série) em todo o tempo abraçam os projetos, e a tomada de decisão sobre as estratégias de trabalho é sempre em conjunto. Como avaliação dos resultados das ações, a Diretora que participou da formação e ficou responsável em implementar o projeto, na escola, nos relata que houve diminuição de alunos infestados e baseia-se no relato dos professores que passaram a reclamar menos.

5.4.4. Escola 4 - Projeto: ORIENTAÇÃO PARA A VIDA

A duração do projeto foi de 14 meses, durante os períodos dos anos de 2003, 2004 e 2005 e a justificativa, para a implantação deste, é que a escola vivenciava de longa data a convivência com alunos infestados e pais reclamando da problemática, e exigindo tomada de atitude do tipo retirar da sala de aula alunos infestados.

Como ferramenta metodológica, as educadoras propõem a construção conjunta nas reuniões de Integração (pais e profissionais da escola) e nas reuniões

pedagógicas de um cronograma, que é apresentado abaixo, sob a Coordenação da Diretora e da Coordenadora Pedagógica.

Data	Ação
10/10/2003	Reunião de Integração entre pais/responsáveis e professores. Utilização do Álbum Seriado “Tire esse bicho da cabeça” para o repasse de informações sobre Piolho/Pediculose e os agravos à saúde da criança.
10/03/2004	Reunião de Integração entre pais/responsáveis e professores. Retomada da discussão / informações sobre Pediculose e apresentação do projeto a ser desenvolvido pela escola.
17/03/2004	Apresentação do Projeto no Encontro para a Formação Continuada em Pediculose.
12/04/2004	Formação Continuada em Serviço para todos os profissionais da escola sobre a temática pediculose e reunião de planejamento com professores.
14/04/2004	Início das abordagens em sala de aula com os alunos, utilizando jogos (quebra-cabeça, caça-palavras e palavra misteriosa); debate sobre hábitos e atitudes que promovam a saúde; apresentação de álbum seriado; pintura, música, distribuição das cartilhas “Tire esse bicho da cabeça”; foi utilizado também o artigo “Invasores da Cabeleira” (Ciência Hoje para crianças, nº. 134, ano 16 – abril 2003, p. 3-5) onde se pretende desenvolver um amplo debate com os alunos sobre ações coletivas, hábitos e atitudes pessoais que garantissem o controle, a prevenção e o tratamento da pediculose.

deste, seguindo a estratégia de reunião de Integração entre pais/responsáveis e profissionais, e reunião Pedagógica para definir as prioridades relacionadas às temáticas de Educação para a Saúde. Elas constatarem que, a partir da implementação das ações, houve a diminuição de alunos infestados, pois antes a escola recebia muitas reclamações por parte de professores e pais, e que alcançou uma queda significativa no número dessas reclamações.

5.4.5. Escola 5 - Projeto: XÔ PIOLHO.

A escola desenvolveu o projeto durante 14 meses, em 2003 e 2004, prosseguindo em 2005 e justifica, por meio da Coordenadora Pedagógica e Orientadora Educacional, que estão à frente do trabalho na escola a sua implementação e continuidade, devido à chegada de novos alunos matriculados que já vêm infestados.

Como estratégia metodológica para desenvolvimento da temática, as responsáveis pelo andamento do trabalho colocam como atividades a serem desenvolvidas:

- ✓ Palestras de conscientização com pais/responsáveis;
- ✓ Discussão do tema nas reuniões de Integração e Pedagógica;
- ✓ Formação continuada em serviço;
- ✓ Divulgação do assunto com os alunos utilizando atividades, como: concursos, confecção de cartazes, slogan, paródias e produção de folder; dramatização de peças com abordagem preventiva; teatro de fantoches; montagem de um dicionário sobre piolho/pediculose; leitura de histórias e poemas; confecção de passa-tempo (cruzadinhas, adivinhações, paralendas, caça-palavras, jogo dos 7 erros); conferência das cabeças com autorização dos pais; feirinha fitoterápica; produção textual e confecção de jogos (peões, dominó,

quebra-cabeça, memória). Na avaliação do projeto, principalmente, no que se refere à diminuição dos alunos infestados, as educadoras colocam que a afirmação feita em relação à queda de alunos infestados baseia-se nas observações feitas pelos funcionários, professores e pais, pois estes não têm feito nenhuma reclamação na escola, fato que era constante antes da implementação do projeto.

5.4.6. Escola 6 – Projeto: O REINADO DO COÇA-COÇA ESTÁ POR UM FIO.

As educadoras (Diretora e Professora da Educação Infantil em dupla jornada na mesma escola) desenvolveram o projeto durante 12 meses, nos anos de 2003, 2004 e 2005.

Quanto à metodologia, as educadoras se propuseram a realizar palestras sobre piolho/pediculose e suas conseqüências com os demais profissionais da escola, os responsáveis e alunos, utilizando como recursos, o álbum seriado e a cartilha “Tire esse bicho da cabeça” e na reunião de responsáveis, solicitar, por escrito, a autorização para verificação das cabeças dos alunos que fossem participar do Dia de Combate ao Piolho.

Como atividades específicas a serem produzidas pelos alunos da Educação Infantil à 4ª série, a Diretora coloca: cruzadinhas, caça-palavras, debates sobre preconceito e exclusão, após assistirem ao filme “Shrek I” e produção textual com o tema piolho/pediculose, utilizando como mote, o estigma.

Avaliam que o projeto trouxe resultados positivos quanto à observação da diminuição de alunos infestados.

5.4.7. Escola 7 – Projeto: PREVENINDO-SE DA PEDICULOSE.

A Unidade Escolar desenvolveu o projeto durante seis meses, no ano de 2004. Na metodologia, as Educadoras responsáveis em conduzir o processo na escola, após formação, (Coordenadora Pedagógica e Professora com graduação em

Biologia, atuando em turma de 4ª série) colocam as etapas de implementação do projeto desde a Educação Infantil a 8ª série, capacitando os professores em seus locais de serviço sobre a temática Piolho/pediculose e suas conseqüências, e posterior desenvolvimento de um trabalho educativo junto ao público escolar dos diferentes segmentos.

As educadoras, com base na literatura científica de Barbosa & Pinto (2003) fazem um breve histórico do piolho. Falam corretamente dos três tipos de piolhos que parasitam o homem, assinalando que as espécies são diferenciadas de acordo com o local da parasitose. Mencionam, também, a biologia e o ciclo de vida do parasito. Destacam informações relevantes e reelaboradas no espaço da formação continuada, a serem trabalhadas sobre a infestação por piolhos, independente da classe social, credo ou cor.

O primeiro sinal de infestação que as professoras observam na sala de aula é a intensa coceira na região da nuca, apresentada principalmente pelas meninas, e esse ato de coçar esta região, para elas, é um indicativo de infestação e que, agora, merece maior atenção, pois antes não viam a pediculose como doença, e sim falta de higiene, e, como doença, pode trazer para a criança transtornos no processo de aprendizagem; exemplo, afastamento pelos colegas.

Enquanto educadoras, percebem o quanto é constrangedor para uma criança ser rotulada como 'piolhenta', 'porca' entre outros apelidos. O conhecimento acerca do assunto pode ser a 'carta' que estavam necessitando para vencer esse 'jogo'. O conhecimento adquirido tem sido essencial tanto para os docentes, quanto para os responsáveis pelas crianças que lidam diariamente com elas.

No que se refere à avaliação do projeto, em relação à observação da diminuição de alunos infestados na escola, as educadoras colocam que houve redução, após a implantação do projeto, pois foi solicitado as professoras que verificassem regularmente a cabeça dos alunos da Educação Infantil, 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental, de posse da autorização dos responsáveis, pois, esse público apresentava alto índice de infestação e reinfestação.

5.4.8. Escola 8 – Projeto: PROJETO PEDICULOSE

O projeto foi desenvolvido durante 14 meses, com início em outubro de 2003, e continuado no ano de 2004, ficando responsáveis pelo trabalho uma professora de Ciências e uma professora da 4ª série que atuam na Educação de Jovens e Adultos no período noturno.

Na metodologia, colocou o desenvolvimento de atividades, tais como, entrevista entre as turmas, oficinas, poesias, músicas, jogos, exercícios e produção de cartazes.

Na avaliação, as cursistas colocam que após a formação e implantação do projeto “as pessoas perderam o preconceito em relação à doença” e no que se refere à observação de alunos infestados, as educadoras não observaram a redução, justificando que o projeto contemplou o repasse de informação e não houve coleta de dados antes da implantação do projeto para que fossem feitas comparações antes e após as ações.

5.4.9. Escola 9 – Projeto: DE QUEM É A RESPONSABILIDADE?

Na apresentação do projeto, a escola se propõe a implementá-lo no ano de 2004, com a finalidade de controlar a infestação por *Pediculus humanus capitis* na comunidade escolar e discutir com esta “quem deve ser responsável” por esse controle, pois há anos a pediculose faz parte do cotidiano da Creche.

Justifica o trabalho devido ao grande número de reclamações por parte dos pais que constantemente têm os seus filhos infestados pelo parasito, e as professoras sofrem também com a infestação, pois, devido à idade das crianças, necessitam trabalhar com bastante proximidade delas. E por isso coloca toda a comunidade escolar como público-alvo do projeto.

Como objetivo e meta, se propõe a repassar à comunidade escolar as informações técnico-científicas adquiridas na formação em prevenção a

pediculose e conscientizar a comunidade escolar para que a pediculose seja vista como uma 'doença' e não mais como algo comum.

Como proposta metodológica para a abordagem do tema, a escola articula ações que envolvem, inicialmente, profissionais de toda a escola, pais/responsáveis, utilizando como estratégia uma palestra informativa e de conscientização com a pesquisadora e representante da SEME Edinéa Jerônimo. Em outro momento, foram distribuídos as cartilhas "Tire esse bicho da cabeça" e pente-fino, focando para a necessidade do uso diário do mesmo aliado a catação das lêndeas. Fechando o encontro, todos tiveram a oportunidade de visualizar piolhos e lêndeas, por meio de um modelo utilizando cabelos infestados, tampa de sorvete e lupa (ANEXO IX) - instrumento criado por uma das educadoras que participou da formação.

Outra estratégia utilizada foi a realização de atividades pedagógicas em sala de aula tais como: pintura de desenhos, utilização do álbum seriado "Tire esse bicho da cabeça" e criação de histórias orais sobre as pranchas, visualização dos piolhos, distinguindo machos e fêmeas e lêndeas, utilizando o protótipo descrito acima; criação de histórias pelas professoras para enfatizar o tema e sua importância; confecção do jogo quebra-cabeça utilizando a figura do piolho e a música Piolho (Bia Bedran), que foi trabalhada na formação continuada.

Foram, também, utilizados a dinâmica de verificação periódica da cabeça dos alunos com a autorização dos pais, como também mutirão para lavar a cabeça dos alunos, passar o pente-fino e fazer catação. O objetivo foi mostrar aos alunos maiores como fazer, e incentivá-los a fim de que pedissem aos responsáveis para fazer o mesmo em casa. A escola desenvolveu o trabalho durante oito meses no ano de 2004.

As educadoras, Supervisora de Ensino e Inspetora de alunos não observaram a redução de alunos infestados. Segundo elas, que ficaram responsáveis em implementar o projeto, alegaram que os alunos ainda continuavam infestados, fato registrado no questionário em março de 2005, quando a escola estava passando

por mudanças em seus quadros, o que iria ocasionar a saída das profissionais que participaram da formação e implementação do projeto no ano de 2004.

5.4.10. Escola 10 – Projeto: DIA EDUCACIONAL DA SAÚDE CAPILAR.

A escola desenvolveu o projeto durante 12 meses, sendo elaborado e iniciado em 2003 e dado continuidade em 2004. Justifica a implementação do projeto, devido ao considerável número de casos de pediculose na população infanto-juvenil que freqüenta a escola.

No que se refere à diminuição de alunos infestados, após implantação das ações educativas, a escola afirma que houve diminuição e baseia-se “no comportamento do aluno, no que diz respeito à sua apresentação pessoal (cabelos lavados e penteados, roupas mais limpas) e alunos mais participativos, solidários, com menos mitos e preconceitos em relação ao tema piolho/pediculose”.

6. DISCUSSÃO

6.1. O Educador e o Ensino: Quem são as profissionais que participaram do Processo de Formação Continuada em Pediculose?

Quanto ao número de profissionais, tivemos o total de 50 educadoras de um total de 1.698, o que corresponde a 3% da rede. Ressaltamos que as educadoras não tiveram liberação de ponto, portanto o critério para a participação foi o interesse do profissional. A formação contemplou Docentes, Professoras extraclases e Inspectora de alunos, essa última compõe o quadro de Profissionais de Apoio. Quanto à caracterização dos sujeitos que participaram da formação, houve o predomínio do gênero feminino, o que é justificado por Lüdke (2003, p. 80-81), no que diz respeito ao exercício de ocupação de educador ao remontar a sua trajetória política e histórica:

De longa data, o magistério, sobretudo o primário vem fazendo apelo principalmente ao contingente feminino. Bastante compatível com a natureza das funções femininas, tais como valorizadas em nossa sociedade ocidental, o magistério respondeu em cheio à necessidade de introdução da mulher na força de trabalho.

Verificamos que a formação acadêmica das profissionais, em sua grande maioria (32 de 50) vai além da graduação em Pedagogia; trabalhamos com Especialistas nas diversas áreas educacionais, que detêm, respectivamente, as funções de Diretoras e Coordenadoras Pedagógicas e exercem, na escola, o papel estratégico de organizadoras de processo de ensino e aprendizagem.

Quando fizemos o real levantamento das dificuldades encontradas para a execução de um projeto pedagógico que abordasse, junto à comunidade escolar, as questões mais emergentes apresentadas pelo corpo docente, a partir das suas

dificuldades e realidades econômicas, sociais e culturais, a fala mais recorrente foi o grande volume de atribuições a que são submetidas no seu cotidiano. Levando a grande maioria a “abordar” o tema quando julgasse necessário, dentro das possibilidades e no transcorrer do processo pedagógico da escola, já que o assunto era uma constante em todas as pautas de reuniões, seja de integração (pais, equipe técnico-pedagógica e docentes, que é mensal) ou reuniões pedagógicas ordinárias quinzenais.

Percebemos que apesar da falta de tempo segundo ela, devido à necessidade de cumprir os conteúdos curriculares, prevaleceu em 24 das 35 escolas, o interesse de socializar as ações educativas deliberadas em reunião. Ações que seriam mais emergentes e de interesse da comunidade escolar, a fim de diminuir a infestação, o desconforto e o afastamento de alunos portadores da pediculose. Mesmo dispostas a abrir um espaço de interlocução e troca de conhecimento sobre piolho/pediculose, insistiam nas dificuldades em inserir as questões de educação para a saúde, conforme preconiza os Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente e Saúde (1998). Tal fato nos aponta as dificuldades encontradas pelas escolas em inserir os Temas Transversais como prática pedagógica e que devem fazer parte do cotidiano do todo da escola.

Ao nosso olhar, fato que não deveria acontecer, pois como dissemos acima, a maior parte das cursistas são oriundas do Curso de Pedagogia com Lato sensu concluído em consonância com a graduação. Sobre as nossas discussões, procuramos aporte em duas autoras, que lançam um feixe de luz sobre o que nos apontam as educadoras em questão, mas que não esgotam as discussões e reflexões que todos os educadores devem fazer enquanto profissionais comprometidos com o ato de educar crianças, adolescentes, jovens e adultos, numa perspectiva de mudança para formar cidadãos mais conscientes da sua importância para este País.

Para Lelis (2003), a prática do educador deve alicerçar-se em dois pilares: o compromisso e o prazer, porque ambos são fundamentais, na medida em que se constituem em horizontes na natureza da prática a ser desenvolvida. O

compromisso é visto pela autora como o envolvimento e o profundo engajamento com o aluno no plano intelectual e afetivo, e junto com o prazer, os quais devem ser perpassados por uma postura de paixão pelo trabalho. A autora considera esse compromisso como algo que é profissional e político, dando real sentido às nossas ações e ao nosso ofício: sermos profissionais do ensino.

Candau (2003) ao colocar-se sobre a formação profissional dos educadores, afirma que a formação de professores está passando por um momento de revisão substantiva e de crise em nosso País. Destaca que muitos são os motivos que provocaram esta situação. Dentre esses, ela evidencia: o questionamento do próprio papel exercido pela educação na sociedade, a falta de clareza sobre a função do educador e a problemática relativa à redefinição do curso de Pedagogia e das licenciaturas em geral.

Quando lançamos a proposta do Projeto de Formação continuada em pediculose, partimos do pressuposto que, segundo Branco et al (1996, p. 16) um projeto:

[...] deve ser estruturado com objetivos claros com proposta metodológica que especifique as etapas de sua execução. A clareza das metas a serem realizadas e das hipóteses de trabalho são fundamentais para o acompanhamento, compreensão e avaliação do mesmo.

Nessa perspectiva, no decorrer do processo de formação que discutiremos adiante, procuramos, durante as ações, aguçar o nosso olhar crítico e profissional, tendo como meta buscar parceiros no campo de trabalho: a escola, e garimpar o bom professor que para Freire (1999, p. 51) é o que “*consegue enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento, do seu comprometimento*”.

Tivemos a preocupação, nessa perspectiva de troca durante a formação, de tecer reflexões e críticas em relação à educação bancária, onde o professor é

considerado o detentor do saber social e politicamente acumulado, e o aluno apenas um mero receptor deste saber pronto e acabado, o que nega a ele o direito de questionar, refletir e de exercício à sua cidadania.

Buscamos com essa reflexão e discussão fazer com que as professoras que estavam participando da formação procurassem se questionar, já que, segundo interpretação pessoal, boa parte defendia a educação tradicional como a única forma de estimular o aluno a aprender, pois, segundo as educadoras, eles sempre aprenderam assim. E essa “idéia” de “construtivismo” veio para fazer uma tremenda confusão na cabeça delas, dos alunos e provocar uma reação negativa dos pais/mães/responsáveis, gerando questionamentos sobre a nova prática profissional em relação a essa “nova maneira” do fazer, do ensinar e do aprender, criando um grande conflito entre as educadoras, os responsáveis e a equipe técnico-pedagógica, principalmente diretoras, coordenadoras pedagógicas e professoras (es) que estavam participando ou não do Programa de Professores Alfabetizadores do Governo Federal (PROFA) implementado no Município pela Secretaria Municipal de Educação (SEME) com recursos próprios, em 2004, que tem como objetivo capacitar educadores para o processo de construção do código escrito.

Ao mesmo tempo em que tecemos a crítica, também traçamos um paralelo com a pedagogia renovada que é uma concepção que inclui várias correntes progressistas de educação e que de alguma forma estão ligados ao movimento da Escola Nova. Resguardadas as divergências das correntes que a compõe, vimos um princípio norteador de *“valorização do indivíduo como ser livre ativo e social. O centro da atividade escolar não é o professor nem os conteúdos disciplinares, mas sim, o aluno, como ser ativo e curioso. O professor é visto como facilitador do processo de busca do conhecimento”*, Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (1998), o que já vem sendo trabalhado com os educadores em outras formações, além do PROFA, promovidas pela SEME, também com recursos próprios, amparadas no seu Projeto Político Pedagógico (2003).

6.2. Caracterização das Escolas que Participaram da Formação: são espaços de interação ou de dicotomização entre a Sociedade, seus profissionais e a comunidade?

Para a formação continuada em pediculose inscreveram-se previamente, na SEME, 57 escolas - o que perfaz 97%, mas, efetivamente, 35 escolas que corresponde a 59% da Rede participaram da formação.

Os dados apresentados acima só têm sentido se atrelados à vivência do educador e educando, enquanto cidadãos participantes do espaço escolar que vem refletindo o modelo de sociedade vigente onde se agrega educacionalmente e culturalmente à comunidade em que a escola está inserida. Porém, grande parte dos educadores não consegue vislumbrar essas integrações que são subjacentes ao processo educacional, ao mesmo tempo interferindo de forma sutil nas inter-relações do processo ensino-aprendizagem.

Tostes (2004, p.29) define, a contento, essa sociedade plural a que estamos nos referindo:

Toda e qualquer sociedade só consegue sobreviver se houver um equilíbrio das contradições existentes dentro dela, portanto, o homem oriundo das classes populares precisa conhecer o que se passa ao seu redor, os conflitos que o cercam para poder se inserir neste contexto, fazendo uso dos meios disponíveis e que respeitem as suas experiências, suas expectativas, os seus conhecimentos e que lhe dê oportunidade de novas conquistas, novas descobertas, novas achados. Não se pode pretender um engajamento consciente do homem na sociedade em que vive se não lhe for dado condições de se instrumentalizar para este compromisso.

Nesse contexto de sociedade, entendemos a inserção do papel do educador, como primordial para a busca de práticas que o levem à internalização do processo de conscientização, vislumbrada pelo mestre Paulo Freire e que passem a entender a escola como um dos locais adequados às práticas educativas em saúde, tendo em vista o seu papel formador e as suas potencialidades, no sentido de desenvolver habilidades, estimular atitudes e canalizar interesses, Santos (2003).

O educador de que falamos, deve ter uma postura responsável e comprometida com a educação na sua totalidade. Deve sair da sua posição de transmissor de conteúdos e assumir seu papel de mediador do processo ensino-aprendizagem em sua totalidade, para que possa dialogar não só entre os seus pares, mas também, estender esse diálogo a toda comunidade escolar, trazendo-a para dentro da escola e sair dessa escola e ir ao campo da comunidade a fim de que possa vivenciar seus problemas e angústias. Essa interlocução pode responder a muitas perguntas que não querem calar, entre as quais destacamos:

- ✓ O que é que esse menino (a) está fazendo na escola que não consegue aprender?
- ✓ Onde estão os pais dessa criança que não vêem que ela está cheia de piolhos?
- ✓ Será que eles não enxergam que isso é falta de higiene, é sujeira?

Respondemos com outra pergunta: Onde está a escola e seus educadores que não conseguiram, com rara exceção, interagir e, sim, dicotomizar o espaço escolar e a comunidade escolar com os seus problemas e possíveis cuidados que a escola pode assumir?

Entendemos a escola e o processo educativo de forma holística com educadores comprometidos e conscientes, capazes de apontar soluções, porque neste contexto acreditamos, como Freire (2004, p. 41), *“que a educação é comunicação,*

é diálogo, na medida que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação do significado”.

6.3. A Formação Continuada em Pediculose: O Modelo de Formação.

Na concepção de Falsarella (2004) a formação continuada pode ser vista sob duas vertentes: uma de sentido amplo e outra de sentido estrito que se complementam. Em seu sentido amplo, a formação continuada expressa uma ação que busca patamares mais elevados de profissionalidade. É um processo ininterrupto que acompanha o professor durante toda a sua trajetória profissional. Em seu sentido estrito, a formação continuada assume forma deliberada e organizada de aperfeiçoamento proposta ao docente que o incentive, pela ação, reflexão e interação com seus pares, ao aperfeiçoamento de suas práticas e à apropriação de saberes rumo à autonomia profissional.

Objetivamos com essa formação, a construção e implantação conjunta de uma dinâmica educacional que brotasse das experiências e vivências das profissionais externadas durante o processo de formação continuada; e que as ações pensadas durante a formação, chegassem à comunidade escolar promovendo mudança de hábitos, atitudes e valores, refletissem na redução e controle da pediculose e suas conseqüências físicas, psicológicas e sociais.

A relevância de um trabalho sistemático abordando a temática piolho / pediculose é corroborado por Castex et al (2000) quando aborda em seu trabalho a persistência endêmica da pediculose nas escolas e nas famílias, colocando-as como ponto de partida para um trabalho educativo e preventivo, visando à diminuição dessa parasitose que atinge mais crianças em idade escolar do que qualquer outra doença comum na infância. Aliado a este importante dado e agravadas pela falta de conhecimento teórico-científico das educadoras sobre a temática piolho / pediculose as leva, muitas vezes, à reprodução de conhecimentos do senso comum, contribuindo para o agravamento, o aumento do número de casos e do preconceito em relação a essa enfermidade.

Muitas vezes, também, reforça comportamentos não afetivos e éticos em relação a alunos, colegas, mães / pais / responsáveis, infestados pelo **Pediculus humanus capitis**.

A formação, por meio das educadoras, pretende reafirmar que o papel da escola está além do cumprimento das normas curriculares. O seu grande desafio é formar no seu corpo docente uma base sólida para o desenvolvimento de atitudes favoráveis à busca do conhecimento, pois as crianças já chegam à escola com uma grande bagagem de conhecimentos empíricos a respeito de doenças e outros temas da sua realidade. De forma geral, o que foi colocado sobre piolho / pediculose contempla a Educação para a Saúde preconizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) cujo texto legal afirma que querendo ou não, a escola está continuamente submetendo os alunos a situações que lhes permitem valorizar conhecimentos, princípios, práticas ou comportamentos saudáveis ou não. Cabe à escola, por meio do seu Projeto Político Pedagógico fazer a escolha do caminho a ser percorrido.

Pautados numa necessidade emergente de se trabalhar o tema pediculose no espaço escolar, solicitado pelas equipes técnico-pedagógicas das escolas e dos professores que convivem com a problemática no seu dia-a dia, buscamos implementar com as educadoras um modelo de formação que a SEME já vem utilizando desde 2001, para o trabalho de Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids, gravidez precoce não planejada e uso e abuso de drogas lícitas e ilícitas, respaldados no aporte teórico desenvolvido por Branco et al (1996, p. 16-18) que adaptamos para o trabalho em pediculose. Sobre o processo de formação, as autoras colocam que:

“A estratégia de formação pretendeu gerar uma conscientização sobre as limitações da formação do professor e criar condições para que os profissionais desenvolvessem atividades continuadas. Desta forma, procurou-se estabelecer uma relação de troca com estes profissionais, e não uma relação de

dependência, referendada pela conscientização proposta por Freire (1979), em que o autor ressalta a relevância da dimensão sócio-cultural e política da prática pedagógica”.

Essa formação visa a trabalhar temas em que as educadoras possam refletir e discutir no grupo sobre as suas dificuldades pessoais e pedagógicas e avançar com o tema piolho/pediculose e seus agravos problematizá-las junto ao grupo durante as atividades propostas, desconstruindo erros conceituais, preconceitos e tabus e construir cada uma o seu processo de conscientização, indo para além dos livros didáticos, que trazem erros conceituais a respeito do tema e avançar com uma proposta pedagógica mais efetiva com a comunidade escolar.

No que diz respeito ao processo de conscientização, Freire (2004) a relaciona com o processo de educação e que essa conscientização é caracterizada pela ação crítica permanente do homem sobre a realidade. Para o autor, é necessário que os indivíduos se distanciem do objeto cognoscível para poder refletir, de maneira crítica, sobre o objeto, a fim de conquistarem a conscientização.

Buscamos, nessa perspectiva, fazer brotar da prática pedagógica das educadoras, as competências que iriam fundamentar *“a relação pedagógica da sala de aula e suas interações com a história de vida de cada sujeito que constrói o dia-a-dia da prática escolar”* André & Mediano (2003, p. 187) abrindo os portões e quebrando os muros da escola, para atuarem na condição de educadoras disseminadoras, levando para a comunidade escolar, adaptando cada uma à sua realidade o projeto que serviu de matriz à Formação continuada em pediculose: Quando o piolho invade a aula e o professor (a) afasta o (a) aluno (a). Objetivamos mostrar a relevância, a necessidade e a avaliação do trabalho a partir das expectativas, dificuldades, comprometimento, conscientização das profissionais atuantes desse processo de Formação Continuada, tendo como eixo norteador em Ensino de Biociências e Saúde a pediculose, trabalhando um assunto tão presente no cotidiano escolar, principalmente nas Creches, nas turmas de Educação Infantil e

nas primeiras séries do Ensino Fundamental, ao mesmo tempo tão banalizado pelas Políticas Públicas de Saúde e Educação.

Para definir melhor o termo Competência, utilizamos Demo (2003, p, 54) que afirma:

“A capacidade de fazer e fazer-se oportunidade. Inclui o questionamento reconstrutivo como sua base inovadora através do conhecimento e como processo de formação do sujeito histórico capaz. Quer dizer, competência refere-se sempre ao desafio da qualidade formal (inovação pelo conhecimento) e política (intervenção ética e cidadania). Jamais se restringe à competitividade, embora a implique naturalmente. Do ponto de vista da educação, prevalece necessariamente a definição de competência como processo de formação do sujeito histórico capaz de inovar, mas sobretudo, de humanizar a inovação”.

Entendemos como competência no que se refere à “profissão” de professor (a), nos dias atuais, como aquele (a) trabalhador(a) que, dependendo de suas posturas e atitudes, pode levar seus(as) alunos(as) a se perceberem como pessoas, como agentes de sua própria história de vida e da coletividade que faz parte. Um (a) cidadão (ã) é que necessita buscar a consolidação do conhecimento profissional educativo mediante a prática que deve sustentar-se na análise, na reflexão e na intervenção sobre situações de ensino e aprendizagem concretas.

Imbernón (2002, p. 70) ressalta em seus estudos sobre formação continuada de professores que a profissão docente precisa ser menos individualista e mais coletiva e tem a função de:

- ✓ Ajudar o educador (a) a desenvolver um conhecimento profissional que lhe permita: avaliar a necessidade potencial e

a qualidade da inovação educativa que deve ser introduzida constantemente nas instituições;

- ✓ Desenvolver habilidades básicas no âmbito das estratégias de ensino em um contexto determinado, do planejamento, do diagnóstico e da avaliação;
- ✓ Proporcionar as competências para ser capazes de modificar as tarefas educativas continuamente, em uma tentativa de adaptação à diversidade e ao contexto dos alunos, e
- ✓ Comprometer-se com o meio social.

Tudo isso supõe uma formação contínua que desenvolva processos de pesquisa colaborativa para o desenvolvimento da organização, das pessoas e da comunidade educativa que as envolve.

Avaliamos que o trabalho docente que realizamos incorporou conhecimentos científicos, pedagógicos e profissionais, que permitiu criar processos próprios, autônomos, de intervenção, onde as educadoras saíssem da posição de reclamantes estáticas para a ação pedagógica dentro da sua realidade escolar, como seres curiosos em busca do desconhecido. Fato que foi evidente nas falas destacadas do caderno de registro que nos serviu de parâmetro para avaliar a relevância do tema, como eixo condutor de uma Formação Continuada, como também a evolução dos conceitos sobre a temática piolho/pediculose, a partir das experiências e conhecimentos iniciais das educadoras que se mostravam extremamente inseguras em abordar ou trabalhar o assunto, devido ao desconhecimento científico que elas apresentavam. Estes dados são corroborados na percepção de Freire (1999, p. 85), quando ele coloca que *“como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”*.

Ressaltamos a grande importância da interface entre educadores, cientista e Instituição de Pesquisa, em especial o cientista atuando como formador no

Município e as educadoras aprofundando discussões, tirando dúvidas, atuando como pesquisadora no local de trabalho desse cientista. Tal fato é colocado na fala das educadoras como um dos principais detonadores das suas motivações para trabalhar o tema no espaço escolar.

6.3.1. Formação Continuada em Pediculose: levantando dados e concepções a partir de um questionário semi-estruturado.

Objetivando aprofundar questões pedagógicas discutidas acima no que se refere à formação continuada, levantamos em dois momentos diferenciados através de dois questionários semi-estruturados, a percepção das educadoras sobre as questões inerentes ao tema piolho/pediculose.

No primeiro momento, perguntamos se costumavam “abordar” o tema pediculose na prática docente, e se já o haviam “trabalhado” com os alunos. Em caso de resposta negativa à segunda pergunta, solicitávamos que justificassem o por quê. De 41 questionários devolvidos, obtivemos, respectivamente, 28 que “abordavam” o tema e 13 não o abordavam. Seguido de 25 que “trabalharam” o tema com os alunos e 16 que não trabalharam”.

Dada a diferença pedagógico-conceitual entre “abordar” o tema e “trabalhá-lo” com os alunos, verificamos que as educadoras conseguiram internalizar os conceitos, uma vez que “abordar” tem como significado pedagógico-conceitual cumprir uma formalidade curricular (Imbernón, 2002) sem o compromisso da mudança. Nesse caso, pode-se dizer que o processo ensino-aprendizagem é estático e bancário. “Trabalhar” o tema, por outro lado, traz intrinsecamente o conceito de uma relação dialógica, dinâmica e problematizadora do processo ensino-aprendizagem, o que foi o alvo com o trabalho de Formação Continuada em Pediculose.

Para Freire (1999, p. 86-89) o imprescindível nesse processo “é que professores e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta,

curiosa, indagadora e não passiva, enquanto fala ou enquanto ouve”. Esse mesmo autor afirma que a educação problematizadora impõe a ruptura entre o fatalismo e a inércia da educação bancária para uma educação que propõe aos homens o ímpeto de transformação e busca para que eles se sintam sujeitos da sua história em sintonia com a tomada de consciência da sua situação, e eles se apropriem dela ao mesmo tempo em que se sintam capazes e fortalecidos para transformá-la. A opinião dele é:

[...] a educação problematizadora enquanto um quefazer humanista e libertador, o importante está em que os homens submetidos à dominação, lutem pela sua emancipação. Por isto, é que esta educação em que educadores e educando se fazem sujeitos do seu processo, superando intelectualismo alienante, superando o autoritarismo do educador 'bancário', supera também a falsa consciência de mundo.

Durante a formação, buscamos a humanização do olhar e da prática pedagógica das educadoras para o tema piolho/pediculose na comunidade escolar, porque elas traziam uma “fala” constante de nojo e afastamento da criança infestada e ainda reforçavam esse afastamento entre os alunos, pois, eles (os infestados) causavam problemas na sala de aula, porque eram motivos de brincadeiras de mau gosto e apelidos pejorativos, o que tumultuava a aula.

As ações voltadas à solução do problema reduziam-se ao repasse dos casos de infestação severa para a direção e/ou equipe técnico-pedagógica, chamar à escola pais/mães/responsáveis, por meio de bilhetinhos. Essas equipes lidavam com os pais/mães/responsáveis de forma a intimidá-los a tratar da (s) sua (as) crianças, levando-os a um processo de culpa e constrangimento por a(s) criança(s) estar(em) muito infestada(s), principalmente quando era uma constante frequentar a escola num ciclo vicioso de infestação e reinfestação. Tais atitudes, muitas vezes, levavam mães/pais/responsáveis a afastarem a criança da escola, o

que resolvia em parte, o problema da escola. Barbosa (2005) destaca que não existe uma Política de Saúde Nacional que coíba a ação de professores que levem ao afastamento da criança da escola, expondo-a a ação de medicamentos tóxicos utilizados por grande parte da população leiga. Ilustrando a nossa constatação, citamos o referido autor, no que diz respeito a Políticas Públicas Americanas em caso de infestação pelo **Pediculus humanus capitis**:

Uma política adotada em escolas americanas, é a política do “No nits”, ou seja, não lêndeas, que sugere o retorno do aluno às aulas, somente após o término da infestação, sem lêndeas e sem piolhos. Tal medida no Brasil deve ser questionada, pois não existe nenhuma lei que sustente o afastamento da criança da escola quando ela esteja infestada com piolho, pois esta parasitose não é considerada como doença infectocontagiosa.

Crianças que apresentavam infestação pouco perceptível e, o fato de não trazerem problemas, em função dessa parasitose para o andamento da aula, as educadoras faziam de conta que a pediculose não estava na sala. Contrapondo os esse argumento, buscamos em Freire (1999), a importância do processo de sensibilização e humanização do olhar, do tratar e do fazer, independente do cargo que ocupam, dos educadores (as) quando se deparam com pais/mães/responsáveis e discentes que trazem questões de ordem pessoal e suas conseqüências para serem escutados (as) pelo (a) profissional no espaço da escola, muitas vezes, o único espaço onde tem “alguém” para essa escuta.

Existir humanamente é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar, onde o diálogo se impõe como caminho pelo

qual os homens ganham significação enquanto homens.

Esses dados são corroborados pelas respostas das educadoras quanto ao porquê de não trabalharem o tema com os alunos. A resposta mais recorrente foi “a falta de conhecimento sobre o assunto”; as limitava não só para o trabalho pedagógico, na sala de aula, como também para estabelecer uma relação de comunicação e troca com a comunidade escolar.

Quanto às limitações das educadoras, Lelis (2003) aponta para um processo de desconstrução dessas limitações, na medida em que as educadoras são chamadas a responder aos desafios e exigências colocados pelas realidades sociais e educacionais e pelo dia-a-dia da vida escolar. Mesmo alegando falta de conhecimento sobre o assunto, 16 das 41 educadoras já haviam participado de algum “tipo de campanha de prevenção a pediculose” e 15 dessas 16 educadoras participaram de campanhas promovidas pela própria escola. Este dado nos trouxe preocupação e por isso investigamos junto às educadoras as fontes utilizadas para a elaboração da campanha. As respostas foram: os livros didáticos e pesquisas realizadas pelos alunos. Solicitamos o acesso aos trabalhos produzidos e somente duas professoras de escolas diferentes, que nomearemos de A e B, trouxeram os cartazes produzidos pelos seus alunos.

O cartaz apresentado pela educadora A abordava e reforçava o uso de medicamentos de marca da indústria farmacêutica para o controle da pediculose, dado que percebemos muito presente nas falas. O cartaz apresentado pela educadora B também reforçava o uso de medicamentos e associava “ter piolho” ao conceito de “má higiene” e indicava “tomar banho e lavar a cabeça todos os dias” como condição para “não pegar” piolho. As demais educadoras argumentaram que os trabalhos haviam se perdido ou devolvido aos alunos. Podemos especular sobre os motivos de somente duas de dezesseis educadoras se disporem a mostrar o trabalho que realizaram e, chegamos à seguinte conclusão: com a formação em andamento, vários erros conceituais/científicos sobre a biologia do piolho e os agravos à saúde causados pela pediculose; a

desmistificação sobre a eficácia da medicação pediculicida veiculada pelos meios de comunicação de massa e livros didáticos, o falso discurso de associar o parasito e a doença à falta de higiene e à sujeira e o medo de assumir o preconceito, em relação a pais/mães/colegas/alunos parasitados foram, ao longo dos encontros, sendo desconstruídos. Esse fato pode ter feito com que as educadoras se questionassem quanto à fidedignidade das informações repassadas nas campanhas, o que colocava em xeque a formação acadêmica delas, fato que pode tê-las levado a se retraírem, não trazendo para discussão naquele momento.

As colocações acima são referendadas por Nóvoa (2001, p. 3) quando ele coloca, para os dias atuais, a importância de o professor ser pesquisador e reflexivo:

O paradigma do professor reflexivo, do professor que reflete a sua prática, que pensa, que elabora em cima dessa prática, é o paradigma hoje em dia dominante na área de formação de professores. [...] mais de uma vez já disse que o que me importa mais é saber como é que os professores refletiam antes que os universitários tivessem decidido que eles deveriam ser professores reflexivos. Identificar essas práticas de reflexão – que sempre existiram na profissão docente, é impossível alguém imaginar uma profissão docente em que essas práticas reflexivas não existissem tentar identificá-las é construir as condições para que elas possam se desenvolver.

Quanto às instituições que deveriam ficar responsáveis pelo controle da pediculose, as educadoras apontaram em maior número, respectivamente: o Poder Público, representados pelas Secretarias Municipais de Saúde e Educação, seguidas pelos governos Municipal e Estadual. As demais instituições assumiram a seguinte ordem de responsabilidade: Associação de Moradores, Governo Federal, Igrejas locais em igualdade com a família e escola; somente a família e,

por último, a responsabilidade é de todos em igualdade com o item, todos da sociedade. Esses dados nos sugerem que, para as educadoras, o Poder Público, representado pelas Secretarias Municipais de Saúde e Educação, tem maior responsabilidade pelo controle da morbidade. Elas não isentaram a escola e a família pelo controle, porém as responsabilizam em menor escala. Isso pode indicar um certo receio das educadoras, enquanto participantes de um processo de Formação Continuada, em assumir a escola como espaço mantido pelo Poder Público e em compartilhar a responsabilidade pelo controle da pediculose. O receio de trabalhar outros temas relacionados à prevenção de doenças, e a busca de melhor qualidade de vida indicam falta de clareza e/ou desconhecimento do que está preconizado no texto legal dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Saúde e Meio Ambiente (1998).

Outra questão abordada foi, no questionário semi-estruturado, saber se as educadoras encontravam-se mais preparadas para trabalhar o tema após a formação, e em caso de resposta positiva, se houve ou não evolução nas concepções e conceitos sobre piolho/pediculose. As educadoras responderam, também, as questões sobre qual seria o público-alvo para o desenvolvimento de um trabalho com o tema pediculose. Perguntamos também se a Formação Continuada contribuiu para melhorar a formação profissional de cada uma e, finalmente, sobre a crença no trabalho que estão desenvolvendo. Dos 50 questionários, obtivemos o retorno de 23, que discutiremos, a seguir o seu conteúdo à luz da investigação proposta acima.

Quando interrogadas se estavam mais preparadas para trabalhar o tema, as 23 educadoras (100%) afirmaram que sim e as respostas apresentadas no resultado nos remetem à conclusão de que a aquisição dessa segurança em trabalhar o assunto, não só com os alunos, como também entre seus pares e responsáveis se deu, principalmente, pelo fato da formação proporcionar a elas conhecimentos científicos e pedagógicos para o trato da temática de forma mais natural e menos preconceituosa, antes colocado por elas como algo desconhecido ou trazendo o conhecimento do senso comum, o que as limitava para desenvolver um trabalho

educacional de controle da pediculose no espaço escolar e “como falar” com mães/pais/responsáveis, de forma a não gerar constrangimentos e a retirada da criança da escola pelos mesmos.

Acreditamos que houve aprendizagem, não apenas pelas afirmações que as educadoras faziam nos diversos tipos de registro utilizados em nossa pesquisa, mas também porque, ao final de cada encontro, as educadoras expressavam o entusiasmo e a alegria própria de quem vence um desafio, o que segundo Trivelato (2003, p. 65) reflete uma postura positiva, já que “esse desafio que todo professor enfrenta cotidianamente, o leva à aprendizagem e à construção de conhecimentos”.

Os dados relativos à questão sobre se estavam trabalhando o tema junto ao público-alvo mostrou o entusiasmo de uma educadora em implementar o trabalho, o que não foi correspondido pelos seus pares, seguido da dificuldade das escolas em se organizarem na figura da direção, equipe técnico-pedagógica e participante da formação, para o desenvolvimento do projeto pedagógico.

Esclarecemos que essas cinco educadoras fazem parte das 11 escolas que não desenvolveram qualquer tipo de ação após a formação. Verificamos, aqui, a ausência do compromisso que todo educador deve assumir, enquanto profissional, com a comunidade escolar, que necessita do desenvolvimento de ações educativas em prevenção, informação e tratamento não medicamentoso para o controle da pediculose no espaço escolar. Em contrapartida, 18 de 23 educadoras assumiram o compromisso de desenvolver ações educativas junto à comunidade escolar, devido às demandas manifestadas em suas falas. Buscamos em Freire (2005, p.15) a práxis desse compromisso a que estamos nos referindo:

O compromisso seria uma palavra oca, uma abstração se não houvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano concreto.

Se prosseguirmos na análise da frase proposta, sentimos a necessidade de uma penetração cada vez maior no conceito de compromisso, com a qual podemos apreender aquilo que faz com que um ato se construa em compromisso.

Mas, no momento em que esta necessidade nos é imposta, cada vez mais claramente, como uma exigência prévia à análise do compromisso definido - do profissional com a sociedade -, uma reflexão anterior se faz necessária. É a que se concentra em torno da pergunta: quem pode comprometer-se?

Foi na busca desse profissional comprometido socialmente, que aguçamos o nosso olhar pedagógico, aliado às nossas experiências profissionais. Enquanto educadoras que fazemos acontecer, mesmo nas adversidades, procuramos garimpar o “bom professor”, que para nós seria (m) aquele (s) profissional (ais) capaz (es), não só de comprometer-se, mas estender esse comprometimento até ao encontro e concretização das ações necessárias a serem empreendidas na sua comunidade escolar, para o controle da pediculose e, ter a capacidade de trabalhar com a adversidade que iriam encontrar pela frente.

Investigamos, ainda, qual foi o tema desencadeador utilizado para a apresentação do mesmo junto aos alunos. Nesse item, as educadoras podiam explicitar mais de uma opção. Obtivemos que as educadoras utilizaram principalmente o ciclo de vida do inseto para justificar a importância do uso diário do pente-fino, aliado à importância da sua limpeza no manuseio, por ele interferir mecanicamente e de forma não medicamentosa sobre os insetos adultos, impedindo a sua reprodução; retirar as ninfas em seus diferentes estágios, além de arrastar algumas lêndeas, isso sem causar danos à saúde do infestado (a).

O segundo tema mais citado foi a cartilha produzida pelo Departamento de Biologia – IOC/FIOCRUZ “Tire esse bicho da cabeça” por nove das 23

educadoras, o que corresponde a 39% da nossa amostra. Esse material, além de trazer informações sobre o ciclo de vida do inseto, também informa, através de desenhos acompanhados de pequenos textos explicativos em linguagem bastante acessível, as formas de transmissão da parasitose, indica a utilização do pente-fino para a prevenção e tratamento não medicamentoso como método de controle e retirada mecânica das lêndeas, utilizando vinagre diluído em água, o que já é de conhecimento da população. A cartilha traz esse conhecimento/tratamento de forma científica, pois já foi utilizado em escolares da Rede Municipal do Município do Rio de Janeiro – Estado do Rio de Janeiro, com resultados positivos descritos por Barbosa & Pinto (2003).

Nas demais respostas, destacamos as estratégias de falar da importância da mudança de hábitos e atitudes como forma de prevenção à pediculose, (não compartilhar bonés, pentes, escovas, presilhas e tiaras) desenhos representando o inseto em suas diferentes fases de vida; palestras falando sobre o inseto, a doença que causa e as conseqüências para a saúde; a música O Piolho e o texto do livro didático. Este último comumente apresenta erros conceituais (na biologia do parasito, na doença, e a associação equivocada da presença do parasito à falta de higiene pessoal). Nestes casos, as educadoras intervinham com bastante preocupação, fazendo as devidas correções. Algumas até aproveitavam o momento para solicitar aos alunos a identificação dessas falhas para corrigi-las em conjunto, aproveitando o momento para consolidação do conhecimento científico.

A utilização do álbum seriado “Tire esse bicho da cabeça” abriu várias frentes de comunicação para educandos que ainda não dominavam o código escrito, apesar da necessidade desse material, como também a cartilha com o mesmo título passar por uma avaliação de cunho científico e pedagógico, desdobrando-se em artigos que apontarão para as devidas melhorias destes materiais.

Os itens dez e onze do questionário são perguntas abertas, em que procuramos buscar nas falas das educadoras se a formação contribuiu para a melhoria da formação profissional, e se acreditavam que um trabalho sistemático em

prevenção a pediculose contribuiria para a diminuição dos casos de infestação no espaço escolar.

Quanto à contribuição para a melhoria da formação, a fala mais recorrente se concentra em torno da aquisição de novos conhecimentos, em decorrência de um processo de aprendizagem durante a formação. Essa aquisição foi considerada fundamental para a conscientização do papel de educadoras, ao reconhecer as suas limitações impostas muitas vezes pela falta de condições (financeira, pessoal ou de elevada carga horária de trabalho) o que leva muitas vezes os alunos chegarem à escola munidos de muito mais informações do que o próprio professor (a). Foi, também, colocada a socialização desse aprendizado na escola, na comunidade, além de incorporá-lo à sua vida pessoal.

No que diz respeito à credibilidade de um trabalho sistematizado, trazer como resultado a diminuição de casos de pediculose no espaço escolar, as educadoras se colocam como uma das responsáveis em deslanchar o processo. Porém, associam o sucesso desse trabalho, não só a responsabilidade dos profissionais que atuam na escola, ao se comprometerem em realizar a sua parte no processo, mas, também, o comprometimento dos responsáveis, à medida que são sensibilizados e informados sobre o parasito, as doenças que podem veicular, como impetigo, miíases, estresse, as doenças de conotação psicológica e social e as conseqüências geradas sobre a saúde da criança. Essa afirmação é corroborada por Chosidow (2000) que destaca a importância da família no controle da pediculose.

Para fechar essa parte da discussão, nos apropriamos da fala de Freire (2005) quando se refere ao trabalhador social que, neste contexto, identificamos as educadoras e os formadores que participaram do processo de formação continuada em pediculose e, tiveram de acordo com suas possibilidades e realidades, o compromisso com a mudança de uma situação que é corriqueira no cotidiano escolar, no que tange a profissionais da educação, discentes, pais, mães e responsáveis infestados por piolhos.

6.4. Discussão dos Projetos Desenvolvidos nas Escolas

6.4.1. Escola 1. Projeto: PEDICULOSE – SAI PRA LÁ!

Estudar e compreender o ciclo de vida do parasito é fundamental para que educadores e educandos compreendam a rapidez com que o inseto se propaga após a infestação, e a importância da revista diária da cabeça e uso do pente-fino, como estratégia para a interrupção e controle da doença. Não percebendo a importância da incorporação desse hábito no cotidiano de crianças e adultos, e longe dos olhos e cuidados atentos de professores e pais, a parasitose pode atingir estágios de gravidade, ficando muito mais difícil o seu tratamento não medicamentoso (catação das lêndeas e uso do pente-fino), o que coloca a saúde da criança em perigo, pois nesse estágio, devido ao alto índice de infestação, o adulto levado pelo desespero e atrelado à falta de conhecimento submete à criança a tratamentos tóxicos, utilizando desde o Neocid na sua forma natural, ou misturado com outras substâncias, tais como gasolina, querosene e creolina, até a superposição de dosagem de Ivermectina.

No projeto, a educadora destaca as principais formas de infestação entre as crianças (compartilhamento de bonés, tiaras, presilhas pentes e escovas) fala da prevenção que foi amplamente debatido durante a formação, orientando que a pediculose pode ser evitada por meio da higiene corporal freqüente, principalmente do couro cabeludo e de outras áreas pilosas do corpo, não as explicitando.

Por meio das questões: Que higiene é essa? O meu público-alvo tem condições de praticar essa higiene de que estou falando? Foi verificada a insistência quanto à questão da higiene: “Inserir mudanças de hábitos de higiene nas crianças e despertá-las para que em casa ou na comunidade em que vive, possa ser uma disseminadora das informações sobre a prevenção da pediculose”.

Esse tipo de fala está impregnado na cultura pedagógica das educadoras, uma vez que está reforçada pelos conteúdos dos livros didáticos de Ciências de 1ª a 4ª série, que dedicam muitas vezes um capítulo inteiro sobre os temas cuidados com

o corpo, onde vem embutido ou não a higiene corporal, que segundo Mohr (2000, p. 96) “é sempre apresentado sob a forma de regras sem fundamentação”, o que é reproduzido pelas professoras sem nenhuma reflexão, como se todo cidadão brasileiro, aí incluímos a comunidade escolar onde o trabalho foi desenvolvido, tivesse acesso aos bens de consumo para a prática higiênica diária imposta. Trata-se de fato preocupante pois, na Rede Municipal de Ensino de Itaboraí, muitos alunos tiveram o primeiro contato com escova, pasta-de-dentes e com a importância do processo preventivo de escovação, no Programa Saúde Bucal, implantado no Município desde 2002. Outros fatores econômicos e sócio-culturais que não são levados em conta, a saber: falta de água (muitas vezes potável) saneamento básico, e o baixo nível de escolaridade dos pais fato que os restringe quanto à percepção de mundo da sua própria comunidade.

A educadora destaca uma situação que é repetida pelos professores sem informação “o professor identifica a criança infestada na sala e não comunica imediatamente aos pais com medo da reação deles, achando que o professor os está acusando de falta de higiene com a criança”. Ao denunciar o fato, a educadora se posiciona em relação a ele, e se coloca quando afirma que “as informações sobre pediculose devem ser passadas tanto aos pais como às pessoas que tenham contato direto com as crianças (professores e funcionários da escola) para que a pediculose se limite a algumas crianças e não se alastre por toda a escola. É dever da escola ajudar a prevenir esse tipo de doença, mobilizando pais, responsáveis e as próprias crianças para que a doença não se alastre”. Nesta fala, percebemos que a educadora deposita uma grande responsabilidade sobre a escola em trabalhar os temas ligados à saúde, não apontando para o compartilhamento de responsabilidades e ações com outros setores, como se a escola sozinha pudesse levar os alunos a “adquirirem saúde”. Mas, segundo os PCN’s – Temas Transversais – Saúde e

Meio Ambiente, esse espaço pode e deve fornecer elementos que os capacitem para uma vida saudável (Parâmetros Curriculares Nacionais: Temas Transversais – Meio Ambiente e Saúde, 1998).

A justificativa do projeto dessa escola traz, em seu corpo, o grande desafio que é formar nos alunos uma base para o desenvolvimento de atitudes favoráveis à busca do conhecimento, pois as crianças já chegam à escola com alguma concepção a respeito de doenças.

De uma forma geral, o que é posto contempla as observações contidas nos PCN que em seu texto preconiza “[...] *querendo ou não, a escola está continuamente submetendo os alunos a situações que lhes permitem valorizar conhecimentos, princípios, práticas ou comportamentos saudáveis ou não*”.

Como amostra dos trabalhos desenvolvidos com os alunos/professores e seus resultados, mobilizando e retornando à comunidade escolar, foi realizado o Dia do Piolho, em que foram enfatizados os temas:

- ✓ Ciclo de vida do piolho e as formas de prevenção e tratamento;
- ✓ Vários tipos de medicamentos (natural e farmacêutico);
- ✓ Ênfase à catação das lêndeas;
- ✓ Uso do xampu à base de plantas medicinais (arruda, boldo e melão de São Caetano) que já é de conhecimento da comunidade, associado ao uso do pente-fino diariamente, o qual foi distribuído à comunidade junto com a cartilha “Tire esse bicho da cabeça” na reunião de conscientização sobre o parasito;
- ✓ A parasitose e os agravos à saúde física, emocional e social, refletindo no processo de aprendizagem das crianças parasitadas, como afirmado por Linardi (2000, p. 368).

A educadora diz que não encontrou nenhum problema para o desenvolvimento do projeto, havendo adesão de todos porque era uma necessidade emergente, “uma vez que a pediculose era um problema que já vinha se arrastando há anos na escola”, e mandar bilhetes para casa ou conversar isoladamente com o responsável tornaram-se estratégias ineficazes para controle da enfermidade, no espaço escolar (fato observado em várias escolas).

6.4.2. Escola 2. Projeto: OPERAÇÃO PENTE-FINO.

Um das primeiras ações educativas desenvolvidas com os alunos, pela professora que participou da formação, foi trabalhar com as crianças o autocuidado com o corpo, já que muitas crianças ficam sozinhas ou sob os cuidados de irmão/irmã maior, mas com pouca diferença de idade.

No acompanhamento de algumas das atividades desse trabalho, foi possível perceber o quanto de afetividade e diálogo permeava cada assunto, para o trabalho mais integral sobre piolho/pediculose. Esta observação, considerada de suma importância para um processo educativo mais eficaz, nos remete a Vigotsky (2004, p.71) quando coloca em seu texto:

[...] são precisamente as reações emocionais que devem construir a base do processo educativo. Antes de comunicar esse ou aquele sentido, o mestre deve suscitar a respectiva emoção do aluno e preocupar-se com que essa emoção esteja ligada a um novo conhecimento. Todo o resto é saber morto, que extermina qualquer relação viva com o mundo. As reações emocionais exercem a influência mais substancial sobre todas as

formas do nosso comportamento e os momentos do processo educativo.

Essa ação estendeu-se às outras turmas, através das suas respectivas professoras. Outra forma de trabalhar o tema foi a confecção conjunta entre professores e alunos de jogos, como corrida do piolho, jogo de associação de cartas e quebra-cabeças, utilizando as informações e desenhos impressos na cartilha “Tire esse bicho da cabeça” e bingo. Cada jogo abordava um tema: prevenção, tratamento, infestação, piolho/pediculose e reprodução do álbum seriado “Tire esse bicho da cabeça”. Os jogos foram socializados como estratégia de discussão e aprofundamento do tema entre as turmas.

Os jogos foram utilizados no evento “X Feira do Livro de Itaboraí” que o poeta Ferreira Gullar comparou a uma minibienal do livro, onde as crianças de outras escolas, particulares e públicas, tiveram o primeiro contato com as informações mais correta e de cunho científico sobre piolho/pediculose, infestação, tratamento e prevenção, e que foram aprofundadas no final numa pequena palestra utilizando o álbum seriado “Tire esse bicho da cabeça”, com distribuição da cartilha com a mesma denominação e pentes-finos.

Percebemos que a construção de um espaço lúdico para o processo de ensino-aprendizagem pode contribuir e influenciar na formação de crianças e adolescentes, possibilitando um crescimento e um enriquecimento sadio permanente. A educação lúdica integra-se ao mais alto espírito de uma prática democrática porque investe na produção e socialização do conhecimento, Souza & Vilas Boas (2004).

A professora nos relata que os profissionais da escola, os alunos e alguns pais mudaram a maneira de “lidar” com piolho e a pediculose. A mudança foi bastante perceptível em relação aos alunos, porque eles passaram a ser mais colaborativos e cuidadosos com eles próprios e com os (as) colegas que aparecem infestados(as), na sala, e colocam o assunto de forma natural, sem preconceitos,

e “aconselham” o tratamento (catação e passar o pente-fino diariamente) reconhecendo o(a) colega como portador(ora) de um parasito. Relata, também, que antes a forma como ela e as demais colegas trabalhavam o assunto, mandando bilhete para casa e conversando isoladamente com o responsável, além de não resolver a situação dos alunos infestados, ainda contribuía para o aumento da parasitose e/ou afastamento da criança da escola, aumentando, assim, o índice de discriminação e apelidos entre eles que era muito grande.

Um fator que facilitou o bom resultado e motivou o trabalho foi o contato direto com o local de trabalho/pesquisa - Departamento de Biologia. A visita à Instituição de Pesquisa –IOC/FIOCRUZ proporcionou às professoras, a partir dessas interlocuções, maior segurança, visto que se sentiram amparadas e transformaram as dificuldades em ações: “quando desenvolvemos o projeto na nossa escola, as dificuldades tornaram-se ponto de partida para a superação dos obstáculos. Um dos principais obstáculos que encontramos foi quando o responsável não autorizou a participação do aluno no projeto”.

A Professora sinaliza em sua fala a falta de continuidade do tratamento e prevenção em grande parte das famílias, onde o responsável pela criança acaba sendo culpado de maneira simplista pela educadora que, sem levar em consideração a estrutura social dessas famílias, culpa o responsável pela descontinuidade do tratamento. Tal colocação nos reporta ao artigo de Valla (1992, p. 35) que nas suas entrelinhas nos abre pistas dessa culpabilização não percebida na prática da educadora:

[...] Uma dessas construções é o que chamamos de a ‘culpabilização da vítima’, onde a individualização da culpa acaba explicando uma prática coletiva. Trata-se de acusar os pais de não motivar seus filhos nos estudos para explicar um índice de fracasso escolar que freqüentemente supera 50% de alunos das primeiras séries do 1º grau. Mas trata-se também de acusar o operário

acidentado de não prestar atenção ou o pai do filho desidratado de não oferecer os cuidados necessários às crianças [...].

Embora os pais sejam bem participativos na comunidade escolar, envolvendo-se nas reuniões, foi observado (impressão pessoal da autora) a dificuldade da escola em perceber e trabalhar os obstáculos que os pais têm em expor suas dificuldades, como o desemprego, a saída de casa para o trabalho, deixando a criança muitas vezes sozinha, por conta de vizinhos ou irmãos pouco mais velhos, a pouca escolaridade que os leva à dificuldade em ajudar os filhos nas tarefas de casa, aliada à falta de tempo das mães que têm dupla jornada de trabalho. A escola se assume como uma redoma de vidro, como se os problemas econômicos, políticos e sociais não pudessem atingi-la. Fecha-se para o diálogo, levando a educadora a reproduzir a “culpabilização da vítima”.

Fica implícita nesse contexto, a dificuldade da educadora em perceber que os problemas da comunidade escolar e as problemáticas trazidas pelos alunos acabam desvelando-se no espaço escolar, porque é principalmente na escola que os problemas sociais e econômicos entram em ebulição. A educadora e seus pares entram em conflito se perguntando: o que a escola tem a ver com problema de desemprego? São os pais que têm que educar seus filhos? Tudo está por conta da escola agora?

De tanto perguntar, alguns mais perspicazes podem concluir: a redoma de vidro nunca existiu, alguém a criou e nós acreditamos que a escola é esse mundo a parte da sociedade. Mas não é. A escola é o reflexo, é a reprodução da sociedade em que estamos vivendo.

Verificamos durante a pesquisa que é uma queixa e uma reprodução comum a grande maioria das escolas que participou do trabalho; poucas conseguiram preencher pedagogicamente essa lacuna, na relação escola-professores-pais que

apontasse para uma relação mais dialógica menos autoritária e, não mais de apontar culpados.

No que se refere à observação da diminuição de alunos infestados, as professoras são categóricas e se reportam ao do relato dos responsáveis que abraçaram o projeto: eles relatam que os filhos estão passando pente-fino todos os dias, fato também observado diariamente pelo professor.

6.4.3. Escola 3: Projeto: PEDICULOSE.

Embora tenha sido um ano eleitoral com pressões políticas partidárias nas direções das escolas, o trabalho foi desenvolvido após formação continuada e apresentou resultados positivos, como outros trabalhos desenvolvidos dentro desse contexto, e o maior mérito vai para os profissionais que têm compromisso com a sua profissão e com a comunidade escolar, e que tiveram uma visão maior do processo pedagógico enquanto instrumento político, independente da razão político partidária. Vale destacar mais uma vez a fala de Freire (2005 p. 15): *[...] O compromisso seria uma palavra oca, uma abstração se não houvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume. Se não se desse no plano concreto [...]. É pertinente um estudo mais profundo de todo o contexto dessa escola, o que não foi realizado por mim, por não ser objeto do estudo aqui apresentado.*

6.4.4. Escola 4: Projeto: ORIENTAÇÃO PARA A VIDA.

Quando as educadoras se viam, antes da formação, pressionadas pelos pais para retirar o aluno (a) infestado (a) por piolhos, não sabiam que rumo tomar, afirmam, justificando desta forma a relevância da formação sobre o tema.

A partir da formação, as educadoras colocam o projeto “Orientação Para a Vida” e sua execução como uma iniciativa que visa não só a ampliar os conhecimentos dos alunos e responsáveis sobre as questões que afetam a convivência humana no mundo de hoje, destacando a pediculose, as Doenças Sexualmente Transmissíveis/Aids e Dengue como temas mobilizadores para as necessárias

mudanças que levassem a comunidade escolar à reflexão e a busca de uma vida saudável, já que “entendemos a Saúde como um direito de todos e uma dimensão essencial do crescimento e desenvolvimento humano” (Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente e Saúde, 1998).

As educadoras justificam a necessidade do projeto pedagógico sobre a temática piolho/pediculose e suas conseqüências, alicerçado em conhecimentos científicos e pedagógicos, pois se encontravam responsáveis pela condução do processo pedagógico na escola. Viam-se insatisfeitas com a realidade de vida dos alunos, que em sua grande maioria, são provenientes de uma classe sócio-econômica muito desfavorecida, marcada pela baixa escolaridade dos pais/ responsáveis, aliada à desinformação e pouca orientação familiar.

A escola propôs e executou ações educativas e preventivas relacionadas a pediculose em parceria com os pais/responsáveis. As ações têm como objetivos a consolidação e o desenvolvimento de ações educativas que contribuam para a Promoção da Saúde na comunidade escolar; a discutir e aplicar com toda a comunidade escolar as ações de prevenção, controle e tratamento não medicamentoso da pediculose, e inserir no Projeto Político Pedagógico da escola, temas inerentes à Educação para a Saúde, que está preconizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente e Saúde (1998) visando à melhoria da qualidade de vida de toda a comunidade escolar.

Na metodologia, as educadoras buscaram aporte teórico nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente e Saúde; Ética e Cidadania, optando pela Educação para a Saúde, focando a idéia de que a conformação de atitudes está intrinsecamente ligada a valores que os professores e toda a comunidade escolar transmitirão inevitavelmente aos alunos, durante o convívio social, e eles transmitirão a gerações futuras.

Elas afirmam não haver encontrado dificuldades em implementar o projeto, porque os profissionais detinham conhecimentos do senso comum e puderam, por meio das reuniões e principalmente após a Formação Continuada em Serviço, se

apropriar de informações de cunho científico e tirar dúvidas, o que contribuiu para desmistificar o piolho, a pediculose, e contribuir com subsídios para a elaboração de ações preventivas e reeducativas. A partir daí, realmente, conseguiram de forma mais contundente, envolver toda a comunidade escolar na efetivação do projeto e os alunos passaram a ter um novo “olhar” sobre o piolho/pediculose, passando a entendê-lo como parasito e causador de doença, que precisa ser prevenido e tratado.

Os profissionais relatam que não têm observado a utilização de apelidos pejorativos entre os alunos, o que antes era entre eles uma constante, o que demonstra que a escola, com um trabalho contínuo conseguiu mudança de comportamento e atitude em relação à morbidade.

As educadoras colocam também, que antes da formação e implementação do Projeto, o assunto piolho ocupava o topo das reuniões com os pais, e era mandado bilhete para casa dizendo que “o piolho não estava matriculado na escola”. Após a formação e implementação das ações, a relação com os pais se modificou, havendo uma interlocução maior entre a escola e os pais, e que o piolho “não ocupa mais o topo da pauta de reuniões de Integração e reuniões pedagógicas”. Outro fato importante foi que os temas relacionados à Educação para a Saúde preconizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente e Saúde incorporaram-se ao Projeto Político-Pedagógico da Escola.

6.4.5. Escola 5: Projeto: XÔ PIOLHO.

As educadoras responsáveis pela implantação do projeto reconhecem em suas falas a escola como um espaço de transformação social. Vêem as crianças que a freqüenta, como agente apropriado para absorver as atitudes e procedimentos adequados a qualquer movimento de mudanças e aquisição de conhecimento, como também serem agentes multiplicadores de informações que visem a mudanças e a criação de novos hábitos e atitudes, as quais vão de encontro a

velhos valores e hábitos, que há muito deixaram de ser verídicos e eficazes, avaliam suas próprias ações educativas em relação aos temas piolho/pediculose e seus agravos, quando reconhecem que antes da formação trabalhavam baseadas somente no conhecimento do senso comum que acumularam, e nos livros didáticos que trazem ou induzem a muitos erros. Nas suas falas, as educadoras reconhecem a pediculose como uma doença grave e crônica, atingindo não só a saúde física, mas também, a social e emocional, influenciando o aluno de maneira negativa em relação ao processo ensino–aprendizagem, comprometendo seu desenvolvimento escolar.

Ao estabelecerem os objetivos do projeto, propuseram como metas criar mecanismos e momentos onde se possa permitir acesso às informações e os meios de prevenção a pediculose, como também, possibilitar aos profissionais da escola, pais/ responsáveis, momentos de troca de experiências para que todos pudessem ter momentos de reflexão frente aos novos conhecimentos. A partir daí, desenvolver uma visão diferente sobre as conseqüências da pediculose, vendo-a como uma doença que chega e está na escola, afetando a todos os parasitados e quem está a sua volta.

As Educadoras (Orientadora Pedagógica e Educacional) relatam que não encontraram dificuldades na implementação do projeto, pois toda a equipe se mostrou interessada em participar, “visto que é um problema que atinge a toda a comunidade escolar”.

Pela formação continuada em serviço, viabilizada em parceria com a coordenação do projeto de formação no município, associada à conscientização dos pais/responsáveis e dos alunos que já estavam na escola e dos que chegavam, e mais, com a continuidade dada ao trabalho, ficou mais fácil de desenvolver o mesmo, porque as educadoras procuraram avaliar as ações que estavam desenvolvendo junto às professoras. Aprenderam com os erros cometidos e buscaram ajuda na SEME – Coordenação do Projeto, quando encontravam resistência por parte de alguns pais/responsáveis em cuidar das suas crianças parasitadas, ao mesmo tempo em que não autorizava a participação delas na

conferência da cabeça, e ainda culpavam a professora ou a escola pela infestação.

A partir desse fato, as educadoras passaram a investir mais na sensibilização e no senso de compartilhar as responsabilidades com todos os pais, mas tendo como foco os que apresentavam mais resistência em ver a problemática. Também, neste projeto, foram incorporados ao Projeto Político Pedagógico da Escola, os temas relacionados à Educação para a Saúde, preconizada nos Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente e Saúde.

6.4.6. Escola 6: Projeto: O REINADO DO COÇA-COÇA ESTÁ POR UM FIO.

As educadoras responsáveis pela implantação do projeto na escola (Diretora e Professora da Classe de Educação Infantil) justificam a pertinência do assunto, devido ao alto índice de alunos infestados, o pouco conhecimento que detinham sobre o tema, o que dificultava a implementação de ações eficazes no controle da pediculose, encontrando maior quantidade de infestação por piolhos nas turmas da Educação Infantil à 2ª série, principalmente em meninas, como já assinalado por Linardi (2000 p. 368).

Com os trabalhos descritos até aqui, já temos subsídios para avaliar a importância da escola, exercendo uma das suas funções sociais que é o exercício da educação, e atuando como espaço de discussão e produção de conhecimento, contribuindo para o desenvolvimento do cidadão e da sociedade, na medida em que também evidencia que o seu papel político-pedagógico abrange também valores éticos e culturais.

As educadoras também apontam a escola como espaço de promoção de saúde e de educação em saúde, quando constatam que “a saúde dos alunos e conseqüentemente dos seus familiares têm sido fatores preocupantes na escola, pois os índices de doenças presentes na comunidade escolar refletem diretamente

nas salas de aula, havendo então, a necessidade de tornar o espaço escolar um local de discussão e construção de novas ações em relação ao tema saúde”.

Elas justificam a relevância do trabalho, colocando o desconhecimento da comunidade escolar em relação aos danos físicos e emocionais causados pelo piolho. Propõem-se a fazer um trabalho que leve conhecimento a todos, pois objetivam a conscientização da comunidade sobre a gravidade e os problemas causados pela pediculose. Além da discussão e montagem de ações que visem ao controle da doença no espaço escolar e na comunidade, pois segundo elas, “aprendendo algo que exercerão durante toda a sua vida” vão agir como multiplicadores das informações para outras pessoas. Com o projeto, as educadoras almejam que o controle da pediculose tome um caráter cultural dentro da comunidade, “levando-nos a construir novos conceitos, e acima de tudo, cuidar melhor da nossa saúde”.

Numa das etapas da execução do projeto, foram realizadas ações continuadas, que foram denominadas “Hoje é dia de Catação”, participando da atividade aqueles alunos autorizados pelos pais que foram anteriormente sensibilizados e informados sobre o projeto, sobre piolho/pediculose, seus agravos à saúde e a importância da parceria deles com a escola, para que o problema fosse solucionado, principalmente nas séries/turmas que apresentavam maior índice de infestação.

Neste evento, foi realizada a catação com a ajuda dos responsáveis, e foram distribuídos pentes-finos, e os alunos apresentaram as atividades desenvolvidas como: teatro de fantoches, música “Piolho” da Bia Bedran, produção textual, a partir do filme “Shrek I”, discutindo os temas exclusão e preconceito.

A escola não encontrou grandes problemas para implantação das ações, uma vez que as professoras responsáveis pela implantação do projeto, na escola, dizem que tiveram o apoio da maioria dos pais/responsáveis e Direção, não fazendo qualquer colocação sobre a participação efetiva do corpo docente, fato que nos deixou preocupados, pois elas, segundo a fala das educadoras que estavam à

frente do processo, reconheciam a importância de trabalhar o tema. Porém, insentaram-se da responsabilidade de se envolver com os pais, principalmente dos alunos infestados e negaram-se a participar da catação (o que foi realizada somente pela direção, pela professora, alguns profissionais de apoio e mães/responsáveis) argumentando não ser tarefa delas e sim dos responsáveis. Participaram das atividades curriculares com suas turmas, mas sempre se queixando da grande quantidade de atribuições a que são submetidas no cotidiano da escola, uma vez que dobravam sua carga horária em outras escolas, buscando aumentar seus ganhos, porque cursavam Graduação ou Lato Sensu em instituições particulares.

Iremos denominar essas educadoras respectivamente por A e B. A educadora “A” tem a sua matrícula na escola (2), atuando como professora de 3ª série que desenvolveu projeto, e sua participação foi ativa e contribuiu muito para o bom andamento do trabalho, junto à sua turma e à escola. Dobrava sua carga horária temporariamente na escola (6) atuando como professora de 3ª série, contribuindo somente com as atividades curriculares com sua turma, o que foi exigência da direção da escola para todas as professoras. Esta educadora não se comprometeu com o projeto desenvolvido por esta escola.

A educadora “B” dobrava carga horária na própria escola (6), e junto à Diretora da escola organizou e implementou o projeto com a comunidade escolar, apesar da não participação das professoras nas atividades extraclases.

O fato das professoras não participarem da ação conjunta com os pais, marcando apenas presença nas ações de catação, porque obrigatoriamente teriam que acompanhar suas turmas e, cumprindo somente as atividades curriculares, as quais seriam utilizadas como instrumento de avaliação do projeto, evidencia a falta de compromisso por parte do educador (a) frente a novos desafios. Este fato evidencia o quanto nossos educadores necessitam se comprometer mais com a sua profissão e com a comunidade em que trabalham, uma vez que foi pessoal a escolha pela profissão docente, e a comunidade escolar não pode pagar o preço da má remuneração histórica da profissão professor (a).

Em constante processo de educação, formação e troca de informações, os professores deveriam diferenciar qual o espaço político que cabe uma discussão sobre as questões de políticas salariais. Tal distanciamento para essa reflexão também se aplica aos gestores, responsáveis em manter o diálogo entre o Poder Público e o Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação – SEPE/ Itaboraí-RJ, apontando soluções e implementando-as para que a comunidade escolar das camadas sociais menos favorecidas, e que necessitam de uma escola pública de qualidade de ensino, além de outros serviços, não seja mais, historicamente, prejudicada do que já foi até o momento. Como fecho desta discussão, propomos uma reflexão sobre a questão aqui levantada, encontrada em Freire (1999).

Se há algo que os educandos brasileiros precisam saber, desde a mais tenra idade, é que a luta em favor do respeito aos educadores e à educação, inclui que a briga por salários menos imorais é um dever irrecusável e não só um direito deles. A luta dos professores em defesa de seus direitos e de sua dignidade deve ser entendida como um momento importante de sua prática docente, enquanto prática ética. Não é algo que vem de fora da atividade docente, mas algo que dela faz parte.

Quanto aos resultados positivos, apesar da dificuldade encontrada pela escola, as educadoras respaldaram-se na “observação direta dos alunos e relato dos pais/responsáveis”, que após as ações, nas reuniões de integração, se colocavam em relação ao (s) filho(s) não estarem mais infestados, e o cuidado que passaram a ter, como o uso diário de pente-fino e revista da cabeça, alegando que a escola lhes passou muitos conhecimentos, principalmente as conseqüências que a automedicação pode causar, e os “remédios que as propagandas dizem que matam os piolhos e lêndeas não é verdadeira, porque além de fazer mal, não matam as lêndeas que é a coisa mais difícil de tratar”.

6.4.7. Escola 7: Projeto: PREVENINDO –SE DA PEDICULOSE.

As educadoras justificam a necessidade de implantar um trabalho mais sistemático, voltado principalmente ao processo educativo/informativo para toda a comunidade escolar, a partir do instante em que compreenderam que as tentativas feitas com o propósito de solucionar a pediculose, tais como: mandar bilhete para casa, dizendo que o piolho não estava matriculado na escola; chamar os pais/responsáveis dos alunos infestados, pedindo para cuidar da cabeça da criança; e fazer reuniões de pais, colocando no topo da pauta o número alarmante de alunos infestados, foram em vão, avaliando que, apesar das tentativas, continuavam com o problema.

Embora houvesse apoio da direção da escola, além da necessidade emergente de um trabalho mais eficaz, as educadoras encontraram dificuldades em implementar o projeto, colocando como motivo a falta de envolvimento de outros profissionais (referem-se às duas outras coordenadoras pedagógicas da escola e a outros profissionais, tais como psicólogo e dirigentes de turnos) pois esses, por não estarem atuando diretamente em sala de aula, e terem um tempo mais flexível dentro de suas atribuições pedagógicas, poderiam ter se envolvido e contribuído para o desenvolvimento e execução das atividades de forma a não sobrecarregar o professor docente, que se viu, desamparado na condução do projeto na escola e nas atividades curriculares desenvolvidas com os alunos.

Neste conflito, as Diretoras não tiveram um “olhar” diferenciado para a condução do processo, pois argumentaram ser de competência da Equipe de Coordenação Pedagógica, principalmente a que participou da formação, sensibilizar seus pares para a importância do trabalho e pertinência do mesmo a ser desenvolvido, pois, essa ação se apresentava como uma das etapas do processo de formação e “impor a participação dos demais profissionais seria autoritarismo”.

Creemos que esse conflito poderia ter sido intermediado pela direção da escola, uma vez que é do nosso entendimento que ao dar autonomia à Coordenação

Pedagógica não implica, necessariamente, a ausência da figura da Direção, em atuar como negociadora/mediadora, o que não iria lhe conferir um perfil autoritário, e sim, o seu papel de educadora exercendo a autoridade que o cargo lhe permite perante uma situação que necessitava de solução. Reportamo-nos a Freire (1999) quando ele coloca a importância desse entendimento do que é a autoridade docente.

A segurança com que a autoridade docente se move implica uma outra, a que se funda na sua competência profissional. Nenhuma autoridade docente se exerce ausente desta competência. O professor que não leva a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar a altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe.[...] O que quero dizer é que a incompetência profissional desqualifica a autoridade do professor.

Apesar das dificuldades, as educadoras contaram com o comprometimento dos professores, principalmente dos segmentos Educação Infantil e de 1ª a 4ª série, colocando como objetivo do projeto, levar ao conhecimento de todos os Profissionais da Educação e responsáveis pelos alunos, fatos como:

- ✓ Controlar de maneira mais eficaz e segura a pediculose, na escola e no ambiente familiar;
- ✓ Chamar à atenção para a questão dos medicamentos de marca, dando enfoque aos vários disponíveis no mercado e divulgando que nenhuma dessas drogas é eficaz e segura, visto que podem trazer efeitos colaterais para a criança, principalmente se forem utilizadas sucessivamente a fim de se eliminarem as lêndeas, fato que não

acontece, e que além desse dado, os piolhos vêm apresentando resistência a esses produtos devido ao seu uso indiscriminado.

As educadoras afirmam que todas as informações de cunho científico foram compartilhadas com toda a comunidade escolar, em reuniões específicas e reforçadas nas reuniões de integração que se realiza com a presença dos responsáveis, respeitando o conhecimento popular que traziam a respeito do tratamento com ervas, principalmente a arruda, chamando a atenção para os cuidados que deveriam ter com essa utilização, devido à sua fotossensibilidade e efeito tóxico dessas ervas. E outros tratamentos alternativos, como, por exemplo, utilizar óleos, cremes e condicionadores, para facilitar a catação manual das lêndeas e a passagem do pente-fino entre os fios de cabelo. Buscou-se a sensibilização para a mudança de “olhar” em relação ao piolho/pediculose, que fossem vistos como parasitos e doença e as conseqüências físicas, emocionais e sociais que traziam para a criança parasitada, e não mais como algo comum em crianças, ou que os pais não têm higiene com elas.

No processo ensino-aprendizagem sobre a temática, professores e alunos utilizaram as informações contidas na cartilha e no álbum seriado “Tire esse bicho da cabeça”, para a introdução do tema, diagnóstico, prevenção e tratamento não medicamentoso da pediculose, buscando mudança de hábitos e atitudes e construção do conhecimento sobre o parasito e a doença. Tal ação respalda-se em (Zabala, 1998, p.105), quando diz:

Quanto à aprendizagem dos conteúdos atitudinais, a necessidade de propor atividades vivenciais que impliquem a resolução de conflitos de atuação e tomada de posições faz com que o trabalho individual só seja adequado na análise e na avaliação de casos, nos aspectos mais conceituais dos valores e, sem dúvida, em todos aqueles relacionados com o estudo individual: dedicação, autonomia, interesse, responsabilidade, atenção, etc.

6.4.8. Escola 8: Projeto: PEDICULOSE.

As educadoras trazem de forma correta a conceituação da doença pediculose e os três tipos de piolhos que infestam o corpo do homem, e as principais manifestações de cada parasitose que são abordadas por Barbosa & Pinto (2003). Porém, cometem um equívoco conceitual quando afirmam que a doença “pode ser evitada através da higiene corporal freqüente”, não citando o uso diário do pente-fino e a revista à cabeça, como práticas que devem ser incorporadas ao cotidiano das pessoas que tenham tido contato ou não com pessoas infestadas pelo **Pediculus humanus capitis**, práticas que foram amplamente debatidas durante a formação.

A temática pediculose fez parte de um projeto maior denominado I Feira Integrada – Saúde e Cidadania que foi implementado no segmento de Ensino de Jovens e Adultos (EJA) de 1ª a 4ª série e 5ª série do período noturno, objetivando proporcionar aos jovens subsídios para reflexão e busca de soluções alternativas para o problema da pediculose, conscientizando-os dos perigos à saúde que essa doença traz, principalmente às crianças. Além de fornecer elementos que capacitassem os jovens e adultos para as ações de prevenção e cuidados sobre o tema pediculose dentre outros, tais como DST/Aids, drogas lícitas e ilícitas e dengue, buscando junto a esse público a implementação de ações mais responsáveis em relação à sua saúde e a saúde da comunidade.

A apresentação das atividades desenvolvidas aconteceu no dia 04 de novembro de 2004, onde foi feita a exposição dos trabalhos desenvolvidos com a distribuição da cartilha “Tire esse bicho da cabeça” e pente-fino, no evento promovido pela Unidade Escolar: I Feira Integrada – Saúde e Cidadania, que ficou mais em nível informativo, havendo participação ativa dos alunos da EJA na elaboração e execução de um roteiro de pesquisa entre as turmas, e que serviu de base de dados para a discussão do trabalho curricular. O público foi constituído em sua

maior parte por pais, mães, avós e irmãos mais velhos dos alunos da própria escola, e que podem praticar e multiplicar os conhecimentos acumulados.

As educadoras encontraram dificuldades em implementar o projeto e argumentaram que o principal motivo da dificuldade foi a não autorização da Diretora, para que elas discutissem a elaboração do projeto e implementação das propostas de trabalho com as turmas, não abrindo espaço dentro do horário de trabalho.

Outra dificuldade foi a falta de integração de todos os funcionários, ou seja, não havia na equipe técnico-pedagógica, principalmente na direção, uma condição de liderança para a condução do trabalho pedagógico. Por ser um ano eleitoral, a diretora indicada não satisfazia há tempo, os anseios de boa parte dos professores que insistiam, liderados pela oposição dentro da escola, pela saída da Direção.

Outro fator que dificultou o trabalho dentro da escola foi a dobra da carga horária em escolas diferentes, onde ocupavam as funções, respectivamente, de coordenadoras pedagógicas e professora, fato este que também, já ocorreu em outros projetos. Iremos denominá-las de A, B e C. As coordenadoras atuam: A, em escola que desenvolve atividades pontuais, B em escola que desenvolve projeto, e a professora C atua em escola que não participou da formação, o que dificultava o encontro fora do horário de trabalho.

Posto isso, a I Feira Integrada – Saúde e Cidadania toma corpo e ação, quando um grupo de professores e coordenadores pedagógicos que fazem oposição político-partidária à direção, fazendo parte deste grupo duas educadoras que participaram da formação e atuavam no do período noturno. O grupo oposicionista se articula à revelia da direção e implementam o Projeto I Feira Integrada – Saúde e Cidadania, deixando claro o “grito de guerra” contra a direção da escola, deflagrando uma situação de intervenção na escola pela SEME. Como efeito desse processo, houve muita dificuldade para o desenvolvimento do projeto dentro da escola. Sobre esse fato Freire (1999, p. 62) coloca a questão do bom senso

articulado à tomada de decisão, algo que não percebemos das partes, a fim de não trazer prejuízos naquele momento, e futuramente para a comunidade escolar:

[...] O exercício do bom senso, com o qual só temos o que ganhar se faz no 'corpo' da curiosidade. Neste sentido quando mais pomos em prática de forma metódica a nossa capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais eficazmente curiosos nos podemos tornar e mais crítico se pode fazer o nosso bom senso. O exercício ou a educação do bom senso vai superando o que há nele de instintivo na avaliação que fazemos dos fatos e dos acontecimentos em que nos envolvemos. Se o bom senso, na avaliação moral que faço de algo, não basta para orientar ou fundar minhas táticas de luta, tem, indiscutivelmente, importante papel na minha tomada de posição, a que não pode faltar a ética, em face do que devo fazer.

6.4.9. Escola 9: Projeto: DE QUEM É A RESPONSABILIDADE?

Durante o processo de formação em serviço das educadoras da Creche, percebemos, nas suas falas, o quanto elas associavam de forma equivocada a criança ter piolhos à noção de falta higiene por parte dos pais. Elas tiveram muita dificuldade em aceitar e assimilar o piolho e a pediculose a um processo de adoecimento da criança, e que em parte, cabia a elas, junto à direção e demais profissionais, interromper esse processo de adoecimento e iniciar um novo ciclo, mudando o foco da forma de “olhar o parasito, a parasitose e suas conseqüências”. Inicia-se um processo de conscientização e comprometimento que envolvesse a todos, pois as crianças ficam aos cuidados da Instituição e de seus profissionais das 7h30min às 17h.

Em Maranhão (2000, p. 11-47) encontramos a “fala” de uma educadora de creche, a qual associa a concepção de criança saudável à concepção de criança limpa, como sinônimo de saúde, o que também percebemos nas falas das educadoras que são atuantes no desenvolvimento do trabalho de formação continuada em serviço, e que vem, em boa hora, ilustrar a nossa discussão.

“Ah, bem cuidada [...] eu acho [...] a gente vê se a criança está bem de saúde, se está limpinha [...] a roupa limpinha, a unha cortadinha [...] sem piolho, tá sempre de olho, vê se ela está bem de saúde, levar ao médico assim, acho que são esses os cuidados”.

As educadoras que participaram da formação e implementaram o projeto na escola não exerciam função pedagógica específica de acompanhamento de atividades em sala, por serem, respectivamente, inspetora de alunos e supervisora educacional, ficando essa tarefa a cargo somente da direção, o que nos leva à conclusão de que não houve uma interlocução entre elas quanto à avaliação dos resultados fornecidos ao questionário respondido, durante uma visita à Unidade Escolar e as respostas dadas pelas professoras a um questionário aberto, durante as ações pedagógicas e revista constante na cabeça das crianças, prevista como atividade no cronograma do projeto.

Do questionário, destacamos as perguntas e suas respectivas respostas, o que nos levou a concluir que houve diminuição do número de casos, pelo menos, durante o período de execução das ações previstas no projeto, o que demonstra a incoerência da fala das educadoras responsáveis pelo projeto em relação à diminuição e aos dados dos questionários respondidos, pelas professoras que implementaram as ações educativas junto aos seus alunos. Percebemos, também, a insistência de um discurso focado na higiene das crianças a ser realizado pelos responsáveis. Avaliamos esse discurso como um resquício de uma pedagogia higienista, que é validada até os dias atuais, pela formação inicial das educadoras, pela sua própria cultura, construída enquanto cidadã no meio cultural em que vive

e reproduz e, finalmente, nos livros didáticos que colocam a higiene, na ordem do dia, como condição necessária para se ter saúde. No instrumento de avaliação do processo pedagógico das temáticas piolho/pediculose, destacamos as seguintes questões:

1. “Quais as dificuldades encontradas para a realização do seu trabalho?”

R: “Em alguns casos, o desinteresse de alguns pais para a contínua higiene dos seus filhos”.

R: “Nenhuma. Conteí com o apoio das colegas de trabalho e deu tudo certo”.

2. “De modo geral, seus objetivos foram alcançados?”

R: “De certa forma sim, pois algumas crianças estão sem piolho, e em outras diminuiu bem. Fora os casos isolados de desinteresse em cuidar da cabeça da criança, mas são mínimos”.

R: “Acho que sim, porque pude perceber que houve uma diminuição da pediculose em minhas crianças”.

3. “Baseado em que você respondeu a pergunta anterior?”

R: “Em observações nas conversas que tenho com as crianças, e em verificar a cabeça delas, isto é higiene”.

R: “Nas observações que faço na higiene dos meus alunos”.

O projeto idealizado pelas educadoras participantes da Formação e os resultados apresentados pelas educadoras que atuam como docente, corroboram que um trabalho educacional sistematizado leva à diminuição de alunos parasitados no espaço escolar, embora a reclamação das professoras, em relação à falta de

continuidade do tratamento ou prevenção em casa, seja uma constante, como já vimos na discussão de outros projetos.

As educadoras encontraram dificuldades em implementar o trabalho, por se tratar de creche, porque tiveram dúvidas sobre que tipo de trabalho ou atividades a ser desenvolvido com os alunos, devido à faixa etária das crianças e o trato do assunto ser novo no currículo. Tal situação foi contornada porque todas foram buscar ajuda na Coordenação Geral de Creche e Educação Infantil, sediada na SEME, que deu orientações que contribuíram para a montagem de estratégias que foram desenvolvidas por todas as professoras docentes.

Maranhão (2000, p. 11-47)) faz um alerta quanto à necessidade de serem levadas em consideração as concepções prévias do público com o qual estamos trabalhando, ao implementar qualquer projeto de formação de educação em saúde. No que se refere, especificamente aos educadores infantis, a autora aponta a necessidade de inclusão dos conhecimentos sobre o processo saúde e doença nos currículos de formação inicial ou continuada, não deixando de vislumbrar a dimensão histórica e cultural em que estão inseridos a Instituição e seus profissionais.

6.4.10. Escola 10: Projeto: DIA EDUCACIONAL DA SAÚDE CAPILAR.

Nessa escola, situada em uma comunidade considerada de alto risco social, fizeram-se necessárias ações que mobilizassem toda a comunidade escolar, em torno dos temas preconizados nos Parâmetros Curriculares Nacionais-Temas Transversais (1998).

Especificamente, quando se tratou de trabalhar os temas piolho/pediculose e suas conseqüências, dentro de uma perspectiva de Educação para a Saúde, houve a necessidade de ter uma equipe técnico-pedagógica sensibilizada e comprometida e, esse comprometimento e sensibilização ser extensivo aos demais professores que não passaram pela formação, para que o assunto fosse tratado de forma mais natural e menos preconceituosa com os alunos infestados e seus responsáveis, sem causar constrangimentos.

Esse encaminhamento vem sendo uma sistemática das educadoras que participaram da formação, o que contribuiu para a credibilidade no trabalho que estão desenvolvendo a duras penas, porque alguns profissionais da escola (coordenador pedagógico, professores e profissionais de apoio), ainda resistentes às novas informações, insensíveis à realidade da escola e o seu entorno, associam a pediculose à falta de higiene e à sujeira, não levando em consideração a história de vida e de abandono pelos adultos responsáveis por essas crianças parasitadas. Muitas delas chegando a apresentar infecções secundárias e casos de míases.

As educadoras assumem o seu compromisso com a comunidade, quando colocam que, o grande desafio do trabalho educativo acerca da pediculose, é o reconhecimento da realidade dos alunos e, conhecer a situação concreta da comunidade escolar. Esses desafios são condições fundamentais para a tomada de decisões sobre que trabalho desenvolver e qual público atingir, obedecendo ao critério de prioridades, tiradas em conjunto nas reuniões de Integração, devido ao grande número de problemas enfrentados pela comunidade em relação às questões de uma política educacional, alicerçada em uma educação e prática preventiva.

Portanto, elaborar informações sobre usos e costumes da comunidade, analisá-los e avaliá-los à luz da realidade apresentada, foi o caminho encontrado pelas educadoras para articular atitudes e possibilidades de ações educativas/preventivas, buscando soluções viáveis e não constrangedoras sobre as temáticas piolho/pediculose e suas conseqüências, além da introdução da utilização do pente-fino, como hábito diário a ser incorporado aos costumes da comunidade escolar como forma de controle da pediculose.

Em suas falas, as educadoras vêem como essencial o trabalho conjunto com a família e alunos, pois avaliam que são atores importantes no processo de formação de opinião e repasse de conhecimento dentro da comunidade. Acreditam que deve ser considerado o conceito que se tem de saúde, ligado aos cuidados com a pediculose, buscando introduzir novas formas de tratamento

(utilização diária do pente-fino e catação) evitando as drogas comumente utilizadas de forma indiscriminada nesses casos.

As educadoras traçaram como objetivos e almejavam a concretização, quando buscaram, junto aos alunos, conhecer e utilizar formas de intervenção individual e coletiva, acerca da pediculose, agindo com responsabilidade e continuidade nas medidas de prevenção e controle da infestação, como também a importância do uso diário do pente-fino para prevenção da pediculose. E, também, levar à comunidade escolar a compreender que a saúde é um direito de todos e tem a sua dimensão histórica e social como fator essencial para o crescimento e desenvolvimento do ser humano, conscientizando-os que a busca pela saúde como direito constituído não pode acontecer de forma isolada, fragmentada e sem organização da comunidade em torno de interesses coletivos.

Como metodologia, a escola se propõe a fazer um evento de culminância das atividades continuadas curriculares e extracurriculares do projeto denominado “Dia Educacional da Saúde Capilar”, onde pretenderam gerar momentos privilegiados de relacionamento da escola com a comunidade escolar, com a ação do corte de cabelos, atividade desenvolvida pela escola visando à integração escola e comunidade, que acontecia anterior ao processo de Formação Continuada.

Esse tipo de atividade, prevista no projeto da escola, foi discutida pelo grupo que participou do 2º ENCONTRO da Formação Continuada realizado no Departamento de Biologia - IOC/FIOCRUZ. A ação sofreu críticas e sugestões específicas do pesquisador Júlio Vianna Barbosa, e as professoras foram orientadas a realizar uma prévia capacitação dos profissionais cabeleireiros, no que se refere aos cuidados a serem tomados em relação à pediculose, pois o momento poderia, sem os devidos cuidados, ser propício para a propagação da ectoparasitose. Foi acordado que a ação só aconteceria após a capacitação desses profissionais, o que de fato ocorreu com sucesso, depois de idas e vindas das professoras, sendo um ponto de dificuldade que foi colocado por elas para a implantação do projeto na escola.

Além do corte de cabelos, durante o evento foram discutidas as orientações sobre o uso do pente-fino com a distribuição do referido material, oficina sobre a preparação do xampu “natural”, e o reconhecimento das ervas utilizadas. Tanto o xampu quanto as ervas, já eram do conhecimento da comunidade escolar. As educadoras chamaram a atenção para a sensibilidade à luz solar da arruda, como também, para os devidos cuidados que deveriam ser tomados durante a sua utilização. Fecharam o evento fazendo a leitura e distribuição da cartilha “Tire esse bicho da cabeça”.

As educadoras encontram dificuldades em implementar o projeto e apontam, também, como dificuldade “*o entrosamento dos demais profissionais para colocarem o projeto em prática*”, e a dificuldade de implementar “*a capacitação dos profissionais de corte de cabelos, que após alguns desencontros, foi realizada*”.

Como outra dificuldade, as educadoras fizeram alusão a pouca colaboração e interesse da equipe técnico-pedagógica em sensibilizar o corpo docente, alegando que a escola é muito grande e possui vários problemas e projetos, havendo pouco tempo para o desenvolvimento deles e cumprimento da grade curricular.

Apesar das dificuldades encontradas, as educadoras seguiram em frente, cooptando colegas que acreditam na importância desse trabalho, e afirmam ter observado mudança de hábitos, atitudes e valores por parte dos educadores que participaram do repasse dos pontos relevantes da Formação Continuada dentro da escola (professores de 1ª a 4ª série e alguns do 2º segmento – 5ª série). Eles passaram a ter uma postura de trabalhar a informação com mais segurança e não mais se omitirem ou mandar em bilhetinhos para casa, quando se deparam com o aluno infestado na sala de aula.

O tema passou a ser trabalhado como parte do currículo desses professores, pois sendo a pediculose uma realidade no ambiente escolar era difícil de ser abordada, pela falta de informações corretas. Era corriqueiro o fato dos professores associarem o piolho à falta de higiene pessoal e à classe social a que os alunos

pertencem, muitos desses vivem abaixo da linha de pobreza, o que gerou o apelido da escola de “mendigão” pela própria comunidade escolar, fato que merece um estudo mais aprofundado.

As educadoras, por considerarem a temática de extrema importância e por considerá-la como eixo norteador para várias discussões sobre a Educação para a Saúde nos espaços formais e não formais de educação, solicitam que os encontros com as educadoras que participaram da Formação Continuada passem a ser sistemáticos, pois é uma forma delas compartilharem as suas experiências com seus êxitos e fracassos. Quanto à proposta de continuidade desse pequeno grupo, nos reportamos a Marin et al (2000):

[...] É esse pequeno grupo, com configurações variadas, que troca informações sobre a escola e/ou professores, bem como sobre as escolhas realizadas. É ainda o pequeno grupo que delineaia alguns procedimentos para organizar as equipes de trabalho ou grupo de professores participantes das atividades.

No ANEXO X, encontramos cinco projetos desenvolvidos pelas escolas supracitadas.

7. CONCLUSÃO

Verificamos que as escolas que desenvolveram ações pontuais e/ou continuadas, de acordo com as suas especificidades, apresentaram resultado igual ao das escolas que desenvolveram projetos pedagógicos, no que se refere à diminuição de alunos parasitados por piolhos (Fluxograma 5.2, p.49).

Ressaltamos, para a nossa pesquisa, a importância do registro, por meio de projeto pedagógico, plano de ações, etc., pois o ato do registro no espaço escolar não é uma rotina, o que leva os profissionais a não desenvolver um trabalho dentro de uma perspectiva de avaliação das ações, de realimentação e, de reestruturação do processo pedagógico, fato que resulta na conotação de trabalho estanque, descaracterizando “o processo” e, também, reforça o discurso profissional: “tem muito projeto para ser desenvolvido!”, “mais um projeto?” E “nem sabemos como vamos dar conta de tanto projeto!”

Acreditamos que a prática do registro e da avaliação crítica e autocrítica contribuem de modo significativo para um olhar mais crítico, holístico e profissional acerca da sistematização e organização do projeto pedagógico e plano de ações. As interlocuções entre os pares e a busca de pontos comuns entre esses registros devem ser trabalhados de forma interdisciplinar, conforme preconiza os Parâmetros Curriculares nacionais (1998), para um ganho real de qualidade no ensino.

Apesar das dificuldades surgidas durante o período de estudo e implementação dos projetos, as educadoras não fizeram nenhuma resistência no tocante ao desenvolvimento do trabalho, e nem quanto à postura que tiveram de tomar em

relação aos alunos infestados. Muito pelo contrário, passaram a trabalhar com muito mais segurança, a não mais se omitirem ou mandarem bilhetinhos para casa quando se depararam com alunos (as) infestados por piolhos e lêndeas na sala de aula.

Alunos, pares e responsáveis estão mais orientados a respeito da prevenção da pediculose e suas conseqüências, tomando ciência de que “o pilho não estava matriculado na escola”. Passaram a dar mais crédito às falas e orientações das educadoras, a questionar as falsas propagandas dos remédios que dizem matar os piolhos e as lêndeas e a disseminar que, sem o uso diário do pente-fino como forma de prevenção e a catação das lêndeas, associado ao uso correto do pente fino, faz com que o ciclo da pediculose recomece.

Tendo como ponto de partida a Formação Continuada em Pediculose: Quando o Piolho invade a aula e o Professor (a) afasta o aluno (a), as educadoras tomaram a consciência da importância de desenvolver sistematicamente: atividades curriculares participativas com os alunos, buscando apropriação de saberes, mudança de hábitos e atitudes que propiciem o autocuidado com o corpo, a Formação Continuada no espaço escolar e encontros que propiciem troca de experiência e saberes com a comunidade escolar.

Posto isso, visamos, com esse estudo, a buscar indícios que pudessem desvelar se um trabalho sistematizado a ser desenvolvido nas escolas, após Formação Continuada das educadoras sobre a temática pediculose, pode colaborar para gerar conhecimentos na comunidade escolar e apontar para uma mudança de hábitos e de atitudes, levando a uma redução de alunos infestados por **Pediculus humanus capitis**. Logo, concluímos que:

1. Os sujeitos que participaram da ação de “Formação Continuada em Pediculose: Quando o piolho invade a aula e o professor(a) afasta o(a) aluno(a)”, entraram num processo de desconstrução e construção de novos paradigmas e conhecimentos sobre o tema;

2. As educadoras envolvidas no estudo obtiveram conhecimentos de cunho técnico-científico-pedagógico, o que possibilitou a mudança da sua forma de olhar a enfermidade como falta de higiene, e trabalharem a morbidade pediculose como doença, deixada de lado pelos serviços de saúde e educação, desde a esfera Federal à Municipal, não sendo vista como problema de Saúde Pública por essas instituições;

3. Os alunos passaram a ser mais colaborativos e cuidadosos com eles próprios e com os colegas que aparecem infestados na sala de aula, colocam o assunto de forma natural, sem preconceitos e “aconselham” o tratamento: catação e uso diário do pente-fino, reconhecendo o (a) colega como portador de uma parasitose e não mais o (a) “porco (a)”, o (a) “piolhento (a)”;

4. Um trabalho educacional voltado para a educação em saúde, tendo como perspectiva a promoção de saúde da comunidade em que a escola está inserida, visando não só ao controle da pediculose, mas também a outros agravos à saúde, contribui para a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos e cidadãs da comunidade em que a escola está inserida, como espaço de educação, construção e aquisição de conhecimentos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

André M, Mediano Z. O Cotidiano da escola: elementos para a construção de uma didática fundamental. In: Candau, Vera Maria (Org.) Rumo a nova Didática. 15ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

Barbosa JV. Infestação e Doenças Causadas por Ectoparasitas. In: Coura JR (Org.) Dinâmica das Doenças Infecciosas e Parasitárias. Vol.1, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p. 461-464 2005.

Barbosa JV, Pinto ZT. Tire esse bicho da cabeça: Disque pilho. Instituto Oswaldo Cruz/FIOCRUZ. Departamento de Biologia, 1998.

_____. Pediculose e seu Controle. In: I Seminário do Mercosul sobre Pediculose, Escabiose e Tungíase: Uma abordagem Interdisciplinar dos seus Problemas e Cuidados. Caderno de Resumos. São Leopoldo-RS, p. 65-66, 2004.

_____. Pediculose no Brasil. In: II Encuentro nacional de Entomologia Medica y Veterinária. Caderno de Resumos. Uruguay. p.579 – 586, 2003.

Bardin L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Lei 9.394/96. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. 9ª ed. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. Lei 8.069/90. Estatuto da Criança e do Adolescente. Centro de Estudos e Pesquisas Primeira Vara da Infância e da Juventude: Departamento Gráfico da ALERJ, 2003.

BRASIL. Referenciais para Formação de Professores. 2ª edição. Brasília: MEC/SEF, 2002.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais – Temas Transversais: Meio Ambiente e Saúde. 3ª ed. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Constituição Federal de 1988. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. As Cartas da Promoção da Saúde: MS, 2002.

[Acesso: 24 de out. 2005]. Disponível em www.saude.gov.br/lvs/conf_tratados.htm

Candau VM. A formação de educadores: uma perspectiva multidimensional. In: Canau VM (Org.) Rumo a nova Didática. 15ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

Branco CAC, Moreira E, Monteiro S. Aids e educação: Um convite à Prevenção. Rio de Janeiro: ABIA, 1996.

Castex M, Suárez S, Cruz AM. Presencia de pediculosis en conviventes con niños positivos a *Pediculus capitis*. Havana: Revista Cubana de Medicina Tropical, vol.5, n.3, p.225-227, jul, 2000.

Charlier É. Formar Professores Profissionais Para Uma Formação Contínua Articulada à Prática. In. Évelyne C, Paquy L, Allet M.

Chosidow O. Scabies and Pediculose. Lancet, 355 (9206): 819-826. 2000

Demo P. Política Social, Educação e Cidadania. 6ª ed. Campinas: Papirus, 2005.

_____. Educar pela Pesquisa. 6ª ed. Campinas: Editores Associados, 2003.

Falsarella AM. Formação Continuada e a prática de sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor. Campinas: Autores Associados, 2004.

Feuerwerker L. Educação Continuada x Educação Permanente. In: Aprendendo a fazer educação além da escola. Revista RET-SUS. Ano I n.2, p. 4-7, out. 2004.

Freire P. Pedagogia da Autonomia. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1999.

_____. Pedagogia do Oprimido. 39ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 2004.

_____. Educação e Mudança. 28ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 2005.

Imbernón F. Formação Docente Profissional. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Lelis IA. A prática do educador: compromisso e prazer. . In: Candau VM (Org.) Rumo a nova Didática. 15ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

Linardi PM. Anoplura. In: David Pereira Neves (Org.) Parasitologia Humana. 10ª ed. São Paulo: Atheneu, 2000.

Longo P, Silva EF. O livro das Oficinas. 3ª ed. Rio de Janeiro: Velocípede, 1997.

Lüdke M , André M. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo: E.P. U, 1986.

Lüdke M. O educador: um profissional. In: Candau VM (Org.) Rumo a nova Didática. 15ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2003.

Marin AJ (Org.) Educação Continuada: Reflexões, alternativas. Campinas: Papirus, 2000.

Maranhão DG. O processo saúde-doença e os cuidados com a saúde na perspectiva dos educadores infantis. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 16(4): 1143-1148, out-dez, 2000.

Mohr A. Análise do Conteúdo de 'Saúde' em livros didáticos de Ciências. Rev. Ciência & Educação, v.6, n.2, p.89-106, 2000.

Nóvoa A (2001). Professor se forma na escola. [Acesso em: 22 de maio. 2005] Disponível em http://novaescola.abril.com.br/ed/142_mai01/html/fala_mestre.htm

_____. Formação de Professores e profissão docente. In: Nóvoa, António (Coord.). Os professores e sua formação. 3ª ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

Perrenoud P (org). Formando Professores Profissionais. 2. ed. Porto Alegre: Artimed, 2001.

RIO DE JANEIRO. Secretaria Municipal de Educação de Itaboraí – Projeto Político Pedagógico, 2003.

Santos OD. Escolas Promotoras de Saúde. In: Liberal EF (Org.) Construindo Escolas Promotoras de Saúde. São Paulo: Editora Atheneu, 2003.

Souza WA, Vilas Boas OGC. Orientação sobre o uso de vitamina A na saúde escolar: comparações e técnicas pedagógicas. *Ciência & Saúde Coletiva*, 9 (1): 183-190, 2004.

Tostes, CA. Educação: Direito e condição para aquisição consciente da cidadania. Castro – PR: Bárbara S. R. Tostes & Cia. Ltda, 2004.

Tivelato S, Frateschi L. Um Programa de Ciências para Educação Continuada. In: Carvalho AMP (Org.) Formação Continuada de Professores: Uma Releitura das áreas de Conteúdo. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

Valla VV. Educação, Saúde e Cidadania: Investigação Científica e Assessoria Popular. *Cadernos de Saúde Pública*. Rio de Janeiro. 8 (1): 30-40, jan/mar,1992.

Vigotsky LS. *Psicologia Pedagógica*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

Zabala A. *A Prática Educativa: Como ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.